

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE TEOLOGIA

VANDERLEI MENGUE BOCK

**O CULTO AOS MORTOS COMO LUGAR TEOLÓGICO A PARTIR DO  
TRATADO: O CUIDADO DEVIDO AOS MORTOS EM SANTO AGOSTINHO**

Porto Alegre  
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

VANDERLEI MENGUE BOCK

**O CULTO AOS MORTOS COMO LUGAR TEOLÓGICO A PARTIR DO  
TRATADO: O CUIDADO DEVIDO AOS MORTOS EM SANTO  
AGOSTINHO**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia na área de concentração em Teologia Sistemática.

Linha de pesquisa: Teologia, Experiência Religiosa e Pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre  
2018

VANDERLEI MENGUE BOCK

**O CULTO AOS MORTOS COMO LUGAR TEOLÓGICO A PARTIR DO  
TRATADO: O CUIDADO DEVIDO AOS MORTOS EM SANTO  
AGOSTINHO**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia na área de concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin  
(Orientador – PPGTeo/PUCRS)

---

Prof. Dr. Érico João Hammes  
(PPGTeo/PUCRS)

---

Prof. Dr. Urbano Zilles  
(PPGTeo/PUCRS)

Porto Alegre  
2018

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida.  
A vocação sacerdotal e por ter me possibilitado chegar até aqui.

Pois, ***“Tudo para maior glória de Deus”***.

Agradeço aos professores.

Ao meu orientador, Dom Leomar Brustolin.

Agradeço em especial a **Mãe Igreja**.

## RESUMO

O objetivo da dissertação é refletir sobre o culto aos mortos como lugar teológico. O trabalho foi desenvolvido com pesquisa bibliográfica, nucleada pelo tratado *De Cura pro Mortuis Gerenda* (**O Cuidado Devido aos Mortos**) escrito por Santo Agostinho em 421, como resposta à consulta feita pelo bispo Paulino de Nola, a respeito da vantagem de se sepultar um cristão junto ao túmulo de um santo ou mártir. Esta dissertação é composta de três partes. Na primeira, aborda-se o significado do culto aos mortos na fé cristã, passando pelos conceitos de oração, reverência e comunhão dos santos à luz da Tradição e do Magistério da Igreja. Na segunda parte, apresentam-se os aspectos importantes a respeito do culto aos mortos em Santo Agostinho; especialmente a mediação entre vivos e mortos, a teologia agostiniana sobre a morte e o significado do corpo nessa escatologia. A terceira parte reflete sobre o culto aos mortos como lugar teológico. Aborda o sentido teológico da morte, a liturgia da morte, a sacralidade do cadáver, o ritual de exéquias e o sentido da missa de sétimo dia, demonstrando que esse culto favorece aos mortos pela oração, comunhão dos santos, a importância do purgatório e as indulgências, culminado na ressurreição da carne.

**Palavras-chave:** Morte. Oração. Comunhão dos Santos. Memória. Exéquias.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to reflect on the cult of the dead as theological locus. Our bibliographic research has its foundation on Saint Augustine`s treatise *De Cura pro Mortuis Gerenda (On Care to be Had for the Dead)* written in 421, in response to a query raised by bishop Pauline of Nola regarding the advantage of burying a christian near the grave of a saint or martyr. This paper is divided into three parts. The first deals with the meaning of the cult of the dead in the christian faith, including the concepts of prayer, reverence and the Communion of Saints in the light of the Tradition and Magisterium of the Church. In the second part, we present the key aspects regarding the cult of the dead in St. Augustine, especially the mediation between the living and the dead, augustinian theology about death and the meaning of the body according to his eschatology. The third part reflects on the cult of the dead as theological locus. It addresses the theological meaning of death, the liturgy of death, the sacredness of the corpse, the funeral celebrations and the meaning of the 7<sup>th</sup> day Requiem Mass, demonstrating that such cult favors the dead through prayer, the Communion of Saints, the importance of purgatory and indulgences, culminating in the resurrection of the body.

**Keywords:** Death. Prayer. Communion of Saints. Memory. Funeral Celebrations.

## SINTESI

Lo scopo della tesi è di riflettere sul culto dei morti come luogo teologico. Il lavoro è stato sviluppato con ricerca bibliografica centrata nel trattato *De Cura pro Mortuis Gerenda* (La cura dei morti) scritto da Sant'Agostino nel 421, in risposta alla consultazione fatta dal vescovo Paulino de Nola, sul vantaggio di seppellire un cristiano vicino alla tomba di un santo o martire. Questa tesi è composta da tre parti. La prima parte si riferisce al significato del culto dei morti nella fede cristiana, attraverso i concetti di preghiera, riverenza e comunione dei santi alla luce della Tradizione e del Magistero della Chiesa. Nella seconda parte vengono presentati gli aspetti importanti sul culto dei morti in Sant'Agostino; specialmente la mediazione tra i vivi e i morti, la teologia agostiniana sulla morte e il significato del corpo in questa escatologia. La terza parte riflette sul culto dei morti come luogo teologico. Affronta il senso teologico della morte, la liturgia della morte, la sacralità del cadavere (salma), il rituale delle esequie e il senso della Messa del settimo giorno, dimostrando che questo culto favorisce ai morti attraverso la preghiera, la comunione dei santi, l'importanza del purgatorio e indulgenze culminate nella risurrezione della carne.

**Parole Chiave:** Morte. Preghiera. Comunione dei Santi. Memoria. Esequie.

## SUMÁRIO

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 O CULTO AOS MORTOS</b> .....	13
1.1 A REVERÊNCIA AOS MORTOS.....	14
1.2 SEPULTAR OS MORTOS .....	19
<b>1.2.1 Pensar e chorar os mortos</b> .....	23
<b>1.2.2 O luto</b> .....	27
1.3 O SENTIDO DA ORAÇÃO .....	30
1.4 REZAR PELOS MORTOS .....	33
1.5 O MEMENTO DOS MORTOS NA EUCARISTIA .....	36
1.6 O RITO DE ENCOMENDAÇÃO .....	39
1.7 A COMUNHÃO DOS SANTOS .....	41
<b>2 O CULTO AOS MORTOS EM SANTO AGOSTINHO</b> .....	44
2.1 O TRATADO <i>DE CURA PRO MORTUIS GERANDA</i> .....	47
2.2 A ORAÇÃO NA SEPULTURA .....	50
2.3 A MEDIAÇÃO ENTRE VIVOS E MORTOS .....	52
2.4 A MORTE NA TEOLOGIA AGOSTINIANA .....	54
2.5 O CORPO NA ESCATOLOGIA AGOSTINIANA .....	55
<b>2.5.1 A ressurreição do corpo</b> .....	58
<b>2.5.2 O cuidado devido ao cadáver</b> .....	60
2.6 OS MORTOS E O TEMPO DA MEMÓRIA.....	62
2.7 O DESTINO FINAL DA VIDA HUMANA .....	64
2.8 AVALIAÇÃO DO TRATADO .....	65
<b>3 O CULTO AOS MORTOS COMO LUGAR TEOLÓGICO</b> .....	67
3.1 O SENTIDO TEOLÓGICO DA MORTE .....	67
<b>3.1.1 A morte de Cristo</b> .....	70
<b>3.1.2 A morte do cristão</b> .....	72
3.2 CELEBRAR A MORTE.....	74
<b>3.2.1 A sacralidade do cadáver</b> .....	74
<b>3.2.3 O velório:</b> .....	78
<b>3.2.4 O ritual de exéquias</b> .....	80
<b>3.2.5 O sepultamento e o cemitério</b> .....	84
<b>3.2.6 A cremação e o columbário</b> .....	87
<b>3.2.7 O sétimo dia e o dia de Finados</b> .....	89
3.3 O CULTO QUE FAVORECE OS MORTOS .....	91



3.3.1 A oração pelos mortos .....	93
3.3.2 As indulgências .....	95
3.3.3 O purgatório .....	97
3.4 A COMUNHÃO DOS SANTOS .....	99
<b>CONCLUSÃO</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	108

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DH - Heinrich Denzinger e Peter Hünermann, Compêndio dos Símbolos , Definições e Declarações de Fé e Moral

IGLH - Introdução Geral sobre a Liturgia das Horas

LG - *Lumen Gentium*

CCE - *Catechismus Catholicae Ecclesiae (Catecismo da Igreja Católica)*

## INTRODUÇÃO

“O homem é o único animal que acende fogo e enterra seus mortos”.<sup>1</sup> Há milhares de anos, todos os dias, essa cena é repetida pelo homem no mundo. Mesmo sendo algo natural e cotidiano, a morte sempre provoca nas pessoas diferentes sentimentos: dor, medo, tristeza, saudade, alívio e esperança. A morte é um instante do qual não conseguimos mensurar a distância que nos encontramos. Contudo, o homem teme a morte e busca fugir dela.

O presente trabalho tem seu ponto de partida numa pergunta feita por Paulino de Nola, bispo da Igreja Católica no sul da Itália, para Santo Agostinho no ano de 421: “Ao morrer, a pessoa falecida sendo sepultada ao lado do túmulo de um mártir ou santo logra algum favor no céu?”<sup>2</sup> A resposta da breve pergunta se realiza pelo tratado *De cura pro mortuis gerenda* (O Cuidado Devido aos Mortos).

No desenvolvimento do tratado, Agostinho responde ao questionamento de Paulino de forma clara, segura e objetiva, informando quais os meios que podem ajudar à salvação dos mortos. Contudo, seu tratado vai mais adiante, pela riqueza teológica produzida por Agostinho é possível destacar importantes subsídios que ajudam a fundamentar e compreender que todo o culto relacionado aos mortos é na verdade um lugar teológico, local em que é possível encontrar e conhecer a Deus. Este se torna o foco principal dessa dissertação: O culto aos mortos como um lugar teológico.

Para a elaboração deste trabalho foi utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica, tendo como texto nuclear o tratado *De cura pro mortuis gerenda* do próprio Agostinho de Hipona, e demais escritos seus, confrontando e corroborando com outras obras interligadas ao tema da dissertação. É importante salientar que não se trata de um estudo sobre a escatologia agostiniana, mas, sim, de uma reflexão em torno dos ritos que envolvem a morte e se constituem como um lugar teológico. Pois, o *locus theologicus*, está relacionado com a verdade e possui grande valor antropológico para os homens, pois revela a presença salvífica de Deus.

---

<sup>1</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 43.

<sup>2</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 142.

A dissertação foi desenvolvida em três capítulos. No primeiro, apresenta-se o culto aos mortos na tradição cristã, buscando ressaltar a reverência que sempre foi dada aos mortos pelo sepultamento e pelas orações pessoais, comunitárias e da Igreja. Trata-se de aprofundar sobre o lugar da oração pelos mortos na missa e nos ritos de encomendação, incidindo no pensar e no chorar a morte que terminará abordando a problemática do luto. Ao final deste capítulo, reflete-se sobre a comunhão dos santos.

Na segunda parte, estudam-se alguns aspectos importantes a respeito do culto dos mortos em Santo Agostinho, a partir de seu tratado *De cura pro mortuis geranda*, tais como: a eficácia ou não da oração junto à sepultura e a mediação entre os vivos e os mortos. Aborda-se também o sentido da morte e do corpo na escatologia agostiniana; a ressurreição do corpo e o cuidado devido ao cadáver.

O capítulo final, trata do culto aos mortos como lugar teológico, ressaltando o sentido teológico da morte. Reflete-se como a morte de Cristo e do cristão estão relacionadas entre si e com o mistério pascal. Em seguida, apresenta-se a liturgia da morte, a sacralidade do cadáver e o culto da memória. Ainda, se busca evidenciar aspectos relacionados com o velório, as exéquias, o sepultamento, cremação, o cemitério e o columbário. Também reflete sobre as missas de sétimo dia e o dia de finados, salientando que esse culto favorece aos mortos na comunhão dos santos na Igreja Celeste e as almas que se encontram no purgatório sendo purificadas. A importância da oração pelos mortos e das indulgências, finalizando na pedra fundamental da fé cristã, a ressurreição da carne.

Diante do mistério da vida e da morte, somente pelo dom da fé se pode afirmar que para ressuscitar com Cristo, é preciso antes morrer com Ele e permitir que esse corpo e alma possam ir habitar junto Dele. Credo que a morte é uma transformação realizada por Cristo. Morte e transformação que Ele próprio sofreu modelarmente. Pois, para os que creem, conforme diz a prefácio da missa dos fiéis defuntos I, “a vida não é tirada, mas transformada”<sup>3</sup> desfazendo esse corpo mortal nos será dado um novo corpo glorioso, uma nova vida na Glória.

---

<sup>3</sup> MISSAL Romano, p. 462.

## 1 O CULTO AOS MORTOS

As construções fúnebres são alguns dos primeiros vestígios da cultura humana.<sup>4</sup> Abundam em museus fragmentos arqueológicos de sepulturas. O túmulo designava o local exato do culto funerário, porque tinha por objetivo transmitir às gerações seguintes a lembrança do defunto. Da nomenclatura *monumentum*, proveniente de ‘memória’, surge o termo *túmulo* que, posteriormente, torna-se um memorial.<sup>5</sup> O homem sempre acreditou que a vida supera a morte, por isso, faz memória de seus mortos.

Uma poderosa e monumental expressão cultural, nos primórdios da história da humanidade, foi a civilização egípcia. A mais importante obra, que provavelmente duraria por todo o reinado de um faraó, era sua tumba. Praticamente quase todas as construções da civilização dos faraós eram fúnebres. Para construir essas sepulturas aos reis, milhares de escravos devotaram sua vida.<sup>6</sup> Os demais povos do Oriente Médio antigo, de maneira semelhante aos egípcios, porém com características próprias, viviam em vista da outra vida.

Os sumérios, babilônios e assírios enfrentavam a morte com um pessimismo profundo. Na mitologia mesopotâmia, os deuses reservavam a vida para si mesmos e repartiam a morte entre os humanos.

O povo de Israel, contudo, não desenvolveu semelhante culto aos mortos porque a religião do Antigo Testamento concentrava-se na exaltação da vida. O ato de cultuar os falecidos foi totalmente excluído do território de Israel. O israelita fala de sua experiência e relação com Deus, e a morte começa quando Javé abandona o ser humano.<sup>7</sup> Por isso, “devemos reconhecer que nos escritos mais antigos do Antigo Testamento não encontramos explícita tal escatologia. Reina aí a concepção de que depois da morte o homem passará a uma existência de trevas”.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> TERRA, João. *Os mistérios da vida de Jesus*, p. 198.

<sup>5</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 270.

<sup>6</sup> TERRA, João. *Os mistérios da vida de Jesus*, p. 199.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 199.

<sup>8</sup> ZILLES, Urbano. *Esperança para além da morte*, p. 39.

## 1.1 A REVERÊNCIA AOS MORTOS

Diante do acontecimento natural chamado morte, muitos são acometidos por reações bem diversas. Quanto maior ou menor for o laço de afetividade, maior ou menor será o sentimento de dor pela perda, influenciando diretamente naquilo que se refere à fé. Cada ente querido que tomba ao nosso lado se torna uma ferida em nossa vida.

Tudo o que os cristãos podem dizer acerca da morte tem como fonte a Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, a experiência da morte aparece de maneira profundamente ambígua. Por um lado, ela é vivenciada como o término natural da vida, por outro lado, é sentida como provação e maldição. Javé é o Senhor da vida e da morte. (Dt 32, 39).<sup>9</sup>

Nesse contexto, são escassos os textos bíblicos que professam a crença na vida após a morte no Antigo Testamento. Não havia esperança de sobrevivência individual após a morte: “Toda a espiritualidade bíblica, na fase pré-exílica, consiste paradoxalmente na exaltação da abundância material, da posse da terra, da riqueza, da fecundidade, da longevidade”<sup>10</sup>. Todas as graças de Deus, conferidas a Abraão, têm o mesmo princípio: “Que Deus Todo-Poderoso te confira o orvalho do céu, a fecundidade da terra, a abundância de trigo e vinho.” (Gn 27,28). Não existindo alusão a uma vida futura, toda e qualquer recompensa faz referência à vida. O ato de cultuar os mortos exercido no mundo oriental, forçou Israel a desmitificar a morte para não corromper a pureza da crença em Javé.<sup>11</sup>

A crença israelita num Deus único não aceitava qualquer forma de reverência aos mortos, diferentemente de outros povos do mundo antigo. Para o Antigo Testamento não existe honra alguma na morte. A Lei de Moisés declarava impuro tudo o que, de qualquer modo, estivesse em contato com a morte: “Quem tocar o cadáver de um homem qualquer será impuro sete dias.” (Nm 19,11). O medo de se tornar impuro pelo contato com mortos teve uma grande eficácia sobre o judaísmo. Tocar até mesmo nos objetos utilizados pelos falecidos tornava o homem impuro:

---

<sup>9</sup> BRUSTOLIN, Leomar; PASA, Fabiane. *A morte na fé cristã: uma leitura interdisciplinar*, p. 63.

<sup>10</sup> TERRA, João. *Os mistérios da vida de Jesus*, p. 200.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 200.

Qualquer objeto sobre o qual cair morto um desses bichos ficará contaminado quer seja madeira, vestido, pele, roupa de pelos ou qualquer utensílio de trabalho; deve ser passado na água e ficará impuro até à tarde; depois, estará purificado. Se um desses bichos cair dentro de uma vasilha de barro, todo o conteúdo ficará impuro e deveis quebrá-lo. (Lv 11,32-33).

Os mortos são desprezados, basicamente, por dois grandes motivos: primeiro, torna impuro quem toca nele, o morto é uma maldição; segundo, os mortos não podem louvar ou amar a Deus, deixando transparecer que Deus não tem poder sobre aqueles que estão na região dos mortos. O salmo diz: “Porque no seio da morte não há quem de vós se lembre; quem vos glorificará na habitação dos mortos?” (Sl 6,6). A morte aniquila tudo e todos. O *Sheol* é a terra dos *exilados* para Deus.

A concepção maior no Antigo Testamento sobre a morte é que ela determina uma finitude total: morrer é o fim. O corpo para os israelitas é simplesmente um corpo animado, não consideram a alma presente. A morte caracteriza-se pela perda do ânimo do corpo, e o morto é um corpo inanimado.

No período dos patriarcas, a morte era algo definitivamente natural, bem como nascer, casar, ter filhos e envelhecer. Percebe-se nos textos bíblicos essa concepção. “Abraão morreu numa feliz velhice, idoso e cumulado de anos, e foi reunir-se a seus antepassados.” (Gn 25,8). Chegar à velhice era uma grande bênção de Deus.

O povo de Israel, a partir dos quatro últimos séculos que antecederam à era cristã, deixou-se influenciar por uma corrente agnóstica que o levou a uma atitude crítica, cética e até pessimista quanto à morte. Nos livros sapienciais, emerge a ideia dominante de que a verdadeira sabedoria consiste em gozar uma longa e pacífica vida na Terra (Pr 3,1-3), valorizando a qualidade de vida antes da morte, pois o que acontece depois dela não tem o menor valor.

No *Livro de Jó*, a morte é encarada como um sinal de todos os viventes: justos e injustos, pobres e ricos, cativos e opressores; todos morrem igualmente. (Jó 30,23). Para Jó, do mesmo jeito que se nasce também se morre: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá.” (Jó 3,11-19).

No *Livro do Eclesiastes*, a concepção de morte é mais sombria se for comparada com a que consta em *Provérbios* e em *Jó*. Embora o sábio tenha uma maior vantagem sobre o insensato, ambos terão uma mesma sorte:

Um mesmo destino para todos: há uma sorte idêntica para o justo e para o ímpio, para aquele que é bom como para aquele que é impuro, para o que oferece sacrifícios como para o que deles se abstém. O homem bom é tratado como o pecador e o perjuro como o que respeita seu juramento. Entre tudo que se faz debaixo do sol, é uma desgraça só existir para todos, um mesmo destino: por isso o espírito dos homens transborda de malícia, a loucura ocupa o coração deles durante a vida, depois da qual vão para a casa dos mortos. (Ecl 9,2-3)

No Segundo Livro *dos Macabeus*, nos versículos finais do Capítulo 12, encontra-se o primeiro texto explícito do Antigo Testamento que aborda duas importantes questões: “A esperança na ressurreição daqueles soldados que morreram em defesa da fé; e o valor expiatório dos sacrifícios e orações oferecidos pelos defuntos.”<sup>12</sup>

Ora, sob a túnica de cada um encontraram objetos consagrados aos ídolos de Jâmnia, proibidos aos judeus pela lei: todos, pois, reconheceram que fora esta a causa de sua morte. Bendisseram, pois, a mão do justo juiz, o Senhor, que faz aparecer as coisas ocultas e puseram-se em oração, para implorar-lhe o perdão completo do pecado cometido. O nobre Judas falou à multidão, exortando-a a evitar qualquer transgressão, ao ver diante dos olhos o mal que havia sucedido aos que foram mortos por causa dos pecados. Em seguida, fez uma coleta, enviando a Jerusalém cerca de dez mil dracmas, para que se oferecesse um sacrifício pelos pecados: belo e santo modo de agir, decorrente de sua crença na ressurreição, porque, se ele não julgasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles. Mas, se ele acreditava que uma bela recompensa aguarda os que morrem piedosamente, era esse um bom e religioso pensamento; eis por que ele pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres de suas faltas. (2Mc 12,40-45)

Ainda, o texto bíblico afirma que Judas Macabeu acreditava na ressurreição. Sobre esse ponto, escreveu o exegeta Abadie:

Essa teologia do martírio articula-se estreitamente com a afirmação da ressurreição dos mortos e especialmente “dos corpos”. Um último componente disso é a “comunhão” entre vivos e mortos que se exprime no “sacrifício expiatório, para que fossem absolvidos de seu pecado”, e na intercessão dos santos.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> GONZÁLES, Ángel. LAMADRID, Antonio. GALLEGO, Epifanio. *Comentários à Bíblia Litúrgica*, p. 402.

<sup>13</sup> ABADIE, Philippe. 1 – 2 Macabeus. In: ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Org.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*, p. 784.



Depois da batalha, era expressamente proibido ficar com os espólios dos mortos, tudo deveria ser recolhido e destruído. Nos soldados judeus mortos em batalha, ao terem seu corpo recolhido para receber sepultura, foi descoberto sob suas túnicas imagens de Jâmnia, um deus pagão. “Os soldados, portanto, tinham morrido em estado de pecado, um pecado que, segundo a doutrina da solidariedade, poderia afetar toda a comunidade.” (Js 7,20-26).<sup>14</sup>

Crendo que exista um estado de purificação entre a morte e a ressurreição, durante o qual os vivos podem interceder pelos mortos através da oração e dos sacrifícios de expiação, Judas Macabeu recorre à oração como meio de expiação e salvação para seus soldados mortos. Ele já concebe que os vivos podem ajudar aos falecidos pelas orações de intercessão. Pode-se perceber que as ofertas dos soldados mortos mostram uma crença: vivos ou mortos são partícipes do mesmo povo de Deus e entre eles ocorre uma misteriosa comunicação de intercessão. Nessa situação, foram os vivos que ajudaram os mortos. Como se lê em 2Mc 15, 22-27, foram os mortos que ajudaram os vivos.

No Novo Testamento, a morte é concebida como um grande inimigo a ser derrotado:

Paulo exprime essa concepção, partindo da fé no Crucificado, que é portador da salvação, porque a humanidade que descende de Adão está sujeita à morte. Ele se refere, em primeiro lugar, à morte física, mas compreende também a morte espiritual, a do afastamento de Deus. Ele entendeu a morte como salário do pecado. (Rm 6, 23). A reflexão sobre a morte encontra uma ligação direta com o ensinamento do apóstolo sobre o pecado, a lei, a carne (sarx) e o espírito (pneuma).<sup>15</sup>

Os textos bíblicos relatam três momentos especiais em que Jesus depara-se com situações de morte: Jairo que acorre a Jesus intercedendo por sua filha (Mc 5,22.35-43); a viúva de Naim que perde seu único filho (Lc 7,11-17); e a morte de Lázaro, seu amigo. (Jo 11,1-46). Jesus revoga a morte e lhes restitui a vida. Solidarizado com o sofrimento dessas pessoas, estanca-lhes a dor. Cristo assume os sofrimentos da humanidade, contudo, salienta a dimensão da fé na superação do desânimo pela esperança. Ele próprio afirma para motivar: “Eu sou a Ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.” (Jo 11,15). A missão de Jesus não era restituir a vida àqueles que morriam em torno dele, mas

<sup>14</sup> GONZÁLES, Ángel. LAMADRID, Antonio. GALLEGO, Epifanio. *Comentários à Bíblia Litúrgica*, p. 403.

<sup>15</sup> BRUSTOLIN, Leomar; PASA, Fabiane. *A morte na fé cristã: uma leitura interdisciplinar*, p. 65.

anunciar o Reino de Deus que garante ao homem vida eterna. Sua morte que vence a morte pela morte, gerando vida. Jesus, que é a Vida, vence a morte na vitória final.

Conclui-se, portanto,

Que o pensamento bíblico não nasce de uma experiência ou meditação sobre a morte. Deus não foi pensado ou confessado nessa relação, para tranquilizar o ser humano mortal e lhe assegurar a imortalidade. Não é a sede de imortalidade a matriz da fé bíblica em Deus, nem é a morte que faz nascer o pensamento sobre Deus. Ao contrário, é diante de Deus que o homem bíblico toma consciência da morte: “O homem não pode ver a Deus, e viver” (Ex 33, 20).<sup>16</sup>

O cuidado devido aos mortos sempre foi uma prática cristã. A era dos primeiros mártires atesta essa realidade. Santo Irineu de Lion escreveu sobre São Policarpo, Bispo de Esmirna, discípulo dos Apóstolos que sofreu perseguição por ser cristão. Policarpo, induzido a renegar a fé, afirma: “Sim, sou Policarpo. Oitenta e seis anos são que completo no serviço de Jesus Cristo, e Ele nunca me fez mal algum; como poderia injuriá-lo?”<sup>17</sup> Após o martírio, um capitão romano manda queimar o corpo de Policarpo. A comunidade de Esmirna recolheu os restos mortais de Policarpo como relíquias, um verdadeiro tesouro, para, diante da sepultura, posteriormente, festejar, fazer memória de sua vida e testemunho cristão.

Tiramos das cinzas os ossos, para nós mais preciosos que ouro e pedrarias, e depositamo-los num lugar conveniente, onde esperamos poder, com a graça de Deus, reuni-los, para festejar o dia de seu aniversário, isto é, o dia do seu martírio, que foi o dia 26 de janeiro de 155 ou 156.<sup>18</sup>

É incontestável que o termo *festejar* tenha o sentido de reunir-se para oferecer o santo sacrifício pelo bispo martirizado, “para celebrar com alegria e júbilo o dia do

---

<sup>16</sup> BRUSTOLIN, Leomar; PASA, Fabiane. *A morte na fé cristã: uma leitura interdisciplinar*, p. 67.

<sup>17</sup> LEHMANN, João Batista. *Na luz perpétua*, p. 78.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 79.

nascimento pelo martírio, em memória dos que combateram antes de nós, preparando-nos e fortificando-nos para lutas futuras”.<sup>19</sup>

Posteriormente, na Idade Média, uma série de obras iconográficas, como, por exemplo, a morte da Virgem Maria e a deposição no sepulcro dos santos, vai influenciar, diretamente, no cuidado devido aos mortos no cristianismo. A Virgem Maria, no leito de morte, é retratada segurando uma vela.<sup>20</sup> Iniciou, então, o costume de colocar nas mãos dos moribundos uma vela para que morressem com a esperança de que a luz iria iluminar seu caminho para o além.

## 1.2 SEPULTAR OS MORTOS

Nas Sagradas Escrituras existem vários relatos no Antigo Testamento, acerca do cuidado com o sepultamento dos mortos. Abraão, ao morrer, foi sepultado por seu filho Isaac numa caverna, em Macpela, junto com sua esposa Sara, em frente de Mambré. (Gn 25,9). Isaac, depois de morto, foi sepultado perto de seus pais Abraão e Sara. (Gn 35,29). Jacó, percebendo que a morte se aproximava e morando no estrangeiro, chamou seu filho José e pediu: “Se tens alguma afeição por mim, peço-te que ponhas a tua mão sob a minha coxa para jurar que procederás para comigo com bondade e fidelidade, não me sepultando no Egito.” (Gn 47,29).

Quando Jacó morreu, José solicitou aos egípcios que embalsamassem o corpo de seu pai para transportá-lo para a Terra de Canaã, cumprindo a promessa de sepultá-lo junto com seu pai Isaac e seus avôs, Abraão e Sara. (Gn 50,13). Percebe-se nesses textos do *Livro de Gênesis* uma das tradições: a dos filhos sepultarem seus pais.

Outro texto bíblico importante, dentro desse contexto, é de Tobit, Pai de Tobias que demonstrou piedoso zelo pelos mortos: “Mas Tobit temia mais a Deus que ao rei e continuava a levar para sua casa os corpos daqueles que eram assassinados, onde os escondia e os inumava durante a noite.” (Tb 2,9). Tobit mostra-se um homem fiel a Deus e ensina que as práticas de esmola, do amor aos pais, da oração e do respeito pelos mortos serão muito bem-recompensadas por Deus.

---

<sup>19</sup> GOMES, Cirilo. *Antologia dos santos padres*, p. 55.

<sup>20</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 186.

No Novo Testamento, encontra-se o seguinte relato: os discípulos de João Batista foram buscar o cadáver de um homem que fora decapitado e o sepultaram. (Mc 6,29). Os Evangelhos atestam que Jesus foi deposto da cruz, envolvido em um lençol de linho e colocado num túmulo escavado na rocha, onde ninguém tinha sido posto. (Lc 23,53). Nas primeiras horas do domingo, transcorridas as obrigações do dia sabático, um pequeno grupo de mulheres partiu em direção ao sepulcro com o objetivo de ungir e preparar o corpo de Jesus para o sepultamento final. “A unção era uma tentativa de deter a morte, para subtrair o cadáver à decomposição.”<sup>21</sup>

No livro *Atos dos Apóstolos*, igualmente se atesta que, após a lapidação de Estêvão, seus irmãos recolheram seu corpo e lhe deram sepultura. (At 8,2). Era costume dos cristãos recolherem os restos mortais dos mártires e sepultá-los com veneração. Assim, o ato de sepultar era visto pela Igreja, como sendo uma grandiosa obra de caridade não importando o credo religioso do morto. Caso um diácono da Igreja primitiva morasse numa região litorânea, deveria patrulhar a costa com a finalidade de encontrar naufragos, vesti-los e lhes conferir sepultura.<sup>22</sup> Já na cidade de Atenas, quem se deparasse com um morto na rua era responsável pelo seu enterro.<sup>23</sup> O direito ao enterro e a um lugar no cemitério tornam-se norma obrigatória a partir do cristianismo.

O *coemeterium*, ou cemitério, é o nome dado ao local onde eram sepultados os mortos.<sup>24</sup> Esse termo surge entre judeus e cristãos. Os pagãos usam a expressão “casa onde se dorme” para designar *cemitério*. Os cristãos da África chamam de “área” e, em Roma, também era utilizado o nome *accubitorium*, como sinônimo para cemitério. Cemitério significa lugar onde se dorme.

O primeiro relato escrito sobre o uso de cemitérios foi de Tertuliano, por volta do ano 180, abordando, principalmente, os cemitérios subterrâneos, conhecidos como catacumbas. Esse tipo de cemitério somente foi possível por conta do solo vulcânico, que é de fácil escavação e da boa resistência das paredes internas, já que esse tipo de solo não servia

---

<sup>21</sup> RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*, p. 207.

<sup>22</sup> HAMMAN, Adalbert. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*, p. 140.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>24</sup> FASOLA, Umberto. *Verbetes: Cemitério*. In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, p. 279.

para o cultivo e, por isso, era bem-adequado a essa finalidade. Na Antiguidade, a sepultura assumia um sentido mais religioso que familiar ou social.<sup>25</sup>

As catacumbas eram construídas em corredores onde nichos eram escavados nas paredes para serem ocupados por dois ou três corpos. Nesses grandes espaços, as pessoas localizavam seus entes inscrevendo nas tumbas nomes e símbolos. O símbolo mais característico utilizado era o desenho das letras em grego que originava a palavra *peixe* – ΙΧΘΥΣ (*ICHTUS*) – *Ιησους Χριστος Θεου Υιος Σωτηρ*, que significa: Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador.<sup>26</sup> Com o passar do tempo, o nome das pessoas passou a ser escrito, e desenhos de barcos e âncoras também eram empregados, fazendo alusão ao porto eterno. Nos tempos atuais, é comum o uso do nome da pessoa, da estrela e cruz com datas, fazendo alusão à estrela de Belém, ao nascimento de Cristo e à cruz do calvário de sua morte.

Um fator que contribuiu para o desenvolvimento dos cemitérios cristãos foi o culto aos mártires, pois o desejo era sepultar pessoas perto do túmulo de santos. Embora tenham ocorrido abusos no século V com a venda de lugares “privilegiados”, isto é, próximos de túmulos chamados *retrosanctos*, a Igreja interveio proibindo o comércio e tornando esses cemitérios verdadeiros santuários. A partir do século IX, com saques reiterados de bárbaros, as relíquias dos santos foram retiradas das catacumbas e transferidas para igrejas dentro das cidades, ocorrendo o declínio e o esquecimento desses locais de culto.<sup>27</sup>

Na comunidade cristã, o sepultamento era o último ato de caridade para com os pobres. “O imperador Juliano atribuía a expansão do cristianismo, antes de tudo, à filantropia para com estrangeiros e ao sepultamento dos mortos.”<sup>28</sup> O fato de alguém ser estrangeiro e estar longe da família e do seu país favorecia a que não obtivesse sepultura na ocasião da morte, pois lhe faltavam os parentes. Os cristãos se distinguiram assim:

Em Roma, as famílias ricas abriam seus jazigos aos pobres da comunidade. Assim, a cripta de Lucino remonta ao século I. As catacumbas eram ocupadas por cristãos de origem modesta, em parte por descendentes de libertos, beneficiados pela concessão funerária. Até na morte, os cristãos,

<sup>25</sup> HAMMAN, Adalbert. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*, p. 139.

<sup>26</sup> FASOLA, Umberto. *Verbete: Cemitério*. In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, p. 280.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 283.

<sup>28</sup> HAMMAN, Adalbert. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*, p. 140.

patrícios ou escravos afirmavam sua comunhão e sua fraternidade em uma mesma esperança.<sup>29</sup>

Foi sobretudo a partir do século XIV que começam a surgir associações de leigos – as irmandades – para ajudar os clérigos no culto e sepultamento dos mortos.<sup>30</sup> No final da Idade Média, as irmandades dão destaque à obra de misericórdia de sepultar os mortos, com a finalidade de sensibilizar o coração dos homens para sua importância: *mortuus sepellitur* (os mortos serão enterrados).<sup>31</sup> O ato de enterrar os mortos é colocado no mesmo nível de caridade que alimentar os famintos, abrigar os peregrinos, vestir os nus, visitar os doentes e encarcerados.

Os santos padroeiros dessas irmandades eram principalmente escolhidos por terem vivido acontecimentos pessoais relacionados com pestes e epidemias, tais como: São Sebastião, São Roque e São Gonçalo. A irmandade contempla três motivações: a) Os mortos ficam garantidos pelas orações dos seus confrades de irmandade e, muitas vezes, eram sepultados dentro da própria capela na qual rezavam; b) A assistência aos pobres, sem condições econômicas. A irmandade realizava esse ato de caridade, sepultando os pobres em campo sagrado. Em Roma, a irmandade *Della Orazione e Della Morte*, fundada em 1560, tinha a finalidade de enterrar no cemitério da capela os cadáveres encontrados ao abandono no campo ou retirados do Tibre.<sup>32</sup> c) Garantir e executar uma bela liturgia fúnebre na igreja e no sepultamento. Muitas paróquias confiavam às irmandades a tarefa de organizar as exéquias, dando principal atenção ao cortejo para o cemitério.

Foi assim que em pouco tempo as irmandades tornaram-se instituições da morte, e assim permaneceram por muito tempo. Seu desenvolvimento no século XIV está ligado às mudanças que fizeram nos funerais e nos cultos para os defuntos, o caráter de solenidade religiosa e de acontecimento eclesiástico.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> HAMMAN, Adalbert. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*, p. 140.

<sup>30</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 243.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 245.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 246.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 247.

Outra influência posterior e importante às irmandades ocorreu na arquitetura das igrejas, ou seja, a construção de capelas laterais com a finalidade de uso funerário.

### 1.2.1 Pensar e chorar os mortos

“Um amor que não dura, não existe em sua verdade absoluta”.<sup>34</sup> Praticamente todas as pessoas já viveram ou viverão a experiência de perderem alguém próximo, amado. A responsável por essa perda é a morte, que é a ladra de todas as pessoas. Diante da morte do outro, quando o ser humano silencia, não interage e desiste de viver, são sintomas representativos que ele próprio também foi envolvido pela morte, de certa forma, um morrer.<sup>35</sup>

O teólogo espanhol, Olegario de Cardedal, analisa em sua obra *Sobre la muerte*, que quatro atitudes são imprescindíveis diante da morte: pensar, lamentar, falar e integrar, e que essas quatro atitudes levam ao chorar.<sup>36</sup> O amor gera esperança, logo, a esperança possibilita que o homem não agonize num silêncio destruidor. Olegario de Cardedal salienta ainda que primeiro grande passo deve ser ‘aceitar’ a morte, tanto pessoal como da pessoa amada, pois a morte não deve ser olhada como um azar do destino, mas consequência da existência feita por um amor criador.<sup>37</sup>

O amor deve gerar vida. Poderia um amor criador gerar a morte? No Antigo Testamento no livro do Gênesis, está escrito: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Depois no Novo Testamento, “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Deus chega ao seu extremo de fazer seu próprio Filho assumir a imagem do homem no mundo e sendo solidários com eles o faz passar pela morte.<sup>38</sup> Deus não cria a morte, pelo contrário, da morte retira a vida. Realiza esse evento para salvar sua criação por meio de um intercâmbio, colocando na vida de Jesus um lugar pessoal em que Deus assume o destino do homem e o homem compartilha seu destino com Deus.<sup>39</sup> Podendo perceber-se

---

<sup>34</sup> CARDEDAL, Olegario González de. *Sobre la muerte*, p. 15.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 18.

agora como a encarnação de Deus e a morte do homem estão interligadas que uma não pode ser compreendida sem a outra.<sup>40</sup>

Encarnación y muerte son para el Hijo dos tramos del mismo camino. Y uno no sabe de cuál admirarse más porque no sabe cuál es la mayor distancia: si del ser a la muerte o de la divinidad a la humanidad.<sup>41</sup>

A morte do Filho de Deus, frágil em sua humanidade e com aniquilamento total é assumida por Deus em condescendência ao destino de seus irmãos mortais e pecadores. Sendo na ressurreição que Deus revela em seu Filho o destino final de suas criaturas, demonstra que não foram feitos para o abismo da morte, mas para a plenitude da vida revelada em Jesus Cristo o Salvador. “A morte deixou de ser a última palavra da realidade e a imperadora da história, Jesus é o sinal e a nova alternativa”.<sup>42</sup>

Agora, antes de começar a pensar sobre a morte, deve-se consentir ‘ela’ como um fato soberano sobre a própria vida. Deve ocorrer um verdadeiro consentimento da pessoa e não um mero aceitar pela razão, pois o simples aceitar é subjetivo não transforma a raiz da pessoa. Diferente do consentimento que nasce na raiz da alma e transforma o ser da pessoa na sua essência.<sup>43</sup>

Asentimos con la razón a ideas o propuestas concretas y consentimos con la voluntad a personas; asentimos a hechos de vida y consentimos a la vida y la muerte como hechos totales, fundantes o cuestionadores de la persona.<sup>44</sup>

Em seu texto Olegario de Cardedal, questiona como pode ser possível uma educação humana e cristã sem descobrir com admiração e assombro o próprio fato da vida ser ao mesmo tempo gratidão e ilusão. Gratidão pela graça criadora de Deus e ilusão pelo grande

---

<sup>40</sup> CARDEDAL, Olegario González de. *Sobre la muerte*, p. 18.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 20.



medo gerado pela morte, pois, na verdade, a morte é condição da vida que conduz para a graça criadora.<sup>45</sup> Isso porque a vida carrega consigo uma vontade inata de afirmar, continuar e consumir sua existência contra a morte.<sup>46</sup>

Viver é uma graça incorruptível e uma atração secreta que a própria existência carrega, mesmo vivendo entre problemas reais. A vida é meio que “abre a porta da esperança antes da morte. O grande salto para a existência foi colocado com vida e a morte não pode anulá-la”.<sup>47</sup> Consentir com a morte é consentir com a gratuidade da existência, aceitar a morte através da porta estreita da própria impossibilidade de ser, perdoar e prolongar o destino, como coloca Olegario de Cardedal, “pois a quem foi dado o poder para experimentar viver como graça, pode pensar e, acima de tudo, pode esperar perceber também morrer como graça”.<sup>48</sup>

Abordando a vontade de Deus, o teólogo espanhol ressalta a diferença entre morte e crime, os crimes jamais podem ser relacionados com a vontade divina. A própria morte de Cristo foi um crime, a morte faz parte do processo de vida e salvação do homem, o morrer é cumprir o ciclo de vida, o crime é interromper esse ciclo. “Contudo o homem é uma criatura assombrosa pode matar por um motivo e morrer por outro”.<sup>49</sup>

Pensar a respeito da morte não é, portanto, imaginar o curso da morte ou a forma de sobrevivência depois dela. Olegario de Cardedal afirma que os teólogos devem relacionar a morte do homem com a morte de Cristo, pois, essa morte gera o encontro com Deus: o Deus da criação, da aliança, da encarnação, da morte e da ressurreição.

O autor ainda descreve a existência de uma sequência de atitudes que iniciam com o ‘pensar’ e culminam no ‘chorar’. Afirma que o choro e riso trafegam no coração humano no movimento alternado de sentidos, trabalhando as alegrias e tristezas, emoções constitutivas da pessoa. O *Livro do Eclesiastes* confirma esse ensinamento com propriedade, “para tudo há um tempo na vida[...] tempo para chorar, e tempo para sorrir” (cf Ecl 3,1-4). Chorar bem como sorrir é uma necessidade do homem, emergindo aquilo que em si transborda para a sua natureza somática, liberando seu impulso pessoal além do que seu corpo dá de si mesmo. O

---

<sup>45</sup> CARDEDAL, Olegario González de. *Sobre la muerte*, p. 20.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 21. “...a quien le há sido dado poder experimentar el vivir como gracia, puede pensar y, sobre todo, puede esperar realizar el morir también como gracia”.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 21.

choro, o sorriso, a ironia e o humor são flores do espírito que brotam da matéria humana e tornam-se transparentes para uma dimensão total e visível de todos.<sup>50</sup>

Homens ou gerações incapazes de verterem suas lágrimas ou suas risadas, foram furtados do transcendente, tornando-se desumanos, pois, o sorrir e chorar são sinais humanos. Descrevem que na geração atual existe uma incapacidade de chorar, aspectos que vivenciados pelos estoicos, socráticos e outras culturas. “O choro seria um sinal de uma incapacidade consensual”,<sup>51</sup> visto como uma covardia diante do destino típico de fracos ou das mulheres, nunca de homem. Porém, o choro verdadeiro só pode realmente nascer de um coração ainda não redimido, que aguarda sua redenção, choro que anseia completar uma plenitude ainda pendente.<sup>52</sup> Exemplifiquemos com os pecados, sinais humanos de imperfeição, em que cada lágrima se torna uma confissão de seu pecado e compreensão de seus limites. Na verdade, todo choro é invocação de consolo, as lágrimas não são sinais de fraqueza, mas sinais de finitude ansiosa pela redenção. Enquanto houver morte os homens elevarão a Deus seus lamentos entre lágrimas.

A Sagrada Escritura possui relatos de homens e mulheres que derramaram suas lágrimas a Deus, reclamações espirituais transformadas em orações.<sup>53</sup> No Antigo Testamento o povo chora a escravidão no Egito (Ex 3,7), no Novo Testamento Cristo chora diante da cidade que não acolhe sua libertação (Lc 19,41). Antes um choro humano ao divino, agora o choro divino pelo humano. As lágrimas de Jesus são o melhor exemplo que Ele realmente é o Emanuel, Deus conosco. Sentir vergonha das lágrimas de Cristo é não reconhecer nelas o amor de Deus,<sup>54</sup> é não reconhecer que Deus é capaz de se compadecer com o homem.<sup>55</sup> Afinal existe uma bem-aventurança que diz: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!” (Mt 5,4). Olegario de Cardedal conclui: “E não é, afinal de contas, uma razão para uma alegria indescritível saber que até mesmo as lágrimas pertencem, não a nós, mas apenas a Deus”.<sup>56</sup>

---

<sup>50</sup> CARDEDAL, Olegario González de. *Sobre la muerte*, p. 27.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 40.

### 1.2.2 O luto

A morte gera uma sequência de atos para os vivos, pois ela é relacional. O primeiro estágio é o velório que visa iniciar a elaboração da perda para posteriormente viver o luto. O velar torna-se tarefa dos vivos. A existência humana é feita de encontros e desencontros, chegadas e partidas. A morte torna-se uma partida forçosa, viagem sem volta em direção à eternidade, sinal de saída do mundo dos viventes. O velório e o sepultamento consistem num grande rito de despedida dos vivos em relação aos mortos. O velório pertence ao mundo dos viventes, pois é neste momento que terão a oportunidade de iniciar a elaboração do luto, de forma mais sensível.

Sendo o velório um momento riquíssimo na elaboração do luto, ninguém deveria ser privado de participar dele. Inclusive as crianças podem e devem participar do velório, se assim elas quiserem. Essa participação, desde que voluntária, será muito importante para elaborarem suas questões sobre a morte. Outro aspecto importante é visualizar o corpo da pessoa morta, não assistir seu sepultamento pode trazer, para alguns, problemas sérios no futuro. Criando a fantasia de que a pessoa não morreu que ela está escondida em algum lugar. Negar uma realidade, fazer de conta que não existe, não anula a sua ocorrência nem atenua os seus efeitos. É preferível enfrentá-la quando ela se manifesta, elaborando-a progressivamente, do que ignorá-la e permitir que suas consequências emocionais se agigantem dentro da pessoa, causando danos, muitas vezes irreparáveis.

Depois do sepultamento, ocorre o luto propriamente dito. A dor da saudade pode permanecer incomodamente no coração do sobrevivente. Dor que muitos não querem demonstrar publicamente. Philippe Ariès cita que existem três tipos de pessoas em luto: primeiro o que se esconde dos outros, uma forma de negação ou vergonha. Segundo guardando tudo para si mesmo; não deseja partilhar suas emoções. Terceiro o que deixa aparecer livremente.<sup>57</sup>

Torna-se evidente que suprimir o luto não se deve à vaidade dos familiares somente, mas a uma determinação impiedosa da sociedade. Esta se recusa a participar da emoção do enlutado, uma maneira de negar a presença da morte, mesmo admitindo, em princípio, sua realidade. O período do luto já não é o do silêncio do enlutado no meio de um ambiente

---

<sup>57</sup> ARIÈS, Phipille. *O homem diante da morte*, p. 780.

solícito e indiscreto, mas do silêncio do próprio ambiente. O enlutado fica isolado em quarentena. Essa oposição ao luto demonstra a força do sentimento que leva a excluir a morte.

O indivíduo não ficava aniquilado e, no entanto, o luto existia, um luto ritualizado. O luto medieval e moderno era mais social do que individual. O socorro do sobrevivente não era a sua única finalidade, nem sua finalidade principal. O luto expressava a angústia da comunidade visitada pela morte, manchada pela sua passagem, enfraquecida pela perda de um dos seus membros. Vociferada para que a morte não voltasse, para que ela se afastasse como as grandes rezas em ladainhas deveriam afastar as catástrofes.<sup>58</sup>

Sem que fosse percebido, foi essa forma de luto que se encarregou, no século XIX, de outra função. Conservou por algum tempo seu papel social, mas apareceu cada vez mais como meio de expressão de uma dor imensa e a possibilidade, para os familiares, de participar dessa dor e de socorrer o sobrevivente.

Com o tempo, o luto chega ao fim. A lembrança deixa de ser somente a dor para se tornar referência para o presente e o futuro. Ausência que ao mesmo tempo se faz companhia. Cabe à sociedade ajudar o enlutado a vencer essas etapas, porque ele não tem forças para fazê-lo sozinho, sendo o luto condição necessária para acolher a morte dos entes queridos.

O luto é sinônimo de perda, tornando-se uma dor indesejável pelas pessoas. A Bíblia está repleta de histórias de homens e mulheres que passaram por aflições, dificuldades, luto, doenças e perdas. Encontramos na Sagrada Escritura o relato da vida de pessoas amadas por Deus que enfrentaram os mais variados tipos de sofrimentos, pessoas como Abraão, José, Moisés, Ana, Davi, Daniel, Oseias, Maria, Estevão, Paulo, etc. O próprio Jesus, embora fosse Deus, nunca houvesse pecado, também conheceu a dor e o sofrimento: “A minha alma está profundamente triste, uma tristeza mortal” (Mt 26,38).

O sofrimento não exclui ninguém. Jesus Cristo advertiu e que não teríamos facilidades: “Neste mundo vocês terão aflições” (Jo 16,33). Contudo, mesmo conscientes, quando o sofrimento alcança a pessoa, não há como evitar a tristeza e a dor.

O luto familiar está presente praticamente na tradição de todos os povos, reveste-se de formas diversificadas, pois “cada cultura desenvolve seu próprio estilo de vida e, com isso,

---

<sup>58</sup> ARIÈS, Phipille. *O homem diante da morte*, p. 785.

sua própria consciência pública de morte”.<sup>59</sup> Na sua etimologia, o vocábulo luto vem do verbo latino *lugere*, cujo primeiro significado é chorar, tendo a forma do particípio do passado, *luctus*, que significa as manifestações desse estado de alma causado principalmente pela morte dos entes queridos, familiares e amigos.<sup>60</sup> O choro doloroso, especialmente das crianças, permanece gravado na memória das pessoas, causando sofrimento maior. Dimensão de certa forma natural que se tornou traumática. Motivos pelos quais a sociedade contemporânea passou a lidar com a morte de forma diferente, sobretudo evitando que as crianças sejam levadas ao cemitério. Atualmente essa situação também se estende as pessoas mais idosas.

Não existe prestígio social em demonstrar publicamente o luto. Aliás, o luto foi escorraçado como uma *persona non grata* pela sociedade. Quando há morte de autoridades e personalidades sucede alguma mensagem de pesar, minuto de silêncio ou bandeiras a meio-mastro, simples formalidades. O luto familiar vem sendo modificado e moldado pela sociedade que o nega. “A sociedade moderna não dispõe de tempo nem de espaço para o luto, assim também não tem mais respeito pelos enlutados e nem os protege”.<sup>61</sup>

As lágrimas manifestam a dor e a dor é fruto da perda. Em algum momento, com maior ou menor consternação, acabam compreendendo que a perda é uma condição imutável e natural da humanidade. Resignar-se é o método de ajustamento pelas perdas na vida.

Embora a morte esperada nos abale menos do que aquela para qual não estamos preparados; embora, no caso de uma doença fatal, o maior choque nos atinja quando sabemos do diagnóstico da doença; embora, algum tempo antes da morte da pessoa amada, façamos uma preparação do ‘luto antecipado’, no começo é sempre difícil, a despeito de toda a preparação, assimilar a ideia da morte da pessoa amada. A morte é um dos fatos da vida que reconhecemos mais com a mente do que com o coração. E geralmente, enquanto nosso intelecto reconhece a perda, o resto de nós continua tentando arduamente negar o fato.<sup>62</sup>

A sociedade atual esconde e não pretende admitir experiências de morte e de luto. Aquele que desejar viver seu luto será marginalizado, devendo viver muitas vezes seu

<sup>59</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início*, p. 148.

<sup>60</sup> MATOS, Manuel. *Ressuscitarão os mortos*, p. 49

<sup>61</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início*, p. 148.

<sup>62</sup> VIORTS, Judith. *Perdas necessária*, p. 245.

sofrimento sem apoio social. As pessoas marcadas recentemente pela perda de um filho, esposo, genitores, dificilmente recebem apoio das outras pessoas, que, na verdade, estando subjugadas, não desejam confrontar esse sofrimento para não lembrarem seu próprio sofrimento. A dor do outro, torna-se novamente minha dor.

### 1.3 O SENTIDO DA ORAÇÃO

O homem é um ser sempre à procura de Deus, pois conserva intrínseco o desejo daquele que o chama à existência. As religiões das mais diversas culturas atestam que o homem busca seu Criador (CCE, n. 2566). O homem busca Deus, e Deus vai se revelando ao homem. No episódio da “Sarça Ardente”, por exemplo, Deus chama Moisés pelo seu nome e se apresenta a ele dizendo: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó.” (Ex 3,5-6). No decorrer da história da salvação, Deus se revela ao homem e, na medida em que essa revelação vai acontecendo, o elo que une Deus e homem é a oração.

Assim, no Antigo Testamento, a oração é de sublime importância, por conta daquilo que caracteriza e constitui a Nação de Israel: o relacionamento com seu Deus. A história de Israel, portanto, é permeada e sustentada pela oração. Em todos os momentos importantes das famílias, clãs e tribos israelitas, ali está o homem em conversação com Deus.<sup>63</sup> “O suplicante no Antigo Testamento, porém, por mais urgente que fosse a sua oração, nunca se esquecia de que estava se dirigindo ao Deus santo e onipotente.”<sup>64</sup>

Entretanto, praticamente, todas as orações israelitas, no Antigo Testamento, podem ser divididas em dois grupos: *ação de graças* ou *petição*, sendo que a oração de petição se apresenta de duas formas diferentes: pedido de misericórdia ou algum favor de Deus.<sup>65</sup> Contudo, o orante do Antigo Testamento não clama por bens espirituais. As orações israelitas pedem bênçãos para essa vida. A oração, no Antigo Testamento, perpassa pela queda e elevação do homem marcando toda a sua história. “É, sobretudo, a partir das realidades da criação que se vive a oração” (CCE, n. 2569). Deus realiza com os homens uma aliança de amor, sendo essa aliança infalível, pois convida os homens a manterem-se fiéis à mesma por

---

<sup>63</sup> SCHÖNWEISS, H. *Verbetes Oração*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 1441.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 1442.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 1443.

meio da oração. Mas é por meio de nosso primeiro pai na fé – Abraão – que a oração é revelada no Antigo Testamento (CCE, n. 2569). Um coração que perscruta a vontade de Deus é essencial na oração. Deus, porém, solicita a Abraão (Gn 22, 1-19) uma prova de fidelidade na fé: que sacrifique seu filho primogênito Isaac. Abraão sacrificaria seu filho para perseverar na fidelidade a Deus, porém, no último momento, Deus lhe diz: “Não estendas a tua mão contra o menino, e não lhe faças nada. Agora sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu único filho” (Gn 22,12).

No Novo Testamento, a oração de Jesus destaca-se nos Evangelhos, embora haja um relacionamento entre Jesus e o Pai que é único. Um dos mais preciosos textos sobre a oração de Jesus é o episódio vivido no Getsêmani, presente no Evangelho de Lucas, em que o conflito interno é superado mediante a oração.

Ao chegar àquele lugar, disse-lhes: Orai para que não caiais em tentação. Depois se afastou deles à distância de um tiro de pedra e, ajoelhando-se, orava: Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua. Apareceu-lhe então um anjo do céu para confortá-lo. Ele entrou em agonia e orava ainda com mais instância, e seu suor tornou-se como gotas de sangue a escorrer pela terra. Depois de ter rezado, levantou-se, foi ter com os discípulos e achou-os adormecidos de tristeza. Disse-lhes: Por que dormis? Levantai-vos, orai, para não cairdes em tentação. (Lc 22, 40-46).

O primeiro ensinamento de Jesus sobre a oração é que ela deve ser feita com confiança, visto que orar desconfiando de Deus enfraquece a súplica. A relação de Deus conosco na oração é paterna (Mt 7,7-11). A primitiva oração cristã era feita em nome de Jesus, pois “permanecer em Jesus constitui a base para a confiança na oração”.<sup>66</sup> Jesus é o eterno sumo sacerdote que intercede pelos que se aproximam de Deus por meio dele (Hb 7, 25). As comunidades cristãs primitivas imitavam as sinagogas, cujo exemplo seguiram na recitação das orações comuns dos judeus (Mt 18,19). A posição era de joelhos ou de pé.<sup>67</sup> Provavelmente, eles usavam a posição comum do Antigo Testamento e também usual entre gregos e romanos, isto é, de braços estendidos. Nos textos bíblicos, podem ser encontrados os

---

<sup>66</sup> BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. *Novo comentário bíblico de São Jerônimo – Novo Testamento*. In: *Pheme Perkins*, n. 189, p. 798.

<sup>67</sup> JUNGSMANN, Josef. *Missarum sollemnia*, p. 248.

mais diversos motivos pelos quais as pessoas se dirigiam a Deus em oração, de uma simples viagem até a saúde de algum doente.

Diante da necessidade, nasce o desejo. Foi assim com os discípulos de Jesus, quando lhe pediram que os ensinasse a rezar. E o Mestre ensinou a oração do Pai-Nosso (Mt 6,9-13). Noutra ocasião, enquanto Jesus caminhava com eles, fez a seguinte afirmação: “Tudo o que pedirdes na oração, crede que já o recebestes, e vos será concedido.” (Mc 11,24). Santo Agostinho escreveu: “Deus não nos aconselharia a pedir se não quisesse dar.”<sup>68</sup> O catecismo diz: “A oração é a elevação da alma a Deus ou o pedido a Deus dos bens convenientes.”<sup>69</sup> O verbo *pedir* tem origem latina, vem de *prex*,<sup>70</sup> “prece, pedido” e, originalmente, se referia ao ato de erguer, em pé, os braços retos para a divindade no céu, juntar as palmas das mãos e enviar seu pedido. São Tomás de Aquino ensina, na *Suma Teológica*,<sup>71</sup> que a oração é desejo e, para que ela possa ter êxito, são necessárias quatro características: 1) rezar por si mesmo; 2) pedir bens espirituais; 3) rezar com persistência; e 4) rezar com piedade.

Oração não é falar de Deus, mas falar com Deus. A oração torna-se teofania, encontro com Deus, e manifestação de seu amor por nós. É um dos atos mais sublimes da fé. Como dizia Santa Teresa de Ávila: “o essencial não é pensar muito, é amar muito. Rezar é muito mais do que pensar: é cultivar um relacionamento de amor com Deus”.<sup>72</sup> Afirmou ainda São Gregório de Nisa: “Afasta-se de Deus quem não se une a ele em oração.”<sup>73</sup> Oração é aproximar o coração sedento da fonte que sacia toda sede e alivia toda dor. “Quando o homem está rezando, subitamente, está entregando sua alma, seu coração para Deus.”<sup>74</sup> A oração não é um subterfúgio para enganar Deus, mas, sobretudo, um ato de amor e confiança em Deus. São Tomás de Aquino cita Sêneca dizendo: “Nada se compra mais caro do que aquilo que se compra pelas preces.”<sup>75</sup> Um dos grandes escritores eclesiásticos do século III, Tertuliano, explica que, na oração, existe uma unidade:

<sup>68</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Livro VI, questão 83, art. 15, p. 332.

<sup>69</sup> JOÃO DAMASCENO. *De fide orthodoxaz*, 3,24. In: CATECISMO da Igreja Católica, n. 2559.

<sup>70</sup> Origem da palavra pedir: Site de etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/pedir>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>71</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Livro VI, questão 83, art. 15, p. 333.

<sup>72</sup> TERESA DE ÁVILA. *Castelos interiores ou moradas*, p. 23.

<sup>73</sup> BONDAN, Fernando José. *Lecionário patrístico dominical*, p. 737.

<sup>74</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Livro VI, questão 83, art. 3, p. 309.

<sup>75</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Livro VI, questão 83, art. 2, p. 306.



Nossa oração é pública e comunitária, e, quando rezamos, não rezamos por um só, mas por todo o povo, pois com todo o povo somos um. O Deus da paz e da concórdia, que nos ensina a unidade, quis que cada um rezasse por todos, como ele próprio fez de nós todos um só.<sup>76</sup>

Uma dimensão importante na vida de oração é a virtude da humildade. O livro de Jó descreve que, diante de muitas provações e sinais de morte, o personagem reage de forma humilde rezando: “Nu eu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei. O Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1,20). Pela humildade, o homem, através Graça de Deus, recebe o dom da oração: “O homem é um mendigo de Deus”.<sup>77</sup> Não é possível apresentar-se diante de Deus com soberba, pois Ele “resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes” (1Pd 5,5).

Diante da morte, fazer uma sepultura e rezar, dizia Santo Agostinho,<sup>78</sup> é crer na ressurreição. Pois, a tradição de rezar pelos mortos sempre esteve presente na Igreja como símbolo de fé e esperança. Jesus, ao deixar o novo mandamento, “amai-vos uns aos outros” (Jo 15,12), faz menção de amar, não menciona amar somente os vivos. Subentende-se que devemos amar todos, logo, a oração é uma expressão de amor dos vivos pelos mortos.

#### 1.4 REZAR PELOS MORTOS

Os hindus ofertam comida sobre a sepultura dos falecidos para homenageá-los.<sup>79</sup> Os budistas não choram por seus mortos. No Ocidente antigo, diversas culturas faziam oferendas aos mortos como forma a manter um relacionamento com eles.<sup>80</sup> Os católicos rezam porque entendem ser um ato de caridade para com aqueles que passaram da Igreja Peregrina para a Igreja Celeste.

Como afirmou São João Clímaco, no século VII: “A oração é mãe e filha das lágrimas” (DH 856). Uma oração regada com lágrimas e carregada de esperança e afeto é um duplo bálsamo para quem reza e para quem é rezada, um ato de consolação, um ato de

<sup>76</sup> HAMMAN, Adalbert. *Os padres da Igreja*, p. 72.

<sup>77</sup> SANTO AGOSTINHO, *Serm.* 56,6,9: PL 38,381. In: CATECISMO da Igreja Católica, n. 2.559.

<sup>78</sup> TERRA, João. *Os mistérios da vida de Jesus*. p. 198.

<sup>79</sup> COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*, p. 29.

<sup>80</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 194.

esperança. Quando cristãos rendem culto aos mortos, é porque entendem que os defuntos sobrevivem para além de seu desaparecimento.

Uma importante inscrição foi encontrada pelo arqueólogo William Ransey, em 1883, em Hierápolis – Turquia. A inscrição da lápide é considerada pelos estudiosos, uma das mais importantes da Antiguidade cristã. Confeccionada na Ásia Menor, em torno do ano 190, por Abércio, Bispo de Hierápolis, atualmente se encontra no museu da Basílica do Latrão, em Roma. Nela, consta o seguinte: “Construí este túmulo durante a vida, para que meu corpo – num dia – pudesse repousar. Chamo-me Abércio: Sou discípulo de um Santo Pastor (Jesus Cristo) [...] O irmão que o ler por acaso, ore por Abércio.”<sup>81</sup>

A Igreja, desde o início, nas primeiras comunidades, reverenciou a memória dos mortos e ofereceu sufrágio em seu favor, em especial, pelo Sacrifício Eucarístico, a fim de que, purificados, eles pudessem chegar à visão beatífica de Deus (DH 856).

Tertuliano, no terceiro século, descreve um importante depoimento sobre o valor de celebrar a Santa Eucaristia em benefício dos defuntos: “Fazemos oblações, declara ele, pelos defuntos no aniversário como no dia de seu nascimento”,<sup>82</sup> o *vere dies natalis* o dia do verdadeiro nascimento. Cirilo de Jerusalém, em sua Quinta Catequese Mistagógica, refere que se deve rezar pela paz frutuosa nas igrejas, rezar pelo mundo instável, pelos doentes e que se faça lembrança dos mortos:

Mencionamos os que já dormiram: primeiro, os patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, para que Deus em virtude de suas preces e intercessões receba nossa oração. Depois, rezamos pelos nossos santos pais e bispos falecidos, e em geral por todos os que já dormiram antes de nós. Acreditamos que esta oração aproveitada sumamente às almas pelas quais é feita, enquanto repousa sobre o altar a santa e temível vítima.<sup>83</sup>

Cirilo continua sua catequese colocando o exemplo de um rei que expulsa de seu país os maus súditos, súditos que eram contra a pessoa do rei. Contudo, quando outros súditos fiéis, ornando uma coroa, a ofertam ao rei pedindo pelos seus irmãos, porventura o rei não irá perdoar?

---

<sup>81</sup> GOMES, Cirilo. *Antologia dos santos padres*, p. 97.

<sup>82</sup> FIGUEIREDO, Fernando. *Introdução à patrística*, p. 184.

<sup>83</sup> GOMES, Cirilo. *Antologia dos santos padres*, p. 229.

Afirma Cirilo:

Da mesma forma, nós oferecemos a Deus preces pelos mortos, sejam, ou não pecadores, oferecemos não coroa tecida por nossas mãos, mas Cristo santificado por nossos pecados; assim, tornamos propício o Deus amigo dos homens aos pecados nossos e deles.<sup>84</sup>

Outro importante texto da patrística foi escrito por Epifânio no século IV. Em sua obra *O Panarium*, remédio contra todas as heresias, é possível localizar a tradição de orar pelos defuntos:

Sobre o rito de ler os nomes dos defuntos (no sacrifício) perguntamos: que há de mais útil? Que há de mais conveniente, de mais proveitoso e mais admirável que todos os presentes creiam viverem ainda os defuntos, não deixarem de existir, e sim existirem ao lado do Senhor? Como isso se professa uma doutrina piedosa: os que oram por seus irmãos defuntos abrigam a esperança (de que vivem), como se apenas casualmente estivessem longe. E sua oração ajuda aos defuntos, mesmo se por ela não fiquem apagadas todas as dívidas... A Igreja deve guardar este costume, recebido como tradição dos Pais.<sup>85</sup>

Efrém, o sírio, em seu testamento, solicita que orem por ele e cita os *Livros dos Macabeus* como evidência de que as orações dos vivos podem ajudar a expiar os pecados dos falecidos: “Transcorridos trinta dias da minha morte, ofereci por mim o Santo Sacrifício, suba aos mortos o sacrifício celebrado pelos vivos.”<sup>86</sup>

Entre os escritos de Santo Ambrósio, encontra-se: “A fé na imortalidade”, escrito por ocasião da morte de seu irmão Sátiro, em que se lê:

Não devemos chorar a morte dos entes queridos. Não é certo lamentar-se como particular desgraça o que se sabe atingir a todos... Mesmo nós, cristãos, esquecemos o dia do nascimento de nossos santos e festejamos o de

---

<sup>84</sup> GOMES, Cirilo. *Antologia dos santos padres*, p. 229.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 303.

<sup>86</sup> ALTANER, Berthold. *Patrologia*, p. 252.

seu retorno à pátria... A morte, com efeito, é comum a todos, sem distinção de pobres e ricos... Considero, porém, um ultraje que se faz à piedosa memória dos defuntos ao considerá-los perdidos e preferis esquecê-los antes que confortá-los com nossos sufrágios.<sup>87</sup>

Na Igreja do Oriente, João Crisóstomo é o expoente mais importante da Escola de Antioquia. Diz em sua homilia sobre a Primeira Epístola aos Coríntios:

Levemos-lhe socorro e celebremos sua memória. Se os filhos de Jó foram purificados pelo sacrifício de seu pai, porque deveríamos duvidar de que nossas oferendas em favor dos mortos lhes levem alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer nossas orações por eles.<sup>88</sup>

Santo Agostinho, em seus escritos, colaborará de forma fundamental na compreensão futura da oração administrada aos mortos, bem como a necessária purificação depois da morte:

Não se pode negar que as almas dos defuntos são aliviadas pela piedade dos seus familiares vivos, quando por eles se oferece o sacrifício mediador ou se oferecem na igreja. Mas essas coisas dão proveito àqueles que, quando viviam, mereceram que depois, pudessem dar-lhes proveito.<sup>89</sup>

## 1.5 O MEMENTO DOS MORTOS NA EUCARISTIA

Segundo Ariès: “a Igreja substituiu as refeições funerárias pela celebração nos altares situados no cemitério”.<sup>90</sup> A celebração dessas referidas missas eram liturgias em agradecimento a Deus por aqueles que morreram em unidade com a Igreja e, assim, podiam

---

<sup>87</sup> GOMES, Cirilo. *Antologia dos santos padres*, p. 322.

<sup>88</sup> FIGUEIREDO, Fernando. *Introdução à patrística*, p. 184.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>90</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 194.

ser sepultados junto com mártires. O surgimento de tal piedade popular é fruto da tradição pagã de realizarem refeições nas proximidades de túmulos. Com o passar do tempo, ocorreu uma mudança nesse ritualismo e inicia um ato de fazer memória pelos mortos.<sup>91</sup>

Jungmann descreve, em *Missarum sollemnia*, que, por volta do século V, já existia uma memória pelos mortos na liturgia durante o ato penitencial. Segundo o autor, em dado momento, eram lembrados os falecidos de modo particular com os familiares, pois, não era de interesse de toda a comunidade.<sup>92</sup> Textos normativos informam que a citação do nome dos falecidos nas missas somente podia ser realizada em dias de semana, sendo rigorosamente proibido fazê-la em domingos e dias de festa.<sup>93</sup>

Uma validação da existência do memento para os mortos encontra-se na Igreja egípcia, cujas intercessões aconteciam antes da Consagração Eucarística. Já no ritual da missa de Serapião, o memorial dos falecidos ocorria logo após a consagração.<sup>94</sup> Por mais diversa que fosse a formulação da locução, o parentesco em estrutura e argumentação entre a memória egípcia das pessoas falecidas e a romana, é muito estreita. Em ambos os casos, há: a localização imediatamente depois do pedido de comunhão; a divisão em duas partes do memento pelas pessoas falecidas; a leitura dos nomes entre as duas partes da oração; e o fato de que, em seguida, a petição remete-se a todos que estão repousando em Cristo.

Na Liturgia Eucarística, o destaque maior é dado à citação do nome do falecido. Contudo, até o século XI, não existia um ponto fixo para esse momento. Durante a liturgia, era apresentada uma pequena placa com o nome do morto chamada díptico.<sup>95</sup> Os dípticos, no início, eram peças de marfim, esculpidas e gravadas, oferecidas como comunicação pelos cônsules no dia de sua apresentação. Os cristãos anotavam, em peças semelhantes ou em antigos dípticos do cônsul já usados, a listagem com os nomes que eram lidos depois da procissão das ofertas no púlpito como se lê:

Os nomes dos ofertantes, dos magistrados superiores, dos clérigos da primeira categoria da mesma comunhão, dos santos mártires ou confessores e finalmente os dos fiéis mortos na fé da Igreja, a fim de marcar por essa

---

<sup>91</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 195.

<sup>92</sup> JUNGSMANN, Josef. *Missarum sollemnia*, p. 694.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 695.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 697.

<sup>95</sup> JUNGSMANN, Josef. *Missarum sollemnia*, p. 694.

reunião de pessoas o elo estreito de comunhão e amor que une em comunhão e amor que une em conjunto todos os membros da Igreja triunfante, sofredora e militante.<sup>96</sup>

O direito a essa prática – citar os nomes dos considerados *justos* – provém dos tempos antigos da Igreja, ou seja, somente poderiam citar na liturgia aqueles que estavam em comunhão com a Igreja, e, a quem tivera uma vida duvidosa, era negado. Em todos os casos, somente as pessoas consideradas *puras* e *santas* podiam ser nominadas na celebração. Com o passar do tempo, o círculo foi sendo ampliado para todas as pessoas falecidas, não importando se eram consideradas justas ou pecadoras. Começa-se a conceber a ideia de um Deus mais misericordioso e de a pessoa poder ser purificada depois da morte.

No século VIII, o Bispo Bonifácio, na Alemanha, questionava o Papa Bonifácio III sobre a validade de se lembrar dos defuntos na missa, que assim respondeu a ele:

Pediste claramente conselho se é lícito oferecer oblações pelos mortos. A Santa Igreja acha que cada um pode oferecer oblações pelos seus mortos verdadeiramente cristãos e que o presbítero pode lembrá-los. E, se bem que todos nós estejamos sujeitos a pecados, é apropriado que o sacerdote faça memória dos católicos defuntos e interceda por eles. Isto, todavia não deve ser feito em prol de pessoas ímpias, ainda que tenham sido cristãs (DH 583).

Depois de Carlos Magno, praticamente todas as missas se tornaram missas em favor dos mortos. O fato importante é a mudança “imposta por Carlos Magno e aceita pelos clérigos da liturgia galicana pela liturgia de Roma”.<sup>97</sup> No entanto, a maior mudança foi o destino reservado ao nome dos defuntos, sendo separado do nome dos vivos; o memento dos mortos tornou-se uma oração de intercessão.<sup>98</sup>

Na Idade Média, ocorria também que, entrando a pessoa no processo de agonia, missas eram celebradas nessa intenção. Essas missas não tinham relação com os funerais. Nas liturgias, antes do Concílio Vaticano II, previa-se uma missa denominada *Réquiem* (descanso)

---

<sup>96</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 197.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 205.

ou missa *pro defunctis* (pelos mortos) antes do sepultamento. Atualmente, esse costume permanece em algumas comunidades.

No missal do Papa Paulo VI,<sup>99</sup> encontram-se 14 orações eucarísticas para o Brasil, sendo duas sobre reconciliação e três para missas com crianças. Todas as orações apresentam uma estrutura muito semelhante. Dessas 14 orações eucarísticas, somente duas não contêm o memento pelos mortos: a da Reconciliação II e a da Missa com Crianças III. Ainda que a oração sobre a Reconciliação I e a Missa com Crianças I lembre dos falecidos, elas não permitem que sejam citados os nomes.

O memento pelos falecidos está colocado depois da consagração. Antes da reforma litúrgica do Papa Paulo VI, o memento dos mortos localizava-se depois da homilia. O sacerdote, do alto do púlpito, recomendava: “E agora que já rezamos pelos vivos, rezemos igualmente pelos mortos.”<sup>100</sup> Outra mudança significativa foi que, no passado, o memento não era dito nos domingos e nem em dias de grande festa.

## 1.6 O RITO DE ENCOMENDAÇÃO

As pinturas medievais representando a deposição de santos nos túmulos aparecem antes que a morte e deposição da Virgem. Geralmente as telas mostram o corpo envolto por um pano, denominado *sudário*, revelando somente o rosto, colocado sobre o sarcófago aberto. Comumente retratam um clérigo oficializando o rito, portando água benta, incenso e cruz. Concluída a cerimônia, o corpo é depositado no sarcófago, que será lacrado.<sup>101</sup> O rito de aspergir o defunto com água benta não estava ligado somente ao corpo, mas também ao túmulo. Essa tradição de benzer a sepultura teve início com o povo antigo da Germânia, que, durante o rito, realizava orações de exorcismo com a finalidade de guardar o túmulo dos demônios.<sup>102</sup>

Identifica-se certa influência desses elementos no atual rito de encomendação. O ministro celebrante asperge água benta no túmulo e no caixão dizendo: “Na água e no espírito foste batizado. O Senhor complete em ti a obra que Ele mesmo começou no teu batismo.”

<sup>99</sup> MISSAL Romano. *Sé Apostólica*. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1972.

<sup>100</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 206.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 187.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 187.

Caso utilize incenso, afirma: “Teu corpo foi templo de Deus. O Senhor te dê a eterna alegria de viver em sua casa.” Depois, lançando terra sobre o esquife, menciona: “Da terra foste tirado e a terra volta. Mas o Senhor te ressuscitará no último dia.” Logo após, no túmulo, coloca a cruz e pronuncia: “A cruz de nosso Senhor Jesus Cristo seja para nós sinal de vida e ressurreição.”<sup>103</sup>

Sendo Deus a fonte e origem de toda bênção, mesmo depois da morte, os vivos rogam a Deus por aqueles que adormeceram, pois a liturgia dos funerais é uma celebração do mistério pascal de Cristo. Nessa *recomendação*, a Igreja pede que seus filhos, incorporados pelo Batismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passem da morte à vida e, devidamente purificados na alma, sejam associados aos santos e eleitos no céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurada esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos.

Em 1614, a Igreja de Roma propôs o primeiro manual para exéquias, sob o pontificado de Paulo V. Antes disso, cada Igreja particular tinha seu próprio ritual. O manual de 1614 foi a soma de vários rituais antigos e foi utilizado até 1969, quando surgem propostas de exéquias de acordo com a liturgia, teologia e eclesiologia do Concílio Vaticano II.<sup>104</sup>

O rito de exéquias é composto por vários momentos, entre eles a oração na sepultura, sendo o ato final de despedida para com os mortos. Abençoar a sepultura e rogar a Deus (de quem procede toda bênção) que o corpo que naquele local será sepultado possa repousar enquanto espera a ressurreição final.

Brustolin descreve o ritual de exéquias nestes termos:

Senhor Jesus Cristo, permanecendo três dias no sepulcro, santificastes os túmulos dos que creem em vós, para lhes aumentar a esperança na ressurreição. Abençoai esta sepultura preparada para o nosso irmão N. (Nome.) Que ele encontre descanso no Céu, até o dia do juízo final, quando ressuscitará com todos os vossos santos. Vós que sois Deus, com o Pai, na unidade do Espírito Santo.<sup>105</sup>

<sup>103</sup> CNBB. *Nossa Páscoa: Subsídios para a celebração da esperança*, p. 84.

<sup>104</sup> FONSECA, Joaquim. *Música ritual de exéquias*, p. 130.

<sup>105</sup> BRUSTOLIN, Leomar. *Ritual de exéquias*, p. 31.



## 1.7 A COMUNHÃO DOS SANTOS

O Papa Leão XIII afirma, na Encíclica *Mirae Caritatis*, em maio de 1902, que a comunhão dos santos não é outra coisa senão a comunhão de auxílio, de expiação, de preces, de benefícios entre os fiéis, já na pátria celeste, ou entregues ao fogo purificador ou ainda peregrinando na Terra, construindo, todos, uma só cidade, cuja cabeça é Cristo, e cuja forma é a caridade.<sup>106</sup>

Para melhor compreender o que se quer expressar com a “comunhão dos santos”, recorreremos à eclesiologia que consta na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, que deriva da eclesiologia da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do mesmo concílio. Nela, estão contidos três aspectos fundamentais: a) a concepção de Igreja, que situa o documento no âmbito doutrinal; b) a relação entre a história da salvação e a história dos homens; e c) a missão da Igreja no mundo de hoje.

A Igreja, em sendo uma instituição divina na Terra, chama todos em Cristo para alcançarem a santidade por meio dela que se consumará na glória celeste.<sup>107</sup> A Igreja, neste mundo, é a Igreja Peregrina. O Capítulo 2 da *Gaudium et Spes* afirma que a Igreja caminha, pela cruz, “para a Luz que não conhece acaso”.<sup>108</sup>

Essa constituição pastoral revela que a Igreja é una e constituída por todos os que são de Cristo, ficando evidente que ela compreende não só os seres humanos que vivem na Terra, mas todos os que, no purgatório, se preparam ulteriormente para seu ingresso na glória,<sup>109</sup> unindo-se à Igreja Celeste. A novidade da *Gaudium et Spes* é a dimensão comunitária e universal da escatologia. Em documentos anteriores da Igreja, o tema *escatologia* era tratado de forma individual. Deixou de ser um tema da região subdesenvolvida da teologia.<sup>110</sup> No

---

<sup>106</sup> *La comunione dei santi non è altro che una scambievole partecipazione di aiuto, di espiazione, di preghiere, di benefici, tra i fedeli, o trionfanti nella celeste patria, o penanti nel fuoco del purgatorio. O ancora pellegrinanti in terra, dai quali risulta una sola città, che ha Cristo per capo, e la carità per forma, sappiamo poi dalla fede che, sebbene l'augusto sacrificio solo a Dio possa offrirsi, si può pure celebrare in onore dei santi che regnano in cielo con Dio, che li ha coronati", al fine di ottenere il loro patrocinio, e anche, come sappiamo dalla tradizione apostolica, per cancellare le macchie dei fratelli, che già morti nel Signore, non siano ancora interamente purificati.* (LEÃO XIII. *Mirae Caritatis*. Vaticano: [1902]). Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_28051902\\_mirae-caritatis.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_28051902_mirae-caritatis.html)>. Acesso em: 10 set. 2017.

<sup>107</sup> BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*, p. 1.136.

<sup>108</sup> COLLANTES, Justo. *A fé católica*, p. 1.202.

<sup>109</sup> BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*, p. 1.144.

<sup>110</sup> ZILLES, Urbano. *Esperança para além da morte*, p. 9.

Vaticano II, pelo contrário, desloca-se o acento para as últimas realidades nos âmbitos coletivo, social e até cósmico.

O Concílio Vaticano II descreve que a “comunhão na mesma caridade” (LG 50). ocorre entre todos os que se encontram em Cristo e possuem seu Espírito. Pois, assim como a comunhão cristã entre os peregrinos nos aproxima mais de Cristo, também a comunhão com os santos nos une a Cristo, do qual procedem, como fonte e cabeça que é, toda a graça e a própria vida do Povo de Deus. A comunhão dos santos é vital para alcançarmos a Igreja Celeste:

É, portanto, muito justo que amemos estes amigos e coerdeiros de Jesus Cristo, nossos irmãos e grandes benfeitores, que demos a Deus, por eles, as devidas graças, lhes dirijamos as nossas súplicas e recorramos às suas orações, ajuda e patrocínio, para obter de Deus os benefícios, por Seu Filho Jesus Cristo, Nosso Senhor e Redentor e Salvador único. Porque todo o genuíno testemunho de veneração que prestamos aos santos, tende e leva, por sua mesma natureza, a Cristo, que é a “coroa de todos os santos” e, por Ele, a Deus, que é admirável nos seus santos e neles é glorificado (LG 50).

A Igreja se encontra entre o *já* e o *ainda não*. Notavelmente na liturgia, encontra-se, de forma antecipada, essa realidade escatológica, como Igreja que peregrina na história, buscando alcançar a eternidade, e seu alimento vital é a Eucaristia, o “Pão do Céu”. Nesse peregrinar, há dois aspectos a considerar: a Igreja é sinal de Cristo e instrumento de unidade com Cristo, e, em sendo sinal e instrumento de unidade entre os vivos e os mortos, ela é *Sacramentum Salutis*.<sup>111</sup>

O Papa Paulo VI, ao escrever a Constituição Apostólica *Indulgentiarum Doctrina*, sobre a doutrina das indulgências, em janeiro de 1967, cita outro documento escrito em 1966, a Epístola *Sacrossancta Portiunculæ*, e declara que a oração e a penitência das pessoas, na Igreja Peregrina, ajudam aqueles que estão na Igreja Celeste:

A indulgência, concedida pela Igreja aos que fazem penitência, é uma manifestação desta maravilhosa comunhão dos santos, que misticamente une, pelo único laço da caridade de Cristo, a bem-aventurada Virgem Maria,

---

<sup>111</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica*, p. 120.

os cristãos triunfantes no céu, os que estão no purgatório e os que ainda não terminaram sua peregrinação pela terra. A indulgência, dada por intermédio da Igreja, diminui, pois e até suprime a pena que impede de algum modo a mais íntima união do homem com Deus. Aquele que faz penitência acha portanto nessa forma singular de caridade eclesial, auxílio para lançar fora o velho homem e revestir o novo que foi renovado no conhecimento conforme a imagem daquele que o criou.<sup>112</sup>

A Congregação para a Doutrina da Fé, na Carta *Recentiones Episcoporum*, em maio de 1979, com aprovação do Papa João Paulo II, recorda que devem permanecer intactas a verdade e a inteligência de todas as certezas garantidas pela fé. O texto afirma ser inadmissível qualquer teoria que torne incompreensível o sentido da oração pelos mortos:

[A] Igreja exclui todas as formas de pensamento e de expressão que, a adotarem-se, tornariam absurdos ou ininteligíveis a sua oração, os seus ritos fúnebres e o seu culto dos mortos, realidades que, na sua substância, constituem lugares teológicos.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> PAPA PAULO VI. *Indulgentiarum Doctrina*. Vaticano: 1967. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_p-vi\\_apc\\_01011967\\_indulgentiarum-doctrina.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_01011967_indulgentiarum-doctrina.html)>. Acesso em: 10 set. 2017.

<sup>113</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta sobre algumas questões respeitantes à escatologia*. Vaticano: 1979. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19790517\\_escatologia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790517_escatologia_po.html)>. Acesso em: 13 jun. 2017.

## 2 O CULTO AOS MORTOS EM SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho, filho de Mônica e Patrício, nasceu em Tagaste, Norte da África, em 13 de novembro de 354. O pai era proprietário de pequenas posses e também exercia a função de conselheiro municipal. Mônica era uma dona de casa cristã. O casal teve mais dois filhos: Navígio e uma irmã cujo nome é desconhecido. Agostinho apreciava a cultura e a língua romanas. Seu pai, Patrício, buscou proporcionar-lhe boas condições de estudo, por isso Agostinho estudou em Tagaste, Cartago e Madaura. Na juventude, como todo jovem, viveu incertezas na fé; aos 32 anos, em Milão, ouviu uma pregação de Santo Ambrósio, a qual lhe restituiu a confiança no ensinamento cristão sobre a interpretação da Escritura e lhe revelou a noção espiritual de alma e de Deus.

Decorrida a celebração da Páscoa de 387, após Agostinho receber os sacramentos de iniciação cristã, ele e um grupo de amigos próximos, seguidos por Mônica, resolvem retirar-se para um lugar mais tranquilo. Conseguem emprestada a chácara de um amigo em Cassiciaco, cerca de 30 quilômetros de Milão, e lá ficaram, aproximadamente, seis meses. Nesse período, Agostinho teve a oportunidade de vivenciar um grande retiro espiritual com sua mãe e colegas.<sup>114</sup>

Devido a dificuldades financeiras, decidiram, a mãe e ele, retornar à pátria africana em Tagaste, onde possuíam propriedades. O retorno ocorreu, provavelmente, em maio de 387, com a finalidade de realizar o sonho da construção de um monastério. Partiram, então, de Milão para Roma para embarcar no porto de Óstia com destino à África. Mônica e Agostinho ficam hospedados, provavelmente, na casa de amigos, no porto de Óstia.<sup>115</sup> Enquanto mãe e filho descansavam no pátio interno da casa, ambos vivenciaram uma experiência mística conhecida como o “Êxtase de Óstia”. Agostinho relatou, anos depois, em seu livro *Confissões*, que sua mãe e ele tiveram uma visão da vida eterna no Paraíso.<sup>116</sup>

A experiência espiritual vivida por Agostinho marcou profundamente sua memória e seu coração. Ao “saborear as cenas em Óstia”, Deus lhes revelou uma missão e prometeu uma recompensa. Agostinho teria a missão de anunciar Cristo e doar sua vida por Ele. Mônica

---

<sup>114</sup> FALBO, Giovanni. *Santa Mônica*, p. 121.

<sup>115</sup> BROWN, Peter. *Santo Agostinho: uma biografia*, p. 157.

<sup>116</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 255.

recebeu, como recompensa por ter sido fiel a Cristo, o prêmio da eternidade. Naquele contexto, Mônica dirá a Agostinho:

Meu filho, nada mais me atrai nesta vida; não sei o que estou ainda fazendo aqui, nem por que estou ainda aqui. Já se acabou toda a esperança terrena. Por um só motivo eu desejava prolongar a vida nesta terra: ver-te católico antes de eu morrer. Deus me satisfaz amplamente, porque te vejo desprezar a felicidade terrena para servi-lo. Por isso, o que é que estou fazendo aqui?<sup>117</sup>

Aquela visão mudara radicalmente a vida de ambos. Depois da experiência espiritual, eles observavam as coisas sob outra grandeza, com um olhar deificado. Agostinho que retornava às terras africanas pressentia que uma grande missão o aguardava. Mônica, inversamente, saboreava o sentimento de missão cumprida e aguardava a gratificação do *Justo Juiz* por ter sido uma filha fiel.

Segundo o próprio relato de Agostinho no livro *Confissões*,<sup>118</sup> passados pouco mais de cinco dias do êxtase, Mônica adoeceu gravemente, tendo de ficar acamada. A viagem de retorno à África foi suspensa. Mônica foi acometida por uma forte febre, deixando todos preocupados, e os filhos muito aflitos. Em dado momento, perdia os sentidos; noutros, retomava a consciência. Mônica, percebendo a tristeza dos filhos faz um pedido: “Enterrareis aqui vossa mãe.”<sup>119</sup>

Agostinho estava tão paralisado pela situação da mãe, que nem conseguia falar. Seu irmão Navígio, buscando animar a mãe, dizia-lhe que não havia chegado o último instante, que todos retornariam para a pátria, e que ela haveria de completar seus dias em Tagaste, terra onde nascera. Ele comentou com Agostinho sobre o desconforto de sepultar sua mãe em terra distante da pátria africana. Mônica ouviu o lamento de Navígio e advertiu os dois filhos, conforme escreveu Santo Agostinho:

Minha mãe repreendeu-o com olhar severo por pensar de tal maneira. E, voltando-se para mim, disse: “Vê o que ele está dizendo!” E então para nós dois: “Enterrai este corpo em qualquer lugar, e não vos preocupais com ele.

---

<sup>117</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 257.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 257.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 258.

Faço-vos apenas um pedido: lembrai-vos de mim no altar do Senhor, seja qual for o lugar em que estiverdes”. Dito isso da maneira como lhe foi possível, calou-se. A moléstia agravava-se e a fazia sofrer.<sup>120</sup>

Na Antiguidade, morrer e ser sepultado no estrangeiro assemelhava-se a uma maldição. São Julião que viveu no século IV, ensinava que as preces dos vivos eram mais poderosas quando realizadas junto ao túmulo: “A proximidade é tão proveitosa aos defuntos que o efeito da oração fica aumentado.”<sup>121</sup> Este era o temor do filho Nagívio: não poder rezar no túmulo da mãe. No entanto, Mônica, com sentimentos fortemente cristãos e confiando no amor de Deus, afirmava não ter medo algum de deixar seu corpo tão longe de sua cidade natal, assegurando: “Para Deus nada é longe, nem devo temer que, no fim dos séculos, Ele não reconheça o lugar onde me ressuscitará.”<sup>122</sup>

O expressivo ensino de Mônica toma assento sob duas bases que terão grande influência sobre o pensamento e a doutrina de Agostinho. Por isso Bispo de Hipona escreverá que o sepultamento do corpo pode ser feito em qualquer lugar e não terá influência na ressurreição final. Ele ensinará também que, ao fazer memória dos finados, é preciso lembrar-se da pessoa falecida por meio de oração, de modo especial na Celebração Eucarística. Para os dois pontos a distância não é empecilho, pois para Deus não existe distância, Ele está presente em todos os lugares.

Agostinho termina o livro IX das *Confissões*, dedicado em grande parte à mãe, convicto de que a única forma de comunicação com Mônica é através da oração, ou seja, através do Senhor. Se fosse possível comunicar-se de outra maneira, não hesitava em afirmar que a mãe estaria ao seu lado a cada momento.<sup>123</sup> Pode-se apresentar Mônica como uma mulher corajosa, fiel, piedosa, orante e, principalmente, uma mulher de fé.<sup>124</sup> A pessoa de Agostinho teve grande influência da pessoa de Mônica.

Depois da morte de Mônica, Agostinho permaneceu por mais dez meses em Roma, quando conheceu a vida monástica. Retornou a Tagaste, em julho de 388. Lá, fundou um mosteiro, com seus companheiros, no ano de 391 e, com muita relutância, aceitou o

<sup>120</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 258.

<sup>121</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 55.

<sup>122</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 259.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 179.

<sup>124</sup> DI BERARDINO, A. *Verbetes Mônica*. In: FITZGERALD, Allan. *Diccionario de San Agustin*. p. 911.

sacerdício. Deixou o mosteiro cinco anos depois para assumir a diocese de Hipona como bispo. Seu ministério foi exercido com destacada atividade pastoral e literária. Faleceu em sua diocese, em 28 de agosto de 430, aos 75 anos de idade.

## 2.1 O TRATADO *DE CURA PRO MORTUIS GERANDA*

Foi um dos mais importantes escritores do tempo da patrística. Suas obras compendiam uma experiência densa de filosofia, teologia e mística. Dentre seus escritos, há um breve tratado que é objeto de estudo deste capítulo, que se intitula *De cura pro mortuis geranda* [O cuidado devido aos mortos]. O texto é composto de 18 capítulos e foi escrito por Agostinho em torno do ano 421, dez anos antes de sua morte. Essa obra é uma resposta ao questionamento formulado pelo Bispo de Nola, na Campânia, região do Sul da Itália que se chamava Marcópio Pôntio Anício Paulino. O Bispo Paulino envia uma carta, não conservada, questionando Santo Agostinho: “Os mortos tiram algum proveito espiritual por serem inumados junto ao túmulo dos mártires?”<sup>125</sup>

A questão está dentro do contexto do século IV, quando começaram as peregrinações aos túmulos dos mártires cristãos.<sup>126</sup> Nos séculos posteriores (V e VI), cresceu a devoção pelos lugares de sepultamento dos santos.<sup>127</sup> Desenvolveu-se a crença de que sendo sepultadas junto ao túmulo de santos ou mártires as pessoas lograriam algum favor espiritual. Seria um meio de assegurar um benefício especial que modificaria, convenientemente, seu destino além-túmulo. Inicia-se uma busca desregrada por túmulos *privilegiados*.

Uma viúva de Hipona, chamada Flora, conseguiu autorização para sepultar seu único filho Cinérgio, no túmulo de São Félix, em Nola, fato esse que moveria o Bispo Paulino a questionar Agostinho sobre tal prática piedosa.<sup>128</sup>

Agostinho responde de forma categórica ao questionamento do irmão no episcopado, sustentando que não há proveito espiritual algum para alguém sepultado no túmulo de santos mártires. Ele fundamenta sua resposta na Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios: “Todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um

<sup>125</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 143.

<sup>126</sup> DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri. *Nova história da Igreja*, v. 1, p. 323.

<sup>127</sup> *Ibidem*, v. 1, p. 400.

<sup>128</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 153.

receba a retribuição do que tiver feito durante sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal.” (2Cor 5,10).

São Paulo indica, nessa passagem, que é antes da morte que se define o que poderá ser benéfico depois desta vida. O Bispo de Hipona, por sua vez, insiste que enquanto se vive no corpo mortal, quem realizou obras pias, logrará sufrágio na eternidade. Aquele, entretanto, que levou uma vida inútil, nada logrará.<sup>129</sup> É o estilo de vida que cada qual levou durante sua existência nesse corpo, que determinará a utilidade ou inutilidade desses auxílios que lhe são tributados piedosamente após a morte. Santo Agostinho completa: “Portanto, para que o cuidado tomado em relação a um ser querido depois de sua morte lhe sirva de alguma coisa, é preciso que esse alguém haja adquirido a faculdade de torná-lo útil no tempo decorrido em companhia do corpo.”<sup>130</sup>

Uma abreviada resposta de Agostinho à questão produzida pelo Bispo Paulino poderia ter sido suficiente para encerrar a dúvida. Entretanto, ao amigo desconhecido pessoalmente, mas familiar pelos 25 anos de correspondências trocadas,<sup>131</sup> suscita, no Bispo de Hipona, outros questionamentos que também necessitavam ser abordados. Dentre os aspectos levantados, menciona-se a importância de rezar pelos mortos.

Santo Agostinho retoma uma conhecida passagem do *Livro de Macabeus* na qual alguns judeus piedosos fazem uma coleta para que fossem oferecidos sacrifícios em favor de soldados mortos numa batalha (2Mc 12,43). A cerimônia pretendia expiar o pecado de idolatria cometido pelos mortos, pois foram encontrados amuletos pagãos no corpo deles. Igualmente, se pode dizer que há certa esperança de que eles deveriam ser liberados de seus pecados na ressurreição.<sup>132</sup>

No Capítulo 4, *O cuidado devido aos mortos*, Agostinho aborda o valor irrevogável da oração na sepultura. Menciona que é nobre o desejo de escolherem para seus entes queridos uma sepultura no túmulo de algum santo, sinal de um coração humano. Recorda que o sepultamento é uma obra religiosa e, por ser um ato religioso, não pode causar estranheza o desejo dos vivos de buscarem depositar os corpos em lugares *nobres*.

---

<sup>129</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 155.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>131</sup> LIENHARD, Joseph *Verbete Paulino de Nola*. In: FITZGERALD, Allan. *Diccionario de San Agustin*. p. 1.008.

<sup>132</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 194.



Alerta, contudo, que os mortos não encontram ajuda alguma pelo simples fato de terem aproximado seu esquife do túmulo de algum santo. O que pode ser favorável, nesse costume, é o fato de que, ao visitar o local onde descansam seus falecidos, os vivos podem recomendá-los aos santos por intermédio da oração. E acrescenta, porém, que, mesmo não estando sepultados em lugar sagrado, os mortos não deverão ser privados das orações dos vivos.<sup>133</sup>

Ao tratar do tema dessa visita, ou seja, dos vivos aos túmulos para rezar pelos seus entes falecidos, Santo Agostinho reflete sobre o significado de fazer memória que os monumentos funerários evocam:

Recordação é o que indica bem claramente o próprio termo Memória. E *monumentum* quer dizer “o que adverte à mente, isto é, o que a faz recordar”. Eis por que os gregos denominam *mnemeion*, o que nós chamamos Memória ou *Monumentum*. Na língua deles, *mnème* significa memória, a faculdade com a qual nos lembramos.<sup>134</sup>

Assim, os monumentos funerários têm a função de fazer memória dos que partiram e evocar que se reze por eles. “Não se pode duvidar destas súplicas”,<sup>135</sup> afirma Agostinho, contudo, terão somente utilidades aos mortos conforme a vida que levaram mediante seus atos, descartando, definitivamente, um privilégio para os mortos que são sepultados perto de túmulos de mártires.

No tratado, Santo Agostinho afirma que a Igreja assumiu a responsabilidade de rezar por todos os que morreram dentro da comunhão cristã e católica.<sup>136</sup> Não tendo mais parentes que possam realizar esse ato piedoso, e, mesmo que se desconheça o nome pelo qual cada um foi configurado a Cristo pelo Batismo, a Igreja os inclui numa comemoração geral de todas essas pessoas, no “Dia de Finados”. Desse modo, aqueles que não mais têm familiares e amigos, para auxiliá-los nessa incumbência, são amparados pelo sufrágio da Igreja.

---

<sup>133</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 162.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 164.

Outro aspecto importante é a dimensão do desejo. Afirma Agostinho que desejar já é uma forma de suplicar. Para esse santo, a mãe que desejava beneficiar seu filho morto, ao sepultá-lo próximo do túmulo de um mártir, pretendia obter um bem espiritual para o filho falecido. “A alma do finado seria ajudada pelos méritos desse mártir. Essa fé já era, a seu modo, uma súplica”,<sup>137</sup> porque desejava um bem espiritual.

Na medida em que seu pensamento se volta, com frequência, ao local onde seu filho fora sepultado, mais e mais, o recomendava pela oração, atuação que, realmente, sempre será útil à alma do falecido. Percebe-se que não é o ato de sepultar o filho dessa forma que lhe trará benefícios, mas é o desejo de obter um bem espiritual que possibilita uma comunhão pela oração.

## 2.2 A ORAÇÃO NA SEPULTURA

Na Antiguidade, os sepultamentos eram realizados de duas maneiras: queimando o corpo ou enterrando-o. O cristianismo, professando a fé na ressurreição como aspecto central do seu credo, não fazia uso da incineração. Esse meio bem-utilizado pelos pagãos, somente promove a inumação, aproveitando pequenas cavidades, naturais ou feitas para depositar os mortos.<sup>138</sup>

O Bispo de Hipona descreve, no Capítulo 4 do tratado: *O cuidado devido aos mortos*, que existe um “valor irrevogável da oração junto à sepultura”,<sup>139</sup> sinal de um coração que nutre sentimentos nobres pelos seus falecidos. Pensar e escolher um lugar sagrado para depositar o corpo da pessoa morta é desejar as bênçãos de Deus sobre ela. Agostinho começa esse capítulo expondo que o ato de sepultar é obra religiosa, logo, a escolha do local não pode ser algo estranho ao ato religioso.

Sendo Deus a fonte e origem de toda bênção, mesmo depois da morte, os vivos rogam a Deus por aqueles que adormeceram, pois a liturgia dos funerais é uma celebração do Mistério Pascal de Cristo. Nessa “recomendação”, a Igreja pede que os seus filhos, incorporados pelo Batismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passem da morte à vida

---

<sup>137</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 164.

<sup>138</sup> FALBO, Giovanni. *Santa Mônica*, p. 142.

<sup>139</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 162.

e, devidamente purificados na alma, sejam associados aos santos e eleitos no Céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurada esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos.

Nas tradições religiosas, o ato de reverenciar os mortos faz parte, praticamente, de todos os povos. A Igreja, presente na vida de seus filhos vivos, oferece, com eles, pelos seus falecidos o sacrifício do altar, memorial da Paixão do Senhor. Unidos no altar do sofrimento e da morte, também se busca em Cristo a glória e a ressurreição, socorro espiritual para os defuntos e auxílio e esperança para os que lamentam a morte.

Diz Agostinho:

Para que tragam à memória aqueles que, devido à morte, foram subtraídos aos olhos dos vivos. Advertem assim as pessoas a se lembrarem deles, para não acontecer que, tendo sido retirados dos olhos dos vivos, não sejam também do coração pelo esquecimento.<sup>140</sup>

O Bispo Agostinho revela contrariedade em relação a certas práticas devocionais, principalmente as oriundas de sua pátria africana, as quais envolvem magia: “Insistindo muito no fato de que as honras devidas aos mortos servem principalmente para consolo dos vivos: só as orações tinham verdadeira ação propiciadora.”<sup>141</sup>

Quando Agostinho afirma que não existe ajuda ao morto por estar sepultado próximo do túmulo de algum santo, mas o auxílio nasce por meio da oração de intercessão dos vivos ao santo ali sepultado, o Bispo de Hipona não desqualifica a sepultura. Contudo, ressalta que o auxílio não provém da aproximação, mas da oração. Ao abençoar o local de sepultamento, tem início esse processo de oração, pois o ato de rezar perpassa pelo ato de crer: “Supondo que circunstâncias imperiosas impediram a inumação ou que a autorização não foi dada de ela ser feita nesses lugares sagrados, não será por isso que se hão de negligenciar as orações pelos falecidos.”<sup>142</sup>

Não existem relatos históricos, mas certamente Agostinho se dirigiu, muitas vezes, para rezar no túmulo de sua mãe durante o ano em que permaneceu em Roma, antes de retornar à África, no verão de 388. A partir de então, Agostinho foi ordenado sacerdote em

---

<sup>140</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 163.

<sup>141</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 55.

<sup>142</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 163.

391, bispo em 396 e faleceu em 430. Nunca mais voltou a Roma, portanto, nunca mais viu o túmulo de sua mãe Mônica. Outra certeza é que ele jamais deixou de rezar por ela.

Treze anos depois da morte de sua mãe Mônica, Agostinho escreveu:

Agora, com a ferida do meu coração já sanada, na qual se podia censurar um afeto muito carnal, derramo diante de ti, meu Deus, por tua serva, outra espécie de lágrimas, bem diferentes, aquelas que brotam do espírito comovido à vista dos perigos que corre toda alma que morre em Adão. É verdade que minha mãe, vivificada em Cristo, antes mesmo de ser livre dos laços da carne, viveu de tal modo, que teu nome era louvado em sua fé e em seus costumes. Contudo, não me atrevo a dizer que desde que a regeneraste no batismo não saiu de sua boca nenhuma palavra contrária à tua lei... Por isso, Deus de meu coração, minha vida e minha glória, esquecendo por um momento as boas ações de minha mãe, pelas quais te dou graças com alegria, peço-te agora perdão por seus pecados. Ouve-me pelos méritos daquele que é o médico de nossas feridas, que foi suspenso do madeiro da cruz e que, sentado agora à tua direita, intercede por nós junto a ti. Eu sei que ela sempre agiu com misericórdia, e que perdoou de coração todas as faltas contra ela cometidas; perdoa-lhe também suas dívidas, se algumas contraiu em tantos anos que se seguiram ao batismo. Perdoa-lhe, Senhor, perdoa-lhe, te suplico, e não entres em juízo com ela... Assim, graças às minhas confissões, o último desejo de Mônica será mais amplamente satisfeito com muitas orações do que só pelas minhas.<sup>143</sup>

### 2.3 A MEDIAÇÃO ENTRE VIVOS E MORTOS

Quando Agostinho, no curtíssimo Capítulo 15 do tratado – *O cuidado devido aos mortos* – aborda as condições do relacionamento entre mortos e vivos, narra que o elemento principal do relacionamento entre vivos e mortos é a mediação. A Igreja Peregrina comunica-se com a Igreja Celeste por mediação de Cristo, pois Cristo tudo conhece e nada pode ocorrer sem o consentimento dele. O próprio Jesus disse: “Ninguém vem ao Pai senão por mim.” (Jo 14,6).

Avaliando o tratado escrito por Agostinho, encontram-se as seguintes afirmações quanto àqueles que morreram: “Por certo, não ficam conhecendo, mas somente aquilo que lhes for autorizado de ser revelado e que eles têm necessidade de conhecer.”<sup>144</sup> Prontamente Agostinho está afirmando que a morte não concede aos falecidos o poder da onisciência, a

<sup>143</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 262.

<sup>144</sup> Idem. *O cuidado devido aos mortos*, p. 182.

possibilidade de ficarem sabendo o que ocorre entre os vivos. O poder da onisciência é unicamente de Deus. Aqueles que estão na Igreja Celeste veem Deus, mas não abarcam o seu conhecimento. Para saber algo dos vivos, os mortos necessitam da autorização de Deus. Somente se pode conhecer aquilo que Deus deseja revelar. O ato de estar na presença de Deus é denominado “visão beatífica”.

A Igreja se pronuncia ainda sobre a visão beatífica afirmando que, desde os tempos iniciais, os falecidos que morreram em perfeita amizade com Deus, gozam da imensa alegria de estarem na Igreja Celeste, na presença da Santíssima Trindade, isto é, mesmo não tendo um corpo glorioso, já podem contemplar a face de Deus:

Este ensinamento apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, da qual já a Sagrada Escritura fala: “Eis por que ele (Judas Macabeu) mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos de seu pecado.” (2Mc 12,46). Desde os primeiros tempos a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico, a fim de que, purificados, eles possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos (CCE, n. 1.032).

Prosseguindo dentro desse ponto – as condições de relacionamento entre mortos e vivos – outro elemento relevante abordado por Agostinho é o papel importante dos anjos na comunhão dos santos, afirmando que os anjos velam sobre as coisas do mundo e que podem estar presentes, ora na Terra, ora no Céu:

Os anjos, que velam sobre as coisas deste mundo, podem também lhes revelar alguns pontos que julguem convenientes a cada um, por Aquele que tudo governa. Pois se os anjos não tivessem o poder de estarem presentes tanto na morada dos vivos quanto na dos mortos, o próprio Senhor Jesus não teria dito: “Aconteceu que o pobre [Lázaro] morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão.” (Lc 16,22). Eles estão, assim, ora na terra, ora no céu, já que foi da terra que levaram aquele homem que Deus o confiou.<sup>145</sup>

---

<sup>145</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 182.

Os anjos são seres espirituais criados por Deus. Muito mais que explicar o que é um anjo, o importante é ressaltar a função deles. O termo *anjo*, segundo raízes hebraicas, significa *mensageiro*, porque são portadores da vontade divina. Segundo a tradição judaico-cristã, os anjos se encontram entre Deus e os homens.<sup>146</sup> Agostinho, nos Comentários aos Salmos [*Enarrationes in Psalmos*], referindo-se ao Salmo 103, diz a respeito dos anjos: “Com o nome de anjo se designa o ofício, não a natureza. Perguntas o nome desta natureza? É espírito. Procuras saber qual é o seu múnus? É o de anjo, mensageiro. Quanto ao que é, é espírito; quanto ao que faz, é anjo” (CCE, n. 329).

No decorrer do texto, Agostinho assegura que os anjos velam sobre as coisas deste mundo, e que Deus pode revelar alguns pontos que Ele julga serem importantes às pessoas na Igreja Peregrina para ficarem sabendo por meio dos anjos. Agostinho cunha sua afirmação: os anjos têm o poder de estar tanto presentes na morada dos vivos como na dos mortos a partir da passagem do Evangelho de Lucas que diz: “Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão.” (Lc 16,22). Estando eles, ora no Céu, ora na Terra, levaram aquele homem, que Deus confiou-lhes, para o céu.<sup>147</sup>

## 2.4 A MORTE NA TEOLOGIA AGOSTINIANA

Agostinho não esquece as questões relativas ao destino de cada indivíduo que começa logo depois da morte. A origem da morte da humanidade é concebida a partir do castigo devido ao pecado de Adão.<sup>148</sup> Já os pelagianos dirão que morrer é condição da natureza, e não, fruto do pecado.<sup>149</sup>

Na teologia agostiniana, a morte pode ser compreendida a partir de três segmentos: a *morte espiritual*, a *morte corporal* e a *morte total do homem*.<sup>150</sup> Ele denomina *morte espiritual*, ou primeira morte, quando a pessoa, em vida, peca, e seu pecado espiritual rompe a aliança com Deus, separando sua alma de Deus. A morte corporal, ou segunda morte, ocorre quando a pessoa morre, e sua alma separa-se do corpo. Já a morte total do homem acontece

<sup>146</sup> DI BERNARDINO, Angelo. (Org.) *Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs* p. 101.

<sup>147</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 182.

<sup>148</sup> Idem. *A Trindade*, p. 417.

<sup>149</sup> MORIONES, Francisco. *Teología de San Agustín*, p. 569.

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 568.

quando a alma fica separada do homem e de Deus para sempre, como resultado da morte primeira e segunda morte.

Agostinho descreve como *morte primeira* quando a alma paga as penas temporais, contudo, com o tempo, terá a visão de Deus; a *morte segunda* ocorre quando o corpo e a alma estão no inferno, nesse caso, a situação é irreversível. Agostinho fundamenta a segunda morte na passagem bíblica do Apocalipse de João (Jo 21,8): “Os tábios, os infiéis, os depravados, os homicidas, os impuros, os maléficos, os idólatras e todos os mentirosos terão como quinhão o tanque ardente de fogo e enxofre, a segunda morte.”

O Bispo de Hipona assegura que nós morremos na alma e no corpo: “Na alma, pelo pecado, e no corpo, como pena do pecado e, portanto, por causa do pecado.”<sup>151</sup> A morte da alma é a impiedade, e a morte do corpo, a corruptibilidade, pois causa a separação da alma do corpo. “Assim como a alma pelo abandono de Deus morre, também o corpo morre pelo abandono da alma.”<sup>152</sup>

Esse autor declara que existe uma diferença entre a morte da alma e a do corpo, e sustenta sua afirmação a partir da fala de Jesus: “Deixai que os mortos sepulsem seus mortos.” (Mt 8,22). O corpo falecido deverá ser enterrado, contudo, Agostinho indica que os sepultadores é que estavam mortos na alma pelos seus pecados. Eles serão chamados desta morte quando escutarem: “Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará.” (Ef 5,14). Somente Cristo tem o poder de retirar o morto das trevas para levá-lo à luz.

## 2.5 O CORPO NA ESCATOLOGIA AGOSTINIANA

Eusébio de Cesareia, considerado o “Pai da História Eclesiástica”, escreveu em grego uma obra de dez livros,<sup>153</sup> narrando que na Gália, no ano de 177, quando Marco Aurélio era imperador, cristãos foram atirados na prisão, mortos por cães e depois tiveram seus corpos expostos ao ar livre e vigiados por seis dias para que não fossem roubados. Após esse período, os corpos foram queimados e reduzidos a cinzas até a última parcela, para serem finalmente

---

<sup>151</sup> MORIONES, Francisco. *Teología de San Agustín*, p. 151.

<sup>152</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>153</sup> DANIEL-ROPS. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*, p. 520.

atirados no rio Ródano, tudo isso com um objetivo: impedir os cristãos de lhes dar sepultura e lhes fazer memória.<sup>154</sup>

Foi utilizando-se desse fato histórico que Agostinho responde aos questionamentos da comunidade sobre a ressurreição dos mortos sem o sepultamento do corpo:

Ora, devemos pensar que se Deus permitiu essa destruição total, é para ensinar aos cristãos que ao confessar a Cristo, no desprezo desta vida, os mártires devem desprezar ainda mais a sepultura. Pois, se a abominável crueldade com que foram tratados aqueles corpos pudesse privar a alma vitoriosa de repouso bem-aventurado, Deus certamente não o teria permitido. Está bem claro o que o Senhor afirmou: “Não tenham medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer”. (Lc 12,4). Isso não significa que os perseguidores perderiam todo poder sobre o corpo dos fiéis, após a morte, mas que, embora tivessem esse poder, nada podiam [fazer] para diminuir a felicidade de suas vítimas; nada poderia atingir a vida consciente deles além-túmulo; nada poderia trazer dano aos próprios corpos, pelo menos no que se refere à integridade da sua ressurreição.<sup>155</sup>

Santo Agostinho isenta a necessidade de haver corpo para que ocorra a ressurreição. O dano ao corpo não diminui a felicidade da alma que se uniu a Deus; pelo contrário, o dano ao corpo enriquece a alma para uni-la a Deus. O santo defende que o homem é formado por uma unidade (corpo-alma), sendo que a alma é “mais nobre e mais real que os próprios corpos”.<sup>156</sup> Ainda que essa dualidade não possa sobrepor-se à unidade, o texto permite, aqui, um acento que supervaloriza a alma.

A antropologia agostiniana marcou a teologia de sua época de maneira determinante. No seu pensar, “tudo passa pelo homem”,<sup>157</sup> pois no homem encontram-se a estrutura e a imagem de Deus. Adotando a definição platônica de ser humano, o Bispo de Hipona descreve o homem como a mescla de um corpo e de uma alma racional. Esses dois conceitos são absolutamente obrigatórios para definir o homem, sendo que considera a alma superior:

---

<sup>154</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 166.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>156</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 74.

<sup>157</sup> *Ibidem*, p. 103.



É grande verdade não ser todo o homem a alma do homem, mas sua parte superior, nem seu corpo todo o homem, mas sua parte inferior. E também o é que à união simultânea de ambos os elementos se dá o nome de homem, termo que não perde cada um dos elementos, quando deles falamos em separado.<sup>158</sup>

Não estando o corpo equivalente à alma, não representa dizer que não é parte do homem. Implicação há, no pensamento de Agostinho, ao afirmar que o ser humano é composto de dois elementos: corpo e alma. Todavia, a distinção do homem lhe sobrevém da alma: “O que faz a excelência do homem é que Deus o fez à sua imagem, ao lhe dar uma alma espiritual e uma inteligência que o põe acima dos animais.”<sup>159</sup> Essa união entre corpo e alma provoca grande assombro a ponto de relacioná-la ao mistério da encarnação:

Há quem procure explicar a maneira como Deus se uniu ao homem para construir a pessoa única de Cristo, o que constituiu um caso único, como se fosse possível explicar um fato que aconteceu todos os dias, ou seja, o modo como a alma se une para formar uma só pessoa humana. Se a alma não se engana sobre sua natureza, ela entende que é incorpórea. Muito mais incorpóreo é o Verbo de Deus e, por isso, muito mais crível deve ser a união do verbo de Deus e da alma que a da alma e do corpo. Como poderíamos nós não confessar que a união de dois seres incorpóreos foi mais fácil que a de um incorpóreo e de um corpóreo.<sup>160</sup>

Para Agostinho a alma é superior pela sua racionalidade e capacidade de caminhar para Deus. Salienta que existem grandes diferenças entre corpo e alma, contudo defende a unidade: “Seria insensato querer destruir essa unidade admirável entre elementos tão discordantes.”<sup>161</sup> A alma é serva do Senhor, bem como o corpo é servo da alma. “No interior da alma humana encontram-se os vestígios da Trindade criadora de todas as coisas. Assim sendo, nada do que foi criado está mais próximo de Deus do que a alma humana.”<sup>162</sup>

Agostinho fundamenta que o corpo é bom porque foi criado por Deus e pode entrar na cidade divina. Sendo o fundamento da ressurreição para o cristianismo e pedra

<sup>158</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, v. 2, p. 151.

<sup>159</sup> SESBOÛÉ, Bernard. *O homem e sua salvação*, p. 103.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p. 104.

<sup>161</sup> *Ibidem*, p. 104.

<sup>162</sup> JORDÃO, Eduardo Antônio. *Agostinho*, p. 49.

fundamental do crer, demonstrando a necessidade corpórea para alcançar a glória divina.<sup>163</sup> Na obra *A Trindade*, Santo Agostinho declara que o pecado original foi adquirido pelos primeiros pais: Adão e Eva. Esse relato de transmissão encontra-se no *Livro do Gênesis* (Gn 3,14-19) quando o Criador fala para sua criatura: “Tu és pó, e em pó te hás de tornar.” O santo bispo assegura que Deus “pronuncia a morte corporal do homem, morte pela qual não passaria se tivesse permanecido no estado de justiça original”.<sup>164</sup> Quanto à alma, afirma que é imortal, pois o homem é, em última instância, imagem de Deus porque tem a capacidade de reconhecê-lo.<sup>165</sup>

Santo Agostinho, na obra denominada *Enchiridion*,<sup>166</sup> divide os mortos em três grupos. Descreve-os como: *valde boni*, aqueles que foram muito bons, os santos que estão na Glória. O segundo grupo como *non valde mali*, aqueles que não foram de todo maus, mas que necessitam de um tempo de expiação para alcançar a Glória eterna. Já o terceiro grupo é chamado de *pro valde maios*, aqueles muito maus, os condenados ao inferno. Cada uma das almas que se encontram nesses grupos traz consigo o tempo da memória. Estando onde as almas têm consciência de seus atos e porque ali se encontram, a memória chega a ser o mesmo que autoconsciência do ser.<sup>167</sup>

### 2.5.1 A ressurreição do corpo

A realidade que constitui o evento escatológico por excelência e que inaugura o *eschaton* é a ressurreição dos corpos. Agostinho se detém, de modo amplo, nessa realidade escatológica, contribuindo, notavelmente, com seu conhecimento para a determinação do sentido da ressurreição. O Bispo de Hipona baseia todas as suas argumentações na ressurreição dos corpos mediante uma constante referência à Escritura, em particular, aos escritos de São Paulo. A sua apologética da ressurreição, contra as objeções dos pagãos, parte de um dado fundamental: a fé na ressurreição de Cristo. Conseqüentemente, Agostinho considera insensato afirmar que a ressurreição dos mortos será diferente da de Cristo. O

<sup>163</sup> SESBOUÉ, Bernard. *O homem e sua salvação*, p. 104.

<sup>164</sup> SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*, p. 417.

<sup>165</sup> *Ibidem*, p. 371.

<sup>166</sup> *Idem*. *O cuidado devido aos mortos*, p. 193.

<sup>167</sup> CIPRIANI, Nello. *Verbete Memória*. In: FITZGERALD, Allan. *Diccionario de San Agustín*, p. 881.

homem é chamado a se tornar a imagem do Filho de Deus e está destinado a ir ao encontro da plenitude de Cristo.<sup>168</sup>

Assim, a realidade da ressurreição é compreensível somente em relação a Cristo, e isso também no que diz respeito à condição do corpo ressuscitado: “Assim como Ele (Cristo) se faz conforme conosco pela mortalidade, assim, também nos façamos conformes a Ele pela imortalidade. Isso também se relaciona com a ressurreição dos mortos.”<sup>169</sup>

Nessa linha de pensamento, Agostinho considera que, na eternidade, o corpo ressuscitado<sup>170</sup> conservará sua identidade sexual,<sup>171</sup> assim como sua integridade, pois do corpo nada será perdido, desde que nele nada haja de irregular.<sup>172</sup>

Por certo, nem a carne nem o sangue possuirão o Reino de Deus, o que é impossível. Mas o corpo corruptível há de revestir a incorruptibilidade e este ser mortal revestirá a imortalidade. Ele não causará nenhum incômodo, pois não padecerá nenhuma necessidade, vivificado pela alma bem-aventurada e perfeita, numa suprema quietude.<sup>173</sup>

Santo Agostinho também perceberá a diferença que há entre a reflexão paulina a respeito do destino dos corpos depois da morte e o pensamento grego. No mundo helênico, a alma é divina, e o corpo, mortal. “Prevalecendo uma visão que imediatamente após a morte, a alma imortal separava-se do corpo corruptível, de modo que o corpo não podia ter nenhuma importância para a existência pós-morte.”<sup>174</sup>

O helenismo também influenciou o povo judeu com a ideia de que o corpo era afetado pela corrupção, sobrevivendo somente a alma após a morte. Diante dessa situação histórico-cultural, “Paulo tinha que dar uma resposta acerca da natureza da existência pós-morte, que, por um lado, a imortalidade de alma, mas que, por outro, não podia deixar obscurecer o valor negativo do corpo.”<sup>175</sup>

---

<sup>168</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, L. 3, p. 360.

<sup>169</sup> *Ibidem*, p. 364.

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 373.

<sup>171</sup> *Ibidem*, p. 366.

<sup>172</sup> *Ibidem*, p. 368.

<sup>173</sup> *Idem. A doutrina cristã*, p. 57.

<sup>174</sup> SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*, p. 758.

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 759.

Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo afirma: “É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da imortalidade.” (1Cor 15,52-54). Assim, esse santo-filósofo Agostinho enfatizará que somente na ressurreição, no final dos tempos, será possível o encontro do homem com Deus face a face.

### 2.5.2 O cuidado devido ao cadáver

No Capítulo 3, *De cura pro mortuis gerenda* (em *O cuidado devido aos mortos*), o Bispo de Hipona explica que, sendo importante para os filhos a roupa, o anel e outros objetos do pai, muito mais terna é a piedade filial pelo corpo desse mesmo pai. Com efeito, fazendo analogia, Agostinho afirma que a alma se reveste do corpo, descrevendo: “Com efeito, o corpo não é apenas ornamento do homem, adjutório exterior, mas é parte de sua natureza humana.”<sup>176</sup>

Assim, o corpo não pode ser simplesmente desprezado e abandonado após a morte, como foi feito com infinitos soldados deixados sobre os campos de batalha para servirem de pasto aos animais.<sup>177</sup> “A quem faltou sepultura, o céu serve de proteção”.<sup>178</sup> Trata-se de uma forma poética de não assegurar dignidade ao corpo.

Agostinho afirma que o corpo não é ornamento do ser humano, mas que ele compõe a pessoa, sendo parte importantíssima da estrutura do seu ser. Justamente por esse motivo, não pode ser desprezado. “O homem é um animal racional e submetido à morte; enquanto racional, ele se distingue das bestas; enquanto submetido à morte, distingue-se dos anjos”.<sup>179</sup>

Na Antiguidade, a sepultura assumia um sentido mais religioso que familiar ou social.<sup>180</sup> Agostinho magistra que a sepultura não deve ser desprezada e, por isso, motiva sua utilização.

---

<sup>176</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 161.

<sup>177</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>178</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>179</sup> GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, p. 393.

<sup>180</sup> HAMMAN, Adalbert. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*, p. 139.

Pelo fato de que na morte de Cristo a alma tenha sido separada da carne, a única pessoa não foi dividida em duas pessoas, pois o corpo e a alma de Cristo existiram da mesma forma desde o início na pessoa do Verbo; e na Morte, embora separados um do outro, ficaram cada um com a mesma e única pessoa do Verbo.<sup>181</sup>

Agostinho deixa claro que o corpo, apesar de ser um bem, pois é criação de Deus, unido com a alma, coloca o homem rumo a Deus. Assim, o homem é uma alma racional que se serve de um corpo mortal e terrestre;<sup>182</sup> de um corpo que necessita para sobreviver neste mundo até encontrar o Criador. Sendo o corpo morada do Espírito Santo, é mister dispensar dignidade a ele após a morte. Agostinho “sempre insistiu na absoluta transcendência hierárquica da alma em relação ao corpo, mas jamais admitiu, e até mesmo rejeitou com horror, a hipótese de uma humanidade cujos corpos seriam como prisões”.<sup>183</sup>

Desprezar o corpo é rejeitar a futura ressurreição:

Os corpos dos defuntos devem ser tratados com respeito e caridade, na fé e na esperança da ressurreição. O enterro dos mortos é uma obra de misericórdia corporal que honra os filhos de Deus, templos do Espírito Santo (CCE, 2300).

O Bispo de Hipona declara que todo cuidado dispensado ao corpo não é pelo fato de que ele possa sentir alguma coisa, pois está desprovido de sensibilidade. Todo o cuidado demonstrado ao corpo tem uma única finalidade: a crença na ressurreição:

Acontece, com efeito, que os piedosos obedecem a uma boa inspiração quando, levados pelo sentimento pelo qual “ninguém odeia sua própria carne” (Ef 5,29), sofrem de verem mal cuidados os cadáveres dos outros, pois não queriam que tratassem assim o seu próprio corpo em vida.<sup>184</sup>

---

<sup>181</sup> SÃO JOÃO DAMASCENO. *De fide orthodoxa*, 3,27. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 626.

<sup>182</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, L. 2, p. 214.

<sup>183</sup> GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, p. 110.

<sup>184</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 171.

Agostinho menciona, também em seu tratado, que os pais confiavam aos filhos o compromisso de cuidar de suas exéquias e da sepultura:

Esta a causa dos derradeiros deveres de piedade solenemente prestados aos justos dos velhos tempos, a pompa de suas exéquias, os cuidados com sua sepultura e as ordens que eles mesmos, durante a vida, confiavam aos filhos, para o sepultamento ou transladação de seus restos mortais.<sup>185</sup>

O Bispo de Hipona refere-se, também, ao costume de ofertar esmolas na intenção dos defuntos:

Há salutar ensinamento para nós, sobre quão grande pode ser a paga das esmolas feitas a criaturas vivas e dotadas de sensibilidade, se aos olhos de Deus nada se perde dos caridosos tributos que prestamos aos restos inanimados dos homens.<sup>186</sup>

## 2.6 OS MORTOS E O TEMPO DA MEMÓRIA

O dado particular na escatologia individual agostiniana é a ideia de adiamento da retribuição definitiva até a ressurreição, no final da história. Somente depois da ressurreição, quando a alma se unir novamente ao corpo, a retribuição assumirá uma forma plena e definitiva tanto para os bons como para os maus. Por isso, as almas defuntas não gozam, antes da ressurreição, da visão de Deus, mas esperam o último dia.<sup>187</sup>

Agostinho sustenta, contudo, a existência de um juízo particular para o indivíduo logo depois da morte, que comporta certa retribuição, mas, obviamente, não adequada, não completa. Com efeito, a alma dos justos, separada do seu corpo, está na paz, ao passo que a dos ímpios paga a pena, até que o corpo de uns ressuscite para a vida eterna, e o de outros seja condenado à eterna morte, que é a *segunda morte*.<sup>188</sup>

---

<sup>185</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 161.

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 162.

<sup>187</sup> *Idem*. *A cidade de Deus*, L. 2, p. 205.

<sup>188</sup> *Ibidem*, p. 211.

Para Agostinho “Deus habita na memória”,<sup>189</sup> sendo que é nela que o ser se encontra consigo mesmo e recorda as ações que realizou – quando, onde e sob que sentimentos foram praticadas.<sup>190</sup> O estudioso menciona que a memória contém os sentimentos da alma, sugestionando que ela faz parte da alma.<sup>191</sup> “A memória da própria vida passada se explica pela permanência, na alma bem-aventurada, das imagens armazenadas na memória.”<sup>192</sup>

Segundo Santo Agostinho, o tempo da memória reúne, de modo original, o presente, o passado e o futuro, carrega a marca da relação com o mundo corporal e a supera. Ao morrer, o homem se desliga do tempo físico e retém o tempo da memória, que não é a eternidade e nem o tempo físico. Esse tempo permite entender o que de definitivo se fez na vida, o que depende de uma purificação, e o que já pode estar numa nova relação com a matéria através da ressurreição da carne.

O homem continua, depois da morte sendo um ser temporal, mantendo relação com a história humana da qual saiu pela morte. Ela constituiu seu tempo humano, que permanece após a morte, na forma de “tempo da memória”, pois a morte não lhe tira a condição de membro da Igreja.

A memória torna-se uma evocação do passado em Agostinho. É isso que os mortos levam à eternidade. É forma que capacita os humanos para retirar e guardar o tempo que se foi. A memória não é um simples lembrar ou recordar das coisas; ela revela uma das formas mais claras e fundamentais de nossa existência, e é onde estão nossos laços com o tempo, e, no tempo, com aquilo que não podemos ver ou acessar, ausente e distante, isto é, o passado.<sup>193</sup>

Quanto ao tempo, o Bispo de Hipona afirma que existe somente o tempo presente: “Agora está claro e evidente para mim que o futuro e passado não existem... o presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a esperança. O futuro não existe agora, nem o passado.”<sup>194</sup>

---

<sup>189</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 298.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 279.

<sup>191</sup> *Ibidem*, p. 285.

<sup>192</sup> CIPRIANI, Nello. *Verbete Memória*. In: FITZGERALD, Allan. *Diccionario de San Agustín*, p. 882.

<sup>193</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 345.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 349.

## 2.7 O DESTINO FINAL DA VIDA HUMANA

A vida na “Cidade do Alto” será uma vida livre de todo mal, na qual há o eterno gozo de toda alegria na santidade. “Sabemos que a maior alegria dessa cidade será cantar cânticos de glória à Graça de Cristo, que nos libertou com seu sangue.”<sup>195</sup>

Grande embate teológico Agostinho teve contra o pelagianismo, segundo o qual a natureza humana é capaz, com suas próprias forças, de evitar o pecado. Pelágio negava o pecado original e a concupiscência no ser humano, afirmando a suficiência do homem, posto que ele não necessita do auxílio da Graça para sua salvação. “O homem pelagiano goza de perfeito equilíbrio moral. O pecado não atinge sua natureza, mas seu mérito.”<sup>196</sup> Portanto, em sendo perdoado, retorna à perfeição.

Para Agostinho, não é possível a salvação sem a Graça de Deus. A Graça é o “próprio bem da liberdade humana”.<sup>197</sup> Não tendo esse apoio de Deus, certamente, a pessoa sucumbiria. Deus concede a Graça sem ultrapassar a liberdade.

Quanto à segunda morte, Agostinho, seguindo as Escrituras, concebe-a como sinônimo de condenação eterna. O bispo está afirmando que os condenados sofrerão um eterno tormento, a pena do fogo e a do verme que não cessarão.<sup>198</sup> O inferno recebe o ser humano em sua totalidade: de corpo e alma:

Assim, irão os ímpios para o eterno suplício e os justos para a vida eterna? Se ambos os destinos são eternos, deve-se entender que ambos serão duradouros, mas findáveis, ou ambos perpétuos e sem-fim. A correlação no texto é perfeita. De uma parte, o suplício eterno; de outra, a vida eterna. Dizer que a mesma expressão em vida eterna significa que não terá fim e em suplício eterno que terá fim é o cúmulo do absurdo. Em conclusão, como a vida eterna dos santos não terá fim, tampouco o terá o suplício eterno de quem o mereça.<sup>199</sup>

<sup>195</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, L. 3, p. 399.

<sup>196</sup> Idem. *A Graça*, L. 1, p. 105.

<sup>197</sup> GROSSI, V. *Verbete Pelágio*, In: DI BERNARDINO, Ângelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, p. 1.132.

<sup>198</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, L. 2, p. 210.

<sup>199</sup> Ibidem, L. 2, p. 308.



Nosso autor sustenta que a pena eterna não pode ter fim se não se quiser entrar na lógica do absurdo e da contradição. Na condição de eternidade, não há possibilidade de que algo possa mudar como acontece na temporalidade histórica. Agostinho afirma que nenhuma pena eterna pode ser perdoada, nem mesmo pela intercessão dos anjos, haja vista que, na eternidade, não se reza pelos condenados, e a razão “a mesma causa que agora impede à Igreja [de] rogar pelos anjos maus, que sabe seus inimigos, impedir-lhe-á, então, no juízo final, [de] rogar pelos homens destinados ao fogo eterno”.<sup>200</sup>

Santo Agostinho, porém, não se limita a destinar os seres humanos à salvação ou à condenação. Ele crê que há uma possibilidade de purificação para quem não merece o inferno, mas igualmente, não está em Estado de Graça para alcançar o Céu. Ele se refere a um “fogo purificador” que aniquila todas as faltas das pessoas. Em *A cidade de Deus*, encontra-se o termo *Purgatorius* no Livro XXI.<sup>201</sup>

## 2.8 AVALIAÇÃO DO TRATADO

Constata-se que Agostinho parte de uma questão principal formulada pelo Bispo de Nola sobre o proveito que os mortos podem tirar se forem inumados perto de túmulos de santos e passa, a partir disso, a abordar outros elementos importantes. Por exemplo, a situação dos corpos insepultos. No tratado, o autor transcreve duas páginas de sua obra *A cidade de Deus* para refletir sobre a importância de honrar os mortos. Ele também esclarece que os atos fúnebres, por mais piedosos que sejam, servem mais para consolo dos enlutados do que para socorro dos mortos.

Entretanto, isso não implica descaso com o cadáver que merece exéquias. Também, a sepultura é abordada como sendo importante e sagrada para a vida cristã, mas não é indispensável para a oração de sufrágio.

Na segunda parte do tratado, Agostinho reflete sobre a relação que há entre mortos e vivos e esclarece que os mortos não aparecem para se comunicar com os vivos e nem para lhes pedir socorro. Santo Agostinho também ensina que os mortos não se ocupam dos nossos

---

<sup>200</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus* L. 2, p. 309.

<sup>201</sup> *Ibidem*. L. 3, p. 296.

problemas e, ao afirmar isso, se vale da experiência de dor que passou quando sua mãe morreu, e que nada lhe fora comunicado da outra vida.

Por outro lado, o bispo adverte que os mortos não estão indiferentes ao que se passa na Terra, e cita o rico da passagem do pobre Lázaro que se preocupa com o destino de seus irmãos. E quando se relata a aparição de mortos como atesta o Antigo Testamento (como o caso de Samuel que aparecera a Saul e no caso de São Félix de Nola que aparecera aos seus concidadãos para confortá-los diante da invasão dos vândalos) Santo Agostinho reconhece ser incapaz de responder às muitas questões desse tipo.

Numa síntese, para Santo Agostinho, segundo o tratado *O cuidado devido aos mortos*, somente as orações, as esmolas e a participação no sacrifício do altar podem beneficiar os mortos.

Merece destaque a humildade do santo bispo ao admitir que não conseguia responder a todas as questões que envolviam o mistério e chegou a afirmar: “Por que dissertar, negar ou afirmar, em matérias tão cheias de riscos e perigos, sobre coisas que não trazem culpa alguma de serem ignoradas?”<sup>202</sup>

---

<sup>202</sup> SANTO AGOSTINHO. *Enchiridion* 15,59.

### 3 O CULTO AOS MORTOS COMO LUGAR TEOLÓGICO

Melchor Cano (1509-1560), teólogo espanhol, escreveu o Tratado *De locis Theologicis*. Sua obra clássica foi importante para tratar do que se entende por lugar teológico:

A teologia católica dá o nome de *lugares teológicos* aos diversos domínios a partir dos quais o conhecimento teológico pode elaborar seu saber ou às diversas fontes nas quais se inspira: a Escritura, a Tradição, os Padres, o Magistério, a liturgia.<sup>203</sup>

No *locus Theologicis*, segundo Melchior Cano, a coleção de material e a sistemática das verdades teológicas possibilitam a primeira descoberta e a justificação teológica dos princípios teológicos.<sup>204</sup> Seguindo nesta direção, o culto aos mortos encontra consideráveis fundamentações na Escritura, Tradição, Padres, Magistério e liturgia da Igreja, alicerçada como verdade de fé para os católicos, de grande valor antropológico para o povo cristão e elemento constitutivo da salvação do Povo de Deus. Assim sendo, se buscará demonstrar que o culto aos mortos é lugar teológico e elemento formativo para a esperança cristã.

#### 3.1 O SENTIDO TEOLÓGICO DA MORTE

Abordar a morte é na verdade abordar a vida, pois somente pode morrer aquilo que vive. Possibilidade inexistente que gozava o homem imortal, segundo Agostinho o homem no paraíso gozava de uma graça especial:

A imortalidade de que o homem gozava, no estado de natureza assim definido, pertencia a ele em virtude de outra graça que não necessariamente decorria de seu estado de justiça original, pois sua imortalidade não consistia

---

<sup>203</sup> MICHON, Cyrille. NARCISSE, Gilbert. Verbete: *Lugares teológicos*. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1055.

<sup>204</sup> SCHMAUS, Michael. *Historia de los dogmas. El método teológico*, p. 100.

em não poder morrer, mas somente em poder não morrer, ao se separar da árvore da vida da qual ele de fato se separou pelo pecado.<sup>205</sup>

A Teologia, ao tratar da morte relaciona-a ao pecado de Adão:

Se alguém afirma que a prevaricação de Adão prejudicou a ele só e não à sua descendência, que perdeu somente para si e não também para nós a santidade e a justiça recebidas de Deus; ou que, manchado pelo pecado de desobediência, ele transmitiu a todo o gênero humano “só a morte” e de penas “do corpo, e não também o pecado, que é a morte da alma”, seja anátema; pois contradiz o Apóstolo, que afirma: ‘Por causa de um só homem o pecado entrou no mundo e com o pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, e nele todos pecaram (DH 1512).

Contudo, não se trata somente da morte corporal; Cristo diz que devemos temer aqueles que matam a alma e não o corpo (cf. Mt 10,28). Essa segunda morte é a mais terrível, colocando a criatura num banimento eterno de Deus. A cultura atual do materialismo submete a morte da alma à morte do corpo, querendo afirma que a *bios* (vida biológica) possa engolir a *zoe* (vida eterna).<sup>206</sup> Logo é possível compreender afirmação de Paulo que não teme a morte biológica: “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,21).

O homem ‘paradisiaco’ certamente conheceria a morte física, mas não conheceria a morte espiritual que é fruto do pecado. Ele foi concebido para viver plenamente no paraíso. O pecado o excluiu do paraíso e Paulo descreve essa situação como “o aguilhão da morte” (1Cor 15,56). Não devendo isso ser reconhecido como punição divina, mas, como consequência do pecado. Existe segundo Franz-Josef Nocke uma conexão entre o pecado e experiência de morte, afirma o teólogo, que o “ser humano não é capaz de confiar e amar”,<sup>207</sup> por esse motivo não aceita a morte como consumação.

Clodovis Boff, em seu livro *Escatologia*, recorda uma comparação realizada por Santo Tomás:

<sup>205</sup> GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, p. 283.

<sup>206</sup> BOFF, Clodovis. *Escatologia: breve tratado teológico-pastoral*, p. 52.

<sup>207</sup> NOCKE, Franz-Josef. *Verbete: Consumação do indivíduo*. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de dogmática*, p. 403.

Como uma faca de ferro, de si, oxida, assim também o homem, por natureza, morre. Mas como o artesão niquela a faca para que não oxide, assim Deus imunizou o homem contra a morte com o dom da integridade física. Porém, como uma faca se oxida quando perde o níquel, assim também o homem passou a morrer quando, pelo pecado, perdeu a graça da imortalidade corporal.<sup>208</sup>

O cristão compreende que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6,23), consequência de sua desobediência. Contudo a Páscoa de Cristo desponta numa perspectiva para os seres humanos mortais. Na ressurreição de Cristo a morte é totalmente destruída, perde totalmente seu poder e deixa de ser o que era. O ser humano, inserido plenamente em Cristo, o Novo Adão, não deve mais nada ao pecado cometido pelo velho Adão. “Por isso a morte já não tem mais poder sobre o homem, como não tem poder sobre Cristo” (Rm 6,4-11). O ser humano sofre uma transformação de corruptível para incorruptível, de mortal para imortal.

A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças, porém, sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo! (1 Cor 15,55-57)

Mesmo o cristão crendo inabalavelmente na ressurreição o medo da morte não o abandona, Agostinho menciona com propriedade esse medo: “não é a fé, mas a natureza que sente horror da morte”.<sup>209</sup> Jesus vivenciou pessoalmente esse medo no Jardim das Oliveiras (Mc 14,33-34), diante do túmulo de seu amigo Lázaro (Jo 11,33-34) e no sentimento de abandono na cruz (Cf. Mt, 27, 46). A morte foi vencida, mas em esperança (cf. Rm 8,24).<sup>210</sup> No Juízo Final todos os sofrimentos decorrentes da morte serão aniquilados com ela.

A morte é um mistério que não pode ser esvaziado e nem a dor que ela provoca pode ser escondida. Por isso o rito de exéquias busca fortalecer a convicção de que, “para os que creem, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado nos céus um corpo imperecível”.<sup>211</sup>

<sup>208</sup> BOFF, Clodovis. *Escatologia: breve tratado teológico-pastoral*, p. 51.

<sup>209</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 194.

<sup>210</sup> CNBB. *Nossa Páscoa: Subsídios para celebrações da esperança*, p. 9.

<sup>211</sup> MISSAL Romano. *Prefácio dos fiéis defuntos I*, p. 462.

Segundo H. Volk existem cinco palavras na Teologia que devem ser relacionadas ao homem quando abordado o tema morte, pois trazem em si um ensinamento teológico. Primeira, a *criação*, o homem criado deve morrer; segunda, a *graça*, vivendo nela o homem não precisaria ter morrido; terceira, o *pecado*, por meio dele a morte entrou no mundo; quarta, a *redenção*, ofertada por Jesus Cristo que livra do pecado, ou seja, da morte; quinta, a *escatológica*, a ressurreição e aguardando a retorno de Cristo na Parusia, sinal da vitória definitiva sobre a morte.<sup>212</sup>

### 3.1.1 A morte de Cristo

No instante que Cristo encarnou no seio da Virgem Maria, assumindo a natureza humana, excluído o pecado, se fez mortal. Cristo assume a condição do Adão caído, toma sua carne do pecado e passa pela morte com todas as suas trevas, guardadas as devidas proporções, sua morte é semelhante à morte dos homens, mas, não igual.<sup>213</sup>

A morte de Jesus não opera, portanto, uma remissão mágica, que seria infundida de maneira misteriosa e invisível na pessoa que vai ser remida. O fato de Jesus ter morrido por nossos pecados não significa que nós próprios já não mais precisamos morrer por nossos pecados. Sua morte não é uma ação substitutiva, mas deflagração e possibilitação de um processo de libertação que segue adiante.<sup>214</sup>

Estando Deus disposto a perdoar a culpa do homem e a devolver-lhe a graça da vida divina, santificando-o plenamente do pecado, somente o Verbo feito Homem pode, em sua natureza humana e por razão de sua dignidade como Pessoa Divina, realizar essa missão redentora.

A vontade redentora de Deus e seu desejo de devolver ao homem a graça, apesar da exigência de uma satisfação condigna, é obra pura da bondade e

---

<sup>212</sup> H. Volk. *Verbete: morte*. In: FRIES, Heinrich, *Dicionário de teologia. Conceitos fundamentais de teologia atual*, p. 376.

<sup>213</sup> RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p. 64.

<sup>214</sup> LOHFINK, Gerhard. *Jesus de Nazaré*, p. 348.

misericórdia divinas. Pois é Deus quem envia o Verbo humanado ao mundo.<sup>215</sup>

Qual o sentido da morte de Jesus? Certamente não é possível desassociar do sentido que viveu em sua vida. Jesus morre por aquilo que viveu e anunciou conforme o plano de Deus. H. Schürmann utiliza um termo, *Proexistnz* (existência para os outros) dizendo que, no plano vertical, Jesus ‘existe’ para Deus e, no plano horizontal, Jesus ‘existiu’ para os homens.<sup>216</sup> Enviado ao plano horizontal para conduzir os homens para o plano vertical. Jesus ‘existi’ para redimir o homem caído. Jesus morre para salvar.

É por meio da morte livre que Cristo realiza a obra redentora do homem, perpassada pelo vínculo da obediência existente com o Pai. Cristo toma sobre si a morte, que na ordem concreta é expressão e visibilidade da criação, queda dos anjos e do homem.<sup>217</sup> A morte é manifestação visível do pecado no mundo, enquanto que a morte de Cristo é a manifestação da misericórdia ao mundo vencendo a morte com morte. Precisamente por causa de seu caráter velado, a morte de Cristo torna-se expressão e corporeidade de sua obediência e amor, da entrega gratuita a Deus de todo o seu ser criado.

Aquilo que era forma de pecado, pela vontade de Deus torna-se negação do pecado. Para aprofundá-lo e tentar explicar por que a sua morte tem um significado redentor para nós do ponto de vista da teologia da morte, podemos usar a hipótese anteriormente proposta sobre a nova relação com o cosmos adquirido pela alma ao separar do corpo mortal. Se não é lícito aplicar à morte de Cristo esta hipótese da antropologia metafísica da morte, temos que dizer que, pela morte de Cristo, essa realidade espiritual que ele colocou desde o início e atuou de uma nova maneira para o mundo inteiro foi aberta, sua vida, cuja consumação viria pela morte.<sup>218</sup>

---

<sup>215</sup> *La voluntad redentora de Dios y su deseo de devolver al hombre la gracia, a pesar de la exigencia de una satisfacción condigna, es obra pura de bondad y misericordia divinas. Pues es Dios quien envía al Verbo humanado al mundo, antes de que él pueda prestarle la satisfacción de los pecados del hombre.* RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p.66.

<sup>216</sup> GOURGUES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*, p. 76.

<sup>217</sup> RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p. 69.

<sup>218</sup> *Ibidem.* p. 71.

Jesus morre por fidelidade a Deus, mas é conduzido à morte pelos pecadores: “o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores” (Mc 14,41). A pregação de Jesus é permeada sempre pelo amor, ao ponto de ensinar que deveriam amar até os inimigos. O pecado pode ser considerado a incapacidade de amar, tudo aquilo que plantado no coração do homem o impede verdadeiramente de amar e lhe faz pecar.

Jesus não correu em direção da morte, contudo, diante dela também não recuou. Ele assume a condição humana plenamente e morrendo na cruz experimenta a densidade do sofrimento humano. “O Filho tudo assumiu da condição humana, inclusive a experiência do mal, do fracasso, do sofrimento e da morte”.<sup>219</sup>

O mistério pascal abarca e compreende a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, que é o ponto mais elevado da História da Salvação do Cristianismo: “Deus amou o mundo, que deu seu Filho para o salvar” (Jo 3,16) é Cristo que morre pelo rebanho que lhe foi confiado. “Depois da morte na cruz, ele ressuscitou, renovando a vida, ao sair do túmulo na manhã de Páscoa”.<sup>220</sup> A tradição da festa cristã tem sua origem na tradição judaica. No princípio era uma festa nômade, depois se acrescentou uma segunda concepção para a páscoa judaica que recordando o êxodo do Egito e a passagem do mar Vermelho, libertando o homem de sua escravidão.<sup>221</sup>

### 3.1.2 A morte do cristão

O teólogo Karl Rahner em seu livro *Sentido teológico de la muerte*, afirma que “o cristão na graça de Deus morre uma morte diferente do pecador”.<sup>222</sup> Pondera essas mortes como diferentes em natureza no estado que o homem morre: na graça ou no pecado. Segundo Rahner, nessa concepção, somente por um olhar puramente jurídico de Deus pode-se distinguir a morte de um ou do outro. Salienta que, nesta doutrina, a morte só é considerada em relação ao pecado original, ainda presente ou extinto no batismo, mas não em relação aos pecados pessoais. A morte deve ser vista como um acontecimento, não como uma ação.<sup>223</sup>

<sup>219</sup> GOURGUES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*, p. 78.

<sup>220</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 149.

<sup>221</sup> W. Rordorf. *Verbete: Páscoa*. In: DI BERNARDINO, Angelo (Org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, p. 1096.

<sup>222</sup> RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p. 75.

<sup>223</sup> *Ibidem*. p. 76.



No período da neoescolástica (séculos XVI – XIX) três linhas de pensamento sobre a morte dominavam o pensamento até pouco tempo: a) todos os homens devem morrer; b) a morte simboliza o final da peregrinação; c) a morte é tida como castigo pelo pecado. Karl Rahner, contudo, coloca um fundamento diferente:

A morte não é apenas um acontecimento que sobrevém ao ser humano, que tem que ser sofrido por ele, mas justamente como morte aceita e sofrida, ela também é ato do ser humano.<sup>224</sup>

Rahner descreve que a morte faz parte da condição humana, não tendo como desassociar esse acontecimento.

É possível encontrar no Novo Testamento diversas afirmações sobre a morte do cristão. Existe um “morrer no Senhor” (1Cor 15,18). “Porque todo aquele que vive e acredita em mim não morre eternamente”, afirma Cristo (Jo 11,26). Como já fora mencionado no primeiro capítulo, aqueles que incorporados pelo Batismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passam da morte à vida e, devidamente purificados na alma, são associados aos santos e eleitos no céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurada esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. A salvação começa com o batismo para um morrer com Cristo posteriormente.

Karl Rahner narra que ao estar incorporado a Cristo pelo batismo, o morrer para o cristão é um fato de saúde. Aqueles que morrem na fé não estão apenas "mortos em Cristo" porque eles viveram em Cristo, mas também porque estavam morrendo em Cristo. Agora o morrer é uma consumação natural e pessoal da vida do homem.<sup>225</sup>

Em Cristo, Deus torna-se a plenitude do vazio original em que o homem se encontrava, tornando a morte em vida, o pecado em graça. Cristo não conhece a morte por abandono do Pai, mas por obediência ao Pai. Por causa da morte de Cristo, a graça justificadora de Deus mostra e afirma uma qualidade que até agora não havia sido mostrada e permaneceu oculta, e quando o pecado cumpriu sua medida, a graça foi mais poderosa (Rm 5,20). A graça vence o pecado. E porque Cristo morreu e penetrou a parte mais profunda do

---

<sup>224</sup> NOCKE, Franz-Josef. *Verbete: Consumação do indivíduo*. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de dogmática*, p. 401.

<sup>225</sup> RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p. 77.

mundo, essa graça tornou-se graça para toda a criação reconciliada em Cristo. O que ele fez em sua morte foi uma graça para oferecer a Deus o "corpo" do pecado, que é a morte, e assim torná-lo o corpo da graça. A consequência é que agora suas criaturas também, por sua graça, podem pertencer a Deus e a Cristo na morte.<sup>226</sup>

### 3.2 CELEBRAR A MORTE

Os ritos fúnebres são variados e vivem num processo contínuo de transformação, conforme a cultura, idade, sexo ou status social. “Na época do homem de Neandertal, o morto era posto na posição fetal, como no instante de seu nascimento”.<sup>227</sup> Na era *pré-socrática*, filósofos debatiam qual elemento dera origem ao homem: ar, terra, água ou fogo. Esses mesmos elementos foram utilizados nos ritos funerários do homem. O corpo exposto ao ar, pouco utilizado devido à depredação de animais carnívoros. O enterrar, colocar sob a terra, utilizado desde as épocas mais antigas. Nas águas sendo lançados no mar, rios ou lagos em barcos ou mesmo dentro de fossos. E o fogo, após a incineração as cinzas eram lançadas no ar, na água ou enterradas.<sup>228</sup> Assim sendo, em todas as culturas ocorre um rito, e uma liturgia na qual o humano busca honrar seus mortos. Certamente uma significação expressão desse desejo foi à mumificação, buscando conservar o antepassado.

Presente desde a antiguidade humana, os ritos pelos mortos vão moldando o sentimento religioso. “A morte foi o primeiro mistério; ela colocou o homem no caminho de outros mistérios. Elevou seu pensamento do visível para o invisível, do passageiro para o eterno, do humano para o divino”.<sup>229</sup> Segundo o historiador Jean-Pierre Bayard, as cerimônias fúnebres estão decrescendo e unificando-se, ainda que difiram, guardam traços comuns.<sup>230</sup>

#### 3.2.1 A sacralidade do cadáver

A corporeidade é um tema fundamental para antropologia teológica. Falar em corporeidade, significa falar na condição humana do corpo. O conceito corporeidade busca

<sup>226</sup> RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*, p. 78.

<sup>227</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 43.

<sup>228</sup> Ibidem. p. 43.

<sup>229</sup> COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*, p. 20.

<sup>230</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 43.

superar o dualismo corpo-alma dos gregos. O corpo é importante para a teologia cristã, pois por meio dele que acontece a salvação anunciada e realizada através tradição da Igreja Católica e das Escrituras Sagradas.

Apesar de sua fraqueza, pela condição humana, o corpo ao se transformar em cadáver não perde totalmente sua sacralidade, pois, criado à imagem e semelhança de Deus, foi casa e templo do Espírito Santo: “Acaso não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,16-17).

Pelo Batismo, o Espírito Santo habita no corpo e, por isso, ninguém pode destruir ou ferir o seu corpo e o dos seus irmãos, porque ele é sagrado. O próprio Deus se encarnou em nossa humanidade, ou seja, “O logos divino entra ‘na carne’ (*in-carnatio*); ‘na carne’, Jesus Cristo opera seu ato central de salvação e redenção: oferta de seu corpo se realiza sua obediência redentora para com o Pai; é ‘no sangue de Cristo’ que somos justificados”.<sup>231</sup> Em Jesus Cristo, temos uma concepção totalmente nova sobre o corpo, que se torna instrumento de salvação, como fora importante para a salvação, o cadáver merece a dignidade, não pode ser descartando, desvalorizado. A graça da justificação se faz presente na vida, no corpo:

Unicamente nesta “corporificação” a graça pode ser isto a que originariamente destinada: uma nova criação do homem uno e integral. Por isto, se na nossa situação de salvação post-Adamítica a graça não se confirmasse e não se exprimisse totalmente na presença atual do ser corpóreo, permanecendo antes, mais ou menos circunscrita ao que é, “puramente espiritual” ou “puramente interior”, teríamos então qualquer coisa deslocada que se deveria sempre melhor e de novo superar (concupiscência). Consequentemente – de conformidade com o testemunho explícito da Escritura – a nossa concreta constituição corpórea infalapsária<sup>232</sup> possui essencialmente um caráter dialético: por um lado é a esfera preferida em que se manifesta a culpável ausência da graça (cfr. Rm 6,6; 7,24 – Pecado Original); mas por outro é também o âmbito, em que tem início a atuação da salvação – essencialmente corpórea e escatológica – através da ação salvífica realizada pelo indivíduo em partícula “em Cristo”: já agora o nosso corpo é templo do Espírito Santo (cfr. 1Cor 6,19), como penhor de uma futura transfiguração, e nossa tarefa consiste em dar glória a Deus no corpo. (cfr. 1Cor 6,20 “no vosso corpo”).<sup>233</sup>

<sup>231</sup> FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia. Conceitos fundamentais da teologia atual*, vol. 1. p. 323.

<sup>232</sup> Doutrina aceita entre os protestantes, principalmente por grupos calvinistas que afirma que Deus decretou e permitiu a queda do homem.

<sup>233</sup> FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia. Conceitos fundamentais da teologia atual*, vol. 1. p. 323.

Percebe-se, portanto, que a corporeidade não se trata apenas de uma condição provisória do ser humano. Através da espera da salvação, o homem, é aperfeiçoado, tornando-se uno e completo e na ressurreição o corpo se tornará o lugar da revelação total de Deus e atualização da salvação, onde Deus derramará seu amor definitivamente.

Através do mistério pascal de Cristo, o corpo humano foi plenificado e encontra em sua plenificação a dignidade própria de sua humanidade. O homem é recriado, pois, ‘não há judeu nem gentio, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher: todos vós sois um em Cristo Jesus’ (Gl 3,28).

A justificava para se cuidar do cadáver, portanto, é sinal de amor ao ser humano inteiro que não dispensa a dimensão corporal, da qual o cadáver é expressão:

Agostinho também aponta que a importância do enterro para o falecido é também um sinal de amor ao corpo. Pois a ressurreição será a ressurreição do corpo, no qual ocupará então o seu lugar na beleza e deleite do céu, uma vez que a beleza da carne só pode ser relacionada com Deus.<sup>234</sup>

A morte é na verdade uma experiência limite do corpo que se torna cadáver e não pode ser suprimida, pois, ela é passagem para a vida eterna. Não se pode aceitar, dessa maneira o dualismo platônico, tendo como apoio a Sagrada Escritura, como fez Lutero, que separa o corpo da alma. Com a morte alma se separa do corpo, contudo com a ressurreição, corpo e alma se completam. Segundo Santo Tomás, a alma existe para estar unida ao corpo, e vice-versa.<sup>235</sup>

### 3.2.2 O culto da memória

Epicuro de Samos, que viveu três séculos antes de Cristo, discorrendo sobre a morte dizia:

---

<sup>234</sup> *Agustín señala también que el cuidarse de dar sepultura a los difuntos es también una muestra de amor al cuerpo (cura mort. 7.9). Pues la resurrección será la resurrección del cuerpo (c. Faust. 11.3), el cual ocupará entonces su lugar en la belleza y delicia del cielo (civ. Dei 22.30), ya que la belleza de la carne puede verse únicamente en relación con Dios (retr. 1.26).* FITZGERALD, Allan. *Verbete: Cuerpo*. In: FITZGERALD, Allan. *Diccionario de San Agustín*, p. 366

<sup>235</sup> SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Summa Contra Gentiles*, IV, 81.

O mais terrível dos males nada é para nós, pois enquanto existimos, a morte não é, e, quando ela está lá, já não existimos nós. A morte não teria, por conseguinte, nenhuma relação nem com os vivos nem com os mortos, uma vez que ela nada é para os primeiros os últimos já não existem.<sup>236</sup>

Contudo, o homem não consola seu desejo de imortalidade com essa afirmação de Epicuro, pelo contrário a morte lhe provoca inquietações, a putrefação lhe dá horror e o temor do regresso dos mortos. Somando esses aspectos, o homem utiliza o “rito como ato social de exorcização da morte e restauração da ordem”.<sup>237</sup> Sinais de uma sociedade que se move por um desejo de eternidade segundo Arnold van Gennep.<sup>238</sup>

Conforme o antropólogo Joël Candau, a memória pode ser dividida em dois grupos: *protomemória* e *metamemória*.<sup>239</sup> A *protomemória* está ligada ao saber, as crenças, sensações e sentimentos. A *metamemória*, por sua vez remete, para sua própria memória, seu passado, e constrói sua identidade.<sup>240</sup> Partindo dessa primazia, o culto da memória pode ser realizado de duas maneiras: *horizontal* ou *vertical*.

O culto da memória *horizontal* pode ser descrito como meramente social ou cultural, onde a grande finalidade da família é demonstrar poder econômico e status social. Desde o anúncio comunicando a morte, os grandes cortejos e pompas, o caixão suntuoso e, posteriormente, uma sepultura imponente, que busca competir em beleza com as demais. Nesse mesmo segmento se podem incluir os monumentos aos mortos, principalmente depois da 1ª Guerra Mundial (1918) que afloram praticamente em todos os países que participaram das batalhas, como forma de homenagear seus soldados mortos. “O Arco do Triunfo de Paris pode ser considerado como o mais importante desses monumentos, que, muito curiosamente, souberam cristalizar um culto leigo em toda a França”.<sup>241</sup> Outra construção é o *mausoléu*, que não necessariamente precisa abrigar os restos mortais, apenas um monumento comemorativo. O *cenotáfio* é uma construção feita na memória de uma pessoa cujo corpo encontrasse em outro lugar.<sup>242</sup> O culto à memória pessoal ou coletiva se desassocia da dimensão religiosa.

<sup>236</sup> CATROGA, Fernando. *O céu da memória*, p. 9.

<sup>237</sup> Ibidem. p. 11.

<sup>238</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>239</sup> MATHEUS, Letícia. *Memória e identidade segundo Candau*, p. 303.

<sup>240</sup> CATROGA, Fernando. *O céu da memória*, p. 11.

<sup>241</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 250.

<sup>242</sup> Ibidem, p. 238.

No culto da memória *vertical*, tanto pessoal como coletivo, tem sua grande ligação com o transcendente. Os mortos são continuamente “recomendados” para Deus. Nos cemitérios católicos mais antigos geralmente existia uma cruz como monumento e junto a ela um altar para o sacerdote officiar as orações de sufrágio. Todo o culto à memória cristã é uma profissão de fé na ressurreição. Desde os primeiros tempos, a Igreja celebrou a memória de seus fiéis falecidos, ligando-os ao memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo.

### 3.2.3 O velório:

Num passado recente, com exceção das mortes por acidente ou violência, grande parte das pessoas faleciam no lar. O fato era acompanhado por todos, pelas crianças inclusive, que aprendiam desde cedo a conviver com a possibilidade da morte.<sup>243</sup> A morte acontecia no seio da família e da comunidade.<sup>244</sup> Todos podiam ver a pessoa enferma e acompanhar seus últimos momentos. “O quarto do moribundo passou do lar para o hospital”.<sup>245</sup> A morte foi tornando-se solitária e privada, deslocada para os hospitais ou “casas para idosos”, onde o momento derradeiro geralmente ocorre na ausência da família, tornando a aceitação da perda ainda mais dolorosa.<sup>246</sup>

O velório acontecia nas casas ou em pequenas capelas próximas, a morte atingia cada um. Muitas localidades construía seus cemitérios ao lado das igrejas ou sobre um monte. Constantemente a população tinha diante de si a possibilidade da morte, estava sempre no seu horizonte visível. Contudo a sociedade atual busca sepultar de forma rápida seus falecidos, pois a morte tornou-se incomoda.<sup>247</sup>

As crescentes exigências sanitárias levaram à supressão dos velórios nas casas por questões de saúde pública. O velório se realiza agora, principalmente, nas capelas mortuárias dos cemitérios. Nas grandes cidades, as capelas estão situadas longe dos bairros onde moram os parentes, vizinhos e amigos do falecido.<sup>248</sup> Poucas pessoas acabam participando do velório,

---

<sup>243</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 139.

<sup>244</sup> *Ibidem*, p. 139.

<sup>245</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, p. 770.

<sup>246</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 140.

<sup>247</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo. *A foice da lua no campo das estrelas*, p. 16.

<sup>248</sup> *Ibidem*. p. 17.

que é um momento importante de despedida, para elaborar a perda. Ultimamente, até questões de segurança comprometem o processo de despedida, as pessoas se veem forçadas a voltar para casa, deixando o corpo do falecido sozinho ou acelerando o sepultamento.

A morte gera uma sucessão de eventos, sendo o primeiro o velório que visa iniciar a elaboração da perda para vivenciar depois o luto. Destina-se, sobretudo, aos que ficam. A existência humana é feita de encontros e desencontros, chegadas e partidas. O velório e o sepultamento consistem num grande rito de despedida dos vivos em relação aos mortos. Sendo imprescindível deixar os mortos partirem, o velório pertence ao mundo dos vivos, pois é neste momento que terão a oportunidade de iniciar a elaboração da perda, de forma mais concreta, obtendo “com sucesso um luto sadio e não uma queda na patológica melancolia”.<sup>249</sup>

A palavra velório tem sua raiz no verbo velar, vigiar. Passar aquelas horas acordadas vigiando a pessoa que morreu. A mística da Igreja afirma que qualquer vigília está ligada a vigília pascal, afirma Agostinho: “A vigília desta noite é tão importante que reivindica para si essa denominação, comum a todas as outras”.<sup>250</sup> A Igreja em oração durante a vigília aguarda a aurora da luz, o Cristo ressuscitado.

Passamos em vigília a noite em que o Senhor ressuscitou, em que para nós inaugurou, na sua carne, aquela vida em que não há morte nem sono... E assim, Aquele que, numa vigília um pouco mais prolongada, cantamos ressuscitado, nos concederá a graça de reinarmos com Ele numa vida sem fim.<sup>251</sup>

A vigília fúnebre torna-se o momento de rezar na fé da ressurreição e prestar seu último tributo ao falecido e sentimentos aos familiares.<sup>252</sup> “Nos conventos, toda a comunidade se reúne em torno do leito do religioso ou da religiosa em seus últimos momentos”.<sup>253</sup> Sendo o velório um momento riquíssimo para buscar-se compreender o sentido da morte na vida, ninguém deveria ser privado de participar dele. Mesmos as crianças podem e devem participar

<sup>249</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo. *A foice da lua no campo das estrelas*, p. 18.

<sup>250</sup> IGLH. *Introdução Geral sobre a Liturgia das Horas*, n. 70.

<sup>251</sup> *Ibidem*, n. 70.

<sup>252</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 135.

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 135.

do velório. Essa participação é muito importante para que elas possam elaborar suas próprias questões sobre a morte.

Outro aspecto importante é visualizar o corpo da pessoa falecida, não assistir seu sepultamento pode trazer, para alguns, problemas sérios no futuro.<sup>254</sup> Alguns podem criar a fantasia de que a pessoa não morreu, ou que ela está escondida em algum lugar. Negar essa realidade, fazer de conta que não existe, não anula a sua ocorrência nem atenua os seus efeitos. É preferível enfrentá-la quando ela se manifesta, elaborando-a progressivamente, e não ignorá-la, permitindo que suas consequências emocionais se agigantem dentro da pessoa, causando danos, muitas vezes irreparáveis. Escreve Jean-Pierre Bayard sobre esse aspecto:

Seria necessário reaprendermos a nos reconciliar com a morte, reintroduzindo-a em nossa vida com perspectiva, como sabiam fazer nossos antepassados das civilizações arcaicas, os quais tinham mais bom senso do que nós, unindo-se aos grandes ciclos da natureza, simplesmente vivendo envolvidos no sagrado.<sup>255</sup>

Um novo entendimento deveria brotar naqueles que participam do velório, da totalidade do ser humano que é redimido pela Páscoa de Cristo. A comunidade dos batizados se une em oração entorno da pessoa falecida, o corpo, agora inanimado e entregue a terra, conserva a sua dignidade de templo do Espírito Santo na esperança da ressurreição, quando Cristo vier uma segunda vez para instaurar definitivamente a vida eterna.

### **3.2.4 O ritual de exéquias**

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* nº 81, solicita e afirma que o rito de exéquias deve exprimir mais claramente a índole pascal da morte cristã. Devendo corresponder melhor às condições e tradições das diversas regiões. Nesse sentido, o Ritual de Exéquias de Paulo VI é expressão do espírito da Liturgia proposto pelo Concílio Vaticano II.

---

<sup>254</sup> PARKES, Colin Murray. *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 200.

<sup>255</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 140.



O Ritual expressa claramente o sentido pascal da morte,<sup>256</sup> e considera com respeito e carinho as diversas necessidades e realidades pastorais acerca do tema.<sup>257</sup>

Na Introdução Geral do ritual se lembra a dimensão pascal da morte e o sentido da celebração das exéquias:

A Igreja celebra com profunda esperança o Mistério Pascal de Cristo nas Exéquias de seus filhos, para que eles, incorporados pelo Batismo a Cristo morto e ressuscitado, passem com Ele da morte à vida. Suas almas devem ser purificadas para serem recebidas no céu entre os santos eleitos; seus corpos esperam a feliz vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. Por isso a Santa Mãe Igreja oferece o Sacrifício Eucarístico da Páscoa de Cristo e eleva a Deus suas orações e sufrágios pela salvação de seus mortos, para que, pela comunhão existente entre os membros de Cristo, o que para um serve de sufrágio, a outros sirva de consolo e esperança.<sup>258</sup>

Manifesta-se assim toda a Teologia e as razões espirituais e pastorais da celebração das exéquias. Em primeiro lugar, a Igreja se mostra como Mãe que ampara seus filhos e filhas no momento da morte. Revela a face de uma Igreja terna e acolhedora que, sensível às dores e angústias de seus filhos e filhas por ocasião da morte oferece amparo e um abraço para que eles derramem suas lágrimas. “A fé na ressurreição dos mortos é ponto central da vida cristã”.<sup>259</sup> Logo, a celebração das exéquias é uma celebração na esperança em Cristo morto, sepultado e ressuscitado. Na fé e na esperança, a comunidade reunida celebra a páscoa de seus irmãos e irmãs que, pelo Batismo, já foram associados sacramentalmente ao mistério pascal de Jesus, e agora estão associados definitivamente e existencialmente a esse mesmo mistério.

O objetivo central da ação evangelizadora da Igreja por ocasião das exéquias deve ser despertar a esperança e fortalecer a fé dos participantes sem, no entanto, ofender a tristeza dos que sofrem”.<sup>260</sup>

---

<sup>256</sup> RITUAL de Exéquias n. 1.

<sup>257</sup> Ibidem. n. 19.

<sup>258</sup> Ibidem. n. 1.

<sup>259</sup> CNBB. *Nossa Páscoa: Subsídios para a celebração da esperança*, p. 15.

<sup>260</sup> Ibidem, p. 15.

Quanto aos costumes e tradições que as várias comunidades cristãs conservaram em torno da morte, há uma preocupação de tornar o rito acessível a todos e de que este não se contraponha às diversas culturas, mas antes acolham o que há de bom e significativo em cada comunidade. Essa preocupação vem descrita no número dois da Introdução Geral do Ritual de Exéquias:

Celebrando as exéquias de seus irmãos, cuidem os cristãos de afirmar a esperança da vida eterna; mas façam isso de tal forma que não pareçam ignorar ou desprezar a mentalidade e o modo de agir dos homens de seu tempo e região, no que se refere aos mortos. Se aceite de bom grado o que houver de bom nas tradições familiares, nos costumes locais e nos serviços das empresas funerárias; o que, porém, estiver em contradição com o Evangelho, procure-se transformar, de modo que a celebração das exéquias cristãs manifeste realmente a Fé pascal e o espírito do Evangelho.<sup>261</sup>

A partir dessas preocupações, o Ritual de Exéquias foi reformulado, com a intenção de salvaguardar a dimensão sagrada e pascal de morte cristã, valorizando três momentos principais da morte do cristão, a saber, “vigília de orações na casa do morto; momento em que o corpo é colocado na *essa*,<sup>262</sup> e condução do corpo à sepultura”.<sup>263</sup> Levando em conta esses três momentos mais importantes, o ritual organizou-se considerando três possibilidades de celebrações:

A primeira: prevê três celebrações, ou seja, na casa do morto, na igreja e no cemitério. Na segunda, apenas, duas celebrações, uma na capela do cemitério e a outra junto ao sepulcro. Na terceira uma celebração, e esta na casa do morto.<sup>264</sup>

Embora sejam três os tipos de celebrações de exéquias, há alguns elementos fundamentais comuns. Em primeiro lugar, acontece um momento de acolhida e de consolação. É interessante notar que nos três tipos de celebração de exéquias, o texto das

---

<sup>261</sup> RITUAL de Exéquias, n. 2.

<sup>262</sup> *Essa* é um estrado de madeira sobre o qual se coloca o caixão durante os atos fúnebres, ou ainda pode significar o próprio caixão.

<sup>263</sup> RITUAL de Exéquias, n. 3.

<sup>264</sup> *Ibidem*, n. 4.

rubricas insiste em orientar que o presbítero, ou ainda aquele que vai presidir a celebração, saúde com delicadeza os presentes e lhes transmita o consolo da fé. Miranda também se pronuncia a respeito do momento de acolhida:

No início da celebração, o ministro acolhe, simultaneamente, o defunto e a comunidade. Trata-se de um gesto próprio: acolher o cadáver e os irmãos. Assim como o Cristo preparou um lugar de honra para o seu fiel (Jo 14,1-6), a Igreja o acolhe honorificamente no centro da assembleia, no centro da sala.<sup>265</sup>

Outro momento é a Liturgia da Palavra, que compreende até três leituras bíblicas, a homilia e a oração dos fiéis. Oferecendo um vasto elenco de leituras que podem ser escolhidas de acordo com as circunstâncias e a realidade pastoral, elas proclamam o mistério pascal, alimentam a esperança na vida futura, exortam à piedade para com os defuntos trazendo a esperança de reencontrar-se no Reino de Deus, o valor do testemunho da vida cristã.<sup>266</sup>

Momento determinante é a homilia, em que aquele que preside a celebração precisa ter uma sensibilidade pastoral. Busca, iluminando a ocasião da morte à luz da Palavra proclamada, comunicar o dom da esperança e do consolo aos enlutados, sendo sensível às circunstâncias da morte, que nem sempre são tranquilas, quando for assassinato, acidente, suicídio; e evitando principalmente todo o tipo de elogio fúnebre.<sup>267</sup>

O momento da despedida substitui à antiga “absolvição” do defunto. Embora no comentário deste último recomendar conste uma referência ao julgamento e que o defunto seja absolvido de seus pecados, o sentido deste momento não se resume à purificação do defunto. Antes, é a última oração que a comunidade dirige a Deus antes de levar o morto à sepultura.<sup>268</sup>

---

<sup>265</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo. *A foice da lua no campo das estrelas*, p. 44.

<sup>266</sup> RITUAL de Exéquias n. 11.

<sup>267</sup> Ibidem. n. 79.

<sup>268</sup> Ibidem. n. 10.

### 3.2.5 O sepultamento e o cemitério

O sociólogo francês Jean Fourastié afirmou certa vez: “a morte estava então no centro da vida como o cemitério no centro da aldeia”.<sup>269</sup>

Existe um direito sagrado, o direito de ver e tocar seus mortos, de velá-los e dar-lhes sepultura. A passagem bíblica diz: “O seu cadáver não poderá ficar ali durante a noite, mas tu o sepultarás no mesmo dia” (Dt 21,23). Sepultar os mortos é homenageá-los, tornando-se um dever e uma honra. O rito de exéquias é um rito em favor dos mortos e também dos vivos, ao ponto de Agostinho afirmar ser mais salutar aos vivos que aos mortos.<sup>270</sup>

Ofertar o corpo de um ente querido, de um irmão, é um gesto profundo de fé na ressurreição. Pois, o próprio Jesus disse: “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só. Mas se morrer, produz muito fruto” (Jo 12,24-25). A morte produz o fruto da dor, contudo também produz o fruto da esperança. As pessoas vão ao cemitério para dar seu último adeus a um ente querido, um parente, um amigo, sendo movidos nessa esperança. A oração da Igreja é também para consolar os presentes, os que choram. Reza por todos, crentes e não crentes, católicos e não católicos. A morte é um mistério impenetrável, mesmo para quem morre na esperança da ressurreição.

Conforme a obra *Sentido oculto dos ritos mortuários*, de Jean-Pierre Bayard, os primeiros cemitérios surgem em 10.000 anos a.C. Cerâmicas são encontradas juntos aos corpos e sepulturas agrupadas em torno de 8.000 anos a.C.<sup>271</sup> Por volta de 6.000 mil anos a.C. os mortos começam a ser depositados na terra na posição fetal e voltados na direção do sol nascente.<sup>272</sup> Em torno do ano 5.000 a.C. surgem os *tumulus*, monte de terra ou pedras sobre a sepultura, formando pequenas colinas.<sup>273</sup>

O primeiro escrito dos Padres da Igreja sobre cemitério é de Tertuliano no século II.<sup>274</sup> Ao passar dos tempos a Igreja foi obrigada a se adaptar às leis civis quanto aos

<sup>269</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 135.

<sup>270</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 143.

<sup>271</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 59.

<sup>272</sup> Ibidem. p. 62.

<sup>273</sup> Ibidem. p. 64.

<sup>274</sup> HAMMAN, Adalbert. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*, p. 140.

cemitérios, uma das primeiras leis foi a lei romana das *Doze Tábuas*, proibindo sepultar ou cremar dentro das cidades.<sup>275</sup>

Os cemitérios, com as características que herdamos na contemporaneidade, só apareceram em plena Idade Média, quando se enterravam os ricos dentro das igrejas e os pobres na área externa do templo cristão. A preocupação com a morte era constante na sociedade medieval.<sup>276</sup> O pior que poderia acontecer ao sujeito era a morte inesperada, à qual se sucumbia sem a oportunidade de se preparar para a vida no além. Tendo condições econômicas, o morto poderia ser enterrado na igreja, uma vez que devido às condições dos períodos de fome, guerras ou pestes, o indivíduo era normalmente enterrado em valas comuns. Na peste de 1348, em Florença, na Itália, foram sepultados em torno de 15 mil corpos em um mês.<sup>277</sup>

Normalmente, em dado momento, os cemitérios estavam dentro do terreno da igreja, junto dos jardins que circundavam ou ficavam ao lado do templo. O historiador Philippe Ariès comenta que na linguagem medieval, a palavra ‘igreja’ não designava somente o edifício igreja mais sim todo o espaço ao redor: nave, batistério, campanário e cemitério.<sup>278</sup>

O cemitério e a igreja se confundiam, uma vez que os mortos eram enterrados tanto no interior das igrejas quanto no seu pátio. Esta prática está ligada à ideia de que uma vez enterrados perto dos santos e mártires estes guardariam os mortos enterrados ao seu derredor protegendo-os do inferno. É importante salientar que embora a igreja e o cemitério estivessem interligados, ambos não deixaram de serem lugares públicos, nos quais ocorriam encontros e reuniões, de forma que vivos e mortos conviviam em locais comuns.<sup>279</sup>

O costume de enterrar os mortos fora dos muros da cidade em sepulcros familiares ou comuns toma realmente força a partir do século XVII, principalmente pelas ideias higienistas que surgem devido ao trauma causado pelas grandes pestes na Europa. As vítimas da peste não eram mais enterradas no espaço da igreja, seja pela preocupação com a

<sup>275</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 231.

<sup>276</sup> ARAUJO, Thiago Nicolau. *O que amamos não esquecemos*, p. 64.

<sup>277</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 233.

<sup>278</sup> ARIÈS, Philippe. *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*, p. 4.

<sup>279</sup> CAPUTO, Rodrigo Feliciano. *O homem e suas representações sobre a morte e o morrer*, p. 78.

contaminação, seja pela grande quantidade de mortos, utilizavam grandes covas coletivas, distantes do centro urbano.<sup>280</sup>

Quando uma pessoa é sepultada, acaba saindo do olhar humano, mas, junto ao túmulo, ela vai ser lembrada e recomendada nas preces. Assim, o túmulo é o principal meio de perpetuar tanto os restos mortais do indivíduo quanto de marcar num local específico as características que tornam aquela pessoa única. Logo, podemos interpretar o cemitério como um elo entre o mundo terrestre com o mundo celestial. “O túmulo individual é, assim, a ‘última morada’, a casa, como o cemitério é a imagem da cidade, mas como escreve Tácito, ‘o verdadeiro túmulo dos mortos é o coração dos vivos’”.<sup>281</sup>

Sepultar para os cristãos é muito mais que simplesmente lançar um corpo na sepultura: é recordar Cristo que depois de ter sido baixado da cruz foi levado ao sepulcro e ressuscitou naquela manhã da Páscoa. Torna-se essa a grandiosa esperança dos cristãos, após a páscoa pessoal, ressuscitar com Cristo, morrer para viver na páscoa eterna.

Tanto que os cemitérios católicos são considerados lugares sagrados pelo Código de Direito Canônico, conforme o cânone 1243. Dom Eugênio de Araújo Sales escreveu sobre a visita ao cemitério:

Estas reflexões evidenciam a importância dos cemitérios. Eles guardam os corpos que serviram à vida, até à chegada da morte. E aí esperam a ressurreição final. As catacumbas, admiráveis demonstrações da Fé cristã nos primeiros séculos, são alvo da devoção e do carinho dos discípulos de Jesus. Documentam a perseverança na Fé e, com frequência, até o heroísmo do martírio. Na Idade Média, as sepulturas eram feitas em igrejas e imediações. Mesmo em qualquer outro lugar, era sempre uma área santa, merecedora de solene bênção. Era reservada exclusivamente aos fiéis, mas hoje dá a última hospitalidade a todos, inclusive não-cristãos. E a eles vão os parentes e amigos para o sepultamento ou, como é o caso do Dia de Finados – recordar os que nos precederam e por eles rezarem. A visita ao cemitério desperta em nós a meditação sobre os Novíssimos.<sup>282</sup>

---

<sup>280</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo. *A foice da lua no campo das estrelas*, p. 69.

<sup>281</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 213.

<sup>282</sup> *Reflexões sobre a visita aos cemitérios*. São Paulo: [2006]. <<http://www.veritatis.com.br/reflexoes-sobre-a-visita-aos-cemiterios>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

### 3.2.6 A cremação e o columbário

Na Idade do Bronze (5.000 à 3.700 a.C.) iniciaram-se as cremações, primeiro na Europa e depois no Oriente. “Com o domínio do fogo, que dá vida aos objetos a partir de materiais informes, deu origem, talvez, ao novo culto”.<sup>283</sup> O antropólogo francês Georges Dumézil buscou revelar qual era o pensamento do homem naquele contexto: “Com a cremação, o homem cuida de seu morto e assegura-lhe a ascensão ao céu, ao passo que, com a inumação, pensa mais fertilizar a terra, já que o corpo fica unido a ela”.<sup>284</sup>

Até pouco tempo o cremar era uma situação incomum aos cristãos, pois, era difícil imaginar um funeral sem sepultar um cadáver, enterrar era praticamente o único modo culturalmente aceito.<sup>285</sup> A cultura, aliada à fé na ressurreição dos mortos, enquadrava-se num imaginário que chocava frontalmente com a cremação dos corpos. Havia, aliás, a crença de que só os descrentes, os ateus e hereges teriam a ousadia de mandar queimar o corpo, afrontando a fé cristã na ressurreição final.<sup>286</sup>

Até meados do século XX, não havia abertura para a opção pela cremação, sendo o sepultamento a prática incontestável como funeral cristão, seguindo na linha da tradição bíblica e, sobretudo, vista como identificação com Cristo, também no modo do seu sepultamento. De fato, o Credo cristão reza que Jesus Cristo “foi crucificado, morto e sepultado”, ainda que o sepulcro de Cristo, escavado na rocha, fosse tão diferente das nossas sepulturas na terra. Em maio de 1886, o Santo Ofício promulgava um decreto salientando a ilicitude de inscrever-se numa sociedade cujo fim era promover a prática de queimar os cadáveres humanos (DH 3188). Essa situação era tão latente que em dezembro do mesmo ano, o Santo Ofício publicou outro decreto, afirmando que caso alguém fosse cremado sem expressar seu desejo, mas por vontade alheia, a Igreja devia suprimir os ritos e sufrágios em memória daquela pessoa (DH 195 e 3196).

A partir de 1963, de acordo com a Instrução da Sagrada Congregação do Santo Ofício sobre a cremação dos cadáveres dizia:

---

<sup>283</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 67.

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>285</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 240.

<sup>286</sup> CNBB. *Nossa Páscoa: Subsídios para a celebração da esperança*, p. 13.

Deverão ser concedidas exéquias cristãs àqueles que tiverem ordenado à cremação do próprio cadáver, exceto quando houver a certeza de que tal decisão foi tomada por motivos contrários à vida cristã.<sup>287</sup>

Maior precisão encontra-se no Código de Direito Canônico, ao legislar sobre aqueles a quem se devem negar exéquias cristãs. O cânone 1184 § 2º determina que se devam recusar essas exéquias aos que pedirem a cremação do seu cadáver por razões contrárias a fé. Contudo, o cânone 1176 § 3º afirma: A Igreja recomenda insistentemente que se conserve o costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido escolhida por motivos contrários à doutrina cristã. Percebe-se que o centro da discussão de negar ou permitir é exatamente por causa da dimensão da ressurreição.

Passos foram dados, a Igreja ao promulgar em 1969 o ritual de exéquias permite inclusive que seja feita a encomendação no próprio local da cremação, contudo que o rito ocorra antes de cremar.<sup>288</sup> Movido por esse espírito, que em agosto de 2016, a Congregação para a Doutrina da Fé, escreveu uma instrução *Ad resurgendum cum Christo*.<sup>289</sup> O documento pode ser resumido em oito questões, que são:

- I. a Igreja prioriza e incentiva seus fiéis a enterrarem os seus entes queridos em cemitérios;
- II. permite-se, no entanto a cremação, principalmente se isto for necessário por questões de higiene, econômicas e sociais em alguma região;
- III. a cremação não pode estar ligada a razões contrárias a fé: espiritismo, panteísmo ou gnosticismo;
- IV. o corpo é templo do Espírito Santo e é, portanto, sagrado;
- V. não se devem conservar cinzas em casa, porém o Bispo Diocesano pode dar esta concessão se não ver perigo de abuso;
- VI. não se deve sob hipótese alguma dividir as cinzas, ou armazená-las em joias;

<sup>287</sup> RITUAL de Exéquias, nº 15.

<sup>288</sup> CNBB. *Nossa Páscoa: Subsídios para a celebração da esperança*, p. 14.

<sup>289</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Vaticano: [2016]. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20160815\\_ad-resurgendum-cum-christo\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html)>. Acesso em: 19 mar. 2018.



- VII. deve-se preferir no caso da cremação, guardar em algum lugar sagrado e não se deve dispersar as cinzas na natureza para se evitar equívocos;
- VIII. se alguém manifestou o desejo de cremação e o descarte da natureza por motivos acatólicos, devem-se negar a ele exéquias cristãs.

No contexto atual, são muitos aspectos que influenciam a prática da cremação: razões econômicas, pois cremar torna-se um processo que envolve menos custos; questão ambiental, no sentido de ser mais higiênico e ocupar menos espaço; também os estudos históricos e antropológicos das grandes culturas que utilizaram a cremação, gregos e romanos.

Após a cremação o columbário pode ser compreendido como lugar de paz e local que agrupa toda a piedade para com os mortos pelos vivos. Num sentido mais habitual assegura-se que ali repousam os mortos, descansam em paz. Mas também numa outra dimensão acontece que ao dirigir-se para o columbário, vai-se ao encontro de entes ali “sepultados”. Com o tempo, acaba por tornar-se um espaço físico e psicológico, ocasionando paz de espírito e mansidão aos visitantes. Esses locais vão tornando-se lugares de serenidade e de apaziguamento na vida dos seus frequentadores.

A visita aos cemitérios e columbário é uma prática, em suma, muito devota. Cuidar do espaço, rezar diante dele, colocar flores demonstra a espiritualidade do ser humano. A Igreja aconselha a visita a esses lugares justamente para fortalecer nossa esperança e relacionamento com a Igreja Celeste.

A tradição da Igreja exortou sempre a rezar pelos mortos. O fundamento da oração de sufrágio encontra-se na comunhão do Corpo Místico... Por conseguinte, recomenda a visita aos cemitérios, o adorno dos sepulcros e o sufrágio, como testemunho de esperança confiante, apesar dos sofrimentos pela separação dos entes queridos.<sup>290</sup>

### **3.2.7 O sétimo dia e o dia de Finados**

A celebração eucarística sempre coloca a comunidade em comunhão com a Trindade, com os anjos, os santos e os demais falecidos. Toda missa é celebração de ação de

---

<sup>290</sup> JOÃO PAULO II. *Jornal L'Osservatore Romano*, n. 45, de 10/11/91.

graças pelas maravilhas operadas por Deus. A missa com intenção de sétimo dia deseja manifestar a fé da Igreja e daqueles que solicitaram celebrar pelos mortos, pois:

A Igreja oferece o sacrifício eucarístico da Páscoa de Cristo pelos defuntos, a fim de que, pela comunhão de todos os membros de Cristo entre si, o que obtém para uns o socorro espiritual traga aos outros a consolação da esperança.<sup>291</sup>

“Na tradição católica, desde o princípio, algumas datas são maiormente significativas”.<sup>292</sup> A missa do sétimo dia tornou-se um momento forte principalmente no Brasil. Ocasão em que os parentes, além dos amigos mais achegados, se reúnem para celebrar a entrega definitiva nas mãos de Deus aquela pessoa que faleceu. Portanto, além da devoção e a crença na acolhida divina, um círculo de relações sociais se forma em volta desse acontecimento.

A missa de sétimo dia, como parte integrante e essencial do luto na tradição católica, consiste num marco simbólico divisório entre o episódio da morte e o retorno de certa normalidade no cotidiano da vida dos familiares.<sup>293</sup>

Na Bíblia o número sete ocorre com frequência, seja como sinal positivo ou negativo, sempre como expressão de uma totalidade.<sup>294</sup> Jean-Pierre Bayard, em sua obra *Sentido oculto dos ritos mortuários*, menciona uma festa pelos mortos dizendo:

Todos os povos, em todos os tempos, dedicaram, com o culto dos antepassados, uma festa anual, a fim de honrarem seus mortos; geralmente esse dia especial corresponde a uma fase particular do ciclo da natureza ou da vegetação. Os ritos destas festas são semelhantes em todas as partes do mundo.<sup>295</sup>

---

<sup>291</sup> MISSAL Romano, IGMR n°335, p. 93.

<sup>292</sup> BOGAZ, Antônio. SIGNORINI, Ivanir. *Celebração dos santos e culto aos mortos*, p. 169.

<sup>293</sup> Ibidem. p. 172.

<sup>294</sup> BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*, p. 257.

<sup>295</sup> BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 286.

Deste modo, denota grande importância à missa celebrada no dia 2 de novembro, pelos fiéis defuntos, seja nos cemitérios ou nas igrejas. As missas de 7º dia ou 30º dia geralmente são carregadas de muito sofrimento pela proximidade do acontecido.

A celebração de Finados, remonta o ano de 998, quando o santo abade Odilão de Cluny decretou que em todos os mosteiros sob sua jurisdição se fizesse memória a todos os fiéis defuntos.<sup>296</sup> Disse o Papa João Paulo II, na Carta ao bispo Raymundo Seguy, Abade de Cluny:

Neste ano em que se celebram o milénio da Comemoração dos Fiéis defuntos instituída por Santo Odilon, quinto Abade de Cluny,... que promove a oração pelos defuntos, de bom grado associo-me com o pensamento a todos aqueles que, no decurso deste ano, vão participar nas celebrações oferecidas por aqueles que nos precederam. Com efeito, no dia seguinte à festa de Todos os Santos, quando a Igreja celebra na alegria a Comunhão dos Santos e a salvação dos homens, Santo Odilon quis exortar os seus monges a orarem de maneira particular pelos mortos, contribuindo assim misteriosamente para o seu acesso à bem-aventurança; a partir da abadia de Cluny expandiu-se pouco a pouco o costume de interceder solenemente em favor dos defuntos, mediante uma celebração a que Santo Odilon chamou a Festa dos Mortos, prática hoje em vigor na Igreja universal.<sup>297</sup>

A missa de Finados acaba “sendo uma celebração profundamente sentida pelos fiéis, pois a fé é animada ainda mais pelos sentidos de afeição e saudade, a mensagem torna-se mais profunda e sua vivência é muito solene”.<sup>298</sup>

### 3.3 O CULTO QUE FAVORECE OS MORTOS

O culto é feito de ritos. Aldo Terrin em seu livro *O rito*, escreve: “embora nos recusemos a reconhecer que os ritos constituem uma parte dominante da nossa vida, tanto

<sup>296</sup> TÓTH, Veremundo. *A comunhão dos santos*, p. 77.

<sup>297</sup> JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II ao bispo de Autun, Châlon e Mâcon abade de Cluny*. Vaticano [1998]. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19980602\\_cluny.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1998/documents/hf_jp-ii_let_19980602_cluny.html)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

<sup>298</sup> BOGAZ, Antônio. SIGNORINI, Ivanir. *Celebração dos santos e culto aos mortos*, p. 176.

religiosa quanto não-religiosa, eles estão presentes em cada situação”.<sup>299</sup> No Cristianismo Antigo, o sinal-da-cruz era um rito “apotropaico”<sup>300</sup> (anular malefícios). Há ritos de purificação com fogo e água. O batismo é um rito de purificação do pecado original, como já fora mencionado. Aldo Terrin descreve em seu livro uma variedade de ritos, contudo, todos têm sentido antropológico.<sup>301</sup> O homem sente necessidade de cultuar seus mortos, embora algumas religiões não.

Dentro das religiões a temática do culto aos mortos não constituiu uma unidade. Para o povo de “Israel o culto é o centro do mundo dos vivos e a fonte de suas vidas; os mortos são impuros, são excluídos do culto. Como a vida se opõe à morte, assim se opõem pureza e impureza”.<sup>302</sup> Martinho Lutero afirmava que era possível rezar algumas vezes, enquanto Calvino pregava que não devia se rezar pelos mortos.<sup>303</sup> O teólogo luterano Jürgen Moltann diz: “Eu pessoalmente não creio que nós, com nossas orações, possamos ou devemos fazer algo em favor dos mortos”.<sup>304</sup>

Quando escreve “A cidade de Deus”,<sup>305</sup> Agostinho retorna à eficácia das preces pelos mortos. Mas para deixar claros seus limites. Os sufrágios são inúteis para os demônios, os infiéis e os ímpios, portanto para os danados: “Repito, para não orar então pelos homens destinados ao fogo eterno, pelos anjos maus. Essa mesma estende-se a não orar então pelos defuntos infiéis e ímpios, embora a gente reze por todos em geral”.<sup>306</sup>

Só podem ser válidos para o grupo o Tempo da Memória, “é preciso dizer que não serão proveitosas a todos, mas somente aqueles que durante a vida, tornaram-se dignos de tal benefício”.<sup>307</sup>

Para os católicos a morte de Cristo dá um novo sentido ao morrer. Agora o viver e o morrer passam pelo Senhor. Como Cristo não deixou de existir em sua morte, também aqueles que morrem não sucumbem na sua existência. O rezar continua sendo um ato

---

<sup>299</sup> TERRIN, Aldo Natale. *O rito, antropologia e fenomenologia da ritualidade*, p. 9.

<sup>300</sup> Ibidem. p. 38.

<sup>301</sup> Ibidem. p. 65.

<sup>302</sup> FRIES, Heinrich, *Dicionário de teologia. Conceitos fundamentais de teologia atual*. Verbete morte, In H. Volk, p. 366.

<sup>303</sup> MOLTMANN, Jürgen. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 167.

<sup>304</sup> Ibidem, p. 167.

<sup>305</sup> SANTO AGOSTINHO. *Cidade de Deus*. Livro 3, p. 309.

<sup>306</sup> Ibidem, p. 309.

<sup>307</sup> Idem. *O cuidado devido aos mortos*, p. 190.

relacionam possível entre vivos e mortos, pois, a morte não destrói esse vínculo. Agostinho menciona “*Deus não nos aconselharia a pedir se não quisesse dar*”.<sup>308</sup> A oração torna-se uma dinâmica de solicitar a Deus aquilo que o coração mais anseia: o homem deseja viver.

### 3.3.1 A oração pelos mortos

O historiador Philippe Ariès, na obra: *O homem diante da morte*, escreveu que na Idade Média os cemitérios não são simples sepulturas e reservatórios de corpos mortos, mas antes, lugares santos ou sagrados destinados à oração pelas almas dos trespassados que ali repousam.<sup>309</sup> Esse conceito de cemitério como lugar santo nasce com a Igreja. A oração aos mortos, antes de tudo, professa a fé na ressurreição de Cristo. Acredita que os mortos estão com Cristo e por meio da oração entra-se em comunhão com eles. Rezar junto da pessoa sepultada é confrontar-se com a perda bem como a impressão que sua oração pelo morto tem mais eficácia.

Santo Agostinho descreve que existe um “*valor irrevogável da oração junto à sepultura*”,<sup>310</sup> sinal de um coração que nutre sentimentos nobres pelos seus falecidos. Pensar e escolher um lugar sagrado para depositar o corpo da pessoa falecida é desejar as bênçãos de Deus sobre ela. Ele delineia que o ato de sepultar é obra religiosa, logo, a escolha do local não pode ser algo estranho ao ato religioso, já que aquele espaço vai se tornar lugar de oração.

Sendo Deus a fonte e origem de toda a benção, mesmo depois da morte os vivos rogam a Deus por aqueles que adormeceram, pois a liturgia dos funerais é uma celebração do mistério pascal de Cristo. Nesta “*recomendação*”, a Igreja pede que os seus filhos, incorporados pelo batismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passem da morte à vida e, devidamente purificados na alma, sejam associados aos santos e eleitos no Céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurada esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos.

Por isso, a Igreja oferece orações pelos defuntos no Sacrifício Eucarístico, memorial da Páscoa de Cristo. Eleva orações e faz sufrágios por eles, para que, pela comunhão de todos os membros de Cristo, todos aproveitem os frutos desta liturgia: auxílio espiritual para os defuntos, consolação e esperança para os que choram a morte.

---

<sup>308</sup> SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*, Livro VI, p. 332.

<sup>309</sup> ARIÈS, Phipille. *O homem diante da morte*, p. 55.

<sup>310</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 162.

Diz Agostinho:

Aqueles que devido à morte, foram subtraídos aos olhos dos vivos. Advertem assim as pessoas a se lembrarem deles, para não acontecer que, tendo sido retirados dos olhos dos vivos, não sejam também do coração pelo esquecimento.<sup>311</sup>

O bispo de Hipona manifesta certa frieza às falsas devoções, nas quais vislumbra alguma filiação às magias africanas, insisti muito no fato de que as honras devidas aos mortos servem principalmente para consolo dos vivos: “*só as orações tinham verdadeira ação propiciadora*”.<sup>312</sup>

Outro grande meio de oração pelos mortos que ganhou força entre o povo católico do ocidente foi à recitação do rosário. Aos monges cistercienses que não tinham instrução, foi estabelecido que recitassem cento e cinquenta Ave-Marias, substituindo, assim, o ofício dos salmos. Depois foi acrescentado um grão maior em cada grupo de dez Ave-Marias com a recitação de um Pai Nosso, surgindo as dezenas.<sup>313</sup> “O rosário se tornou uma forma de devoção popular”.<sup>314</sup> A recitação dos *Mistérios da Dor* do Rosário, tornou-se natural nos velórios católicos, comumente observa-se um terço colocado entre as mãos da pessoa falecida. Na Ave Maria o cristão recita: “Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte. Amém”. Trata-se de uma súplica de interseção à Mãe de Deus pela pessoa falecida. Sobre essa oração afirma Anne Vail no livro *A história do rosário*: “o povo conhecia e recitava, por si mesmo e pelas almas de parentes e amigos falecidos e, sentido prático, para acompanhar o ritmo da oração do mosteiro”.<sup>315</sup>

Recordando, os cemitérios cristãos desenvolveram-se pelo aspecto de serem verdadeiras “igrejas a céu aberto”, autênticos locais de oração pelos mortos. Dirigindo-se à sepultura compreendendo que não encontrara a pessoa, mas recordará sua memória elevando suas preces a Deus pelo seu descanso e acolhimento na eternidade.

<sup>311</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 163.

<sup>312</sup> ARIÈS, Phipille. *O homem diante da morte*, p. 55.

<sup>313</sup> LOUTH, Andrew. *Verbete: Oração*. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1288.

<sup>314</sup> *Ibidem*. p. 1289.

<sup>315</sup> VAIL, Anne. *História do rosário*, p. 28.

Agostinho depois de ter partido de Óstia nunca mais regressou a sepultura de sua mãe Mônica, contudo certamente diante de muitas outras sepulturas deve ter recordado dela e a recomendada a Deus com suas preces.

Agora, com a ferida do meu coração já sanada, na qual se podia censurar um afeto muito carnal, derramo diante de ti, meu Deus, por tua serva, ...o último desejo de Mônica será mais amplamente satisfeito com muitas orações do que só pelas minhas.<sup>316</sup>

O afeto de Agostinho o impulsiona a rezar por Mônica, lembrando o mandamento novo que Cristo deixou: “Amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34), o ato de rezar pelos mortos é sinal visível de um amor que se tornou invisível pela morte. Apesar da dor e saudade, o orante crê que os mortos ainda vivem em Deus que é Eterno como seu amor pelas orações.

### 3.3.2 As indulgências

Dentre as práticas de orações pelas mortes, desenvolveu-se na tradição católica a doutrina sobre as indulgências pelos mortos. As indulgências surgem em torno do século XI na Igreja Católica, e dois aspectos constituem a indulgência, o pecador necessita de uma pena temporal e essa pena deve estar ligada inseparavelmente da oração da Igreja.<sup>317</sup> Conforme já mencionado o pecado está ligado à falta, o ato em si. A pena ligada a satisfação desta falta. Quando o penitente conclui sua confissão recebe por meio do ministro o perdão de seu pecado. Todavia, mediante sua falta recebera também uma pena temporal. Na Igreja Antiga as penitências poderiam durar semanas, meses e anos. O penitente podia solicitar uma pena mais rápida, como realizar uma peregrinação. A Igreja por sua vez, solidária ao penitente reza solicitando a atenuação de sua pena, recorrendo ao tesouro espiritual da Igreja pela interseção e mediação da comunhão dos santos nos méritos de Cristo.<sup>318</sup>

O teólogo Bernard Sesboüé definiu indulgência neste conceito:

---

<sup>316</sup> SANTO AGOSTINHO. *As confissões*, p. 262.

<sup>317</sup> SESBOÜÉ, Bernard. *Verbetes: Indulgência*. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 892.

<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 892.

A indulgência é a remissão diante de Deus da pena temporal devida pelos pecados cuja culpa já foi perdoada, uma remissão que o fiel bem disposto, e sob certas condições definidas, obtém pelo socorro da Igreja, a qual enquanto ministra de redenção, distribui e aplica com autoridade o tesouro das satisfações de Cristo e dos santos.<sup>319</sup>

No século XII, se intensificam as peregrinações, cresce a procura indulgências plenárias para os cristãos que ingressarem numa cruzada. O papa Bonifácio VIII, em 1300, “promulga o primeiro Jubileu com indulgência plenária para os cristãos que visitarem as quatro basílicas romanas”.<sup>320</sup> O teólogo Abelardo era contra as indulgências, Tomás de Aquino afirma que a Igreja possui as “chaves da jurisdição” e que a indulgência somente terá valor se for cumprida com caridade e piedade.<sup>321</sup> Porém uma grande dificuldade surgirá com o “comércio” por parte da Igreja em torno das indulgências para beneficiar os mortos, ponto deflagrador da revolta luterana. As primeiras indulgências aplicadas aos falecidos datam de 1457, sendo concedidas pelo Papa Calisto III, ao rei Henrique IV com o poder de:

Aplicar as indulgências às almas do purgatório, sob certas e precisas condições; mas neste caso a aplicação equivalia a uma súplica à Misericórdia divina para que aceitasse a oferta em sufrágio dos mortos, cujas almas foram para o purgatório.<sup>322</sup>

Na sessão XXV, em dezembro de 1563, o Concílio de Trento precisou responder a três temas difíceis da controversa protestante: o purgatório, a comunhão dos santos e as indulgências. Sobre o último ponto, a congregação geral escreveu:

Porque o poder de conceder indulgências foi dado por Cristo à sua Igreja e ela usou desde poder, que lhe foi divinamente outorgado desde os tempos mais antigos, o santo concílio ensina e manda que se mantenha na Igreja o

---

<sup>319</sup> SESBOÛÉ, Bernard. *Verbete: Indulgência*. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 891.

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 892.

<sup>321</sup> *Ibidem*, p. 892.

<sup>322</sup> COLLANTES, Justo. *A fé católica*, p. 1.190.



uso das indulgências, utilíssimo para o povo cristão e aprovado pela autoridade dos sagrados concílios.<sup>323</sup>

Observa-se que o Concílio de Trento, sem tomar posição quanto ao conteúdo teológico das indulgências, estabeleceu dois pontos: que a Igreja tem o poder de Cristo de distribuir indulgências; e que são mui salutares ao povo cristão.<sup>324</sup>

O tema das indulgências somente se tornará estável com a Constituição *Indulgentiarum Doctrina*, de Paulo VI, promulgada em janeiro de 1967. “A constituição toma uma direção verdadeiramente pastoral, porque se propõe ir em socorro dos fiéis na expiação dos seus pecados, incitando-os principalmente a maior fervor na Caridade”.<sup>325</sup> Uma das intenções do Papa Paulo VI na concessão das indulgências não é somente ajudar no perdão de suas faltas, mas instigá-los a praticarem as obras de caridade, penitência e piedade, importantes para o crescimento na fé. Descreve o documento: “Se os fiéis transferem as indulgências a favor dos defuntos, exercem então de maneira excelente a caridade e, elevando seu pensamento para as realidades celestes, tratam as coisas terrestres de modo mais correto”.<sup>326</sup>

O documento salienta que o uso correto das indulgências conduz para uma união íntima com Cristo, ligando uns aos outros num auxílio de vida sobrenatural, principalmente nos irmãos adormecidos em Cristo.

### 3.3.3 O purgatório

A temática das Indulgências remete ao Purgatório. Santo Agostinho, na obra *A cidade de Deus*, usa o termo *Purgatorius* no livro XXI.<sup>327</sup> Contudo é somente na Idade Média

<sup>323</sup> COLLANTES, Justo. *A fé católica*, p. 1.197.

<sup>324</sup> BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, p. 180.

<sup>325</sup> COLLANTES, Justo. *A fé católica*, p. 1.198.

<sup>326</sup> PAULO VI, Papa. *Indulgentiarum Doctrina*, p. 96.

<sup>327</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, L.3, p. 296.

que o uso da expressão *purgatório* vai ser assumido na Igreja Ocidental, embora a Igreja Oriental continuará utilizando a expressão *Tempo Intermediário*.<sup>328</sup>

Agostinho quando se refere ao Purgatório ou Tempo Intermediário, menciona a existência de um “fogo purificador”, que aniquila todas as faltas das pessoas que passam por esse estágio. Apesar disso, nos textos oficiais da Igreja não se localiza a expressão “fogo purificador”.<sup>329</sup> O fogo está relacionado com o amor de Deus. A doutrina do Purgatório foi forjada na Idade Média, principalmente no Concílio de Trento, na sessão do dia 3 de dezembro de 1563, afirmando:

Já que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste sínodo ecumênico, ensinou que o purgatório existe e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e, sobretudo pelo santo sacrifício do altar, o sínodo prescreve aos bispos que se empenhem diligentemente para que a sã doutrina sobre o purgatório, transmitida pelos santos padres e pelos sagrados Concílios. Seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda a parte (DH 1820).

A Igreja ensina que o purgatório é um estado, não lugar, para o qual migram as almas daqueles que morreram na amizade de Deus, não sendo ainda merecedores do céu devido as penas, nem tão pecadores que mereçam o inferno, ou seja, ficando num estágio intermediário. No Purgatório as almas sofrem penas purificadoras para que possam alcançar a graça de entrarem na alegria de Deus. O Purgatório não está ligado diretamente à falta, mas à pena. Todo o perdão que Deus concede extingue a falta, embora não apague a pena. Como já apresentamos anteriormente, ao tratar das indulgências.

Deste modo, torna-se mister compreender a diferença entre falta e pena. A falta está relacionada com o ato, a desobediência a Deus, ao pecado em si. A pena é consequência da falta, conforme o grau da falta, será o grau de pena. Contudo, estando à pessoa viva, reconhecendo e confessando suas faltas, sua alma sofre uma pena sobre o formato de penitência voluntária, ou seja, ela mesma paga, executando a pena. Tornando se uma obra meritória, dando-lhe méritos no céu. Aquelas almas que se encontram no Purgatório, não cometeram faltas depois na morte, mas, sim, em vida. A maior penúria que sofrem é não

<sup>328</sup> RATZINGER, Joseph. *Escatología. La muerte y la vida eterna*, p. 204.

<sup>329</sup> *Ibidem*. p. 205.

poderem visualizar Deus. Encontramos no Evangelho de Mateus: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!” (Mt 5,8)

Somente depois de totalmente purificados poderão ver a Deus. Dentro deste contexto que os sufrágios ajudam as almas no purgatório. Sufrágio é sinônimo de favorecimento. Quando a Igreja menciona sufrágios aos fiéis, significa toda forma de ajuda que pode ofertar a Deus por aqueles que se encontram no Purgatório. Sendo o purgatório parte do lugar intermediário, o sofrimento daqueles que se encontram neste espaço pode ser mitigado pelos sufrágios.<sup>330</sup> Diz, Jacques Le Goff, que a confiança da eficácia das orações de sufrágio pelos mortos demorou a consolidar entre os cristãos e que Agostinho contribuiu para duas crenças: “Os sufrágios pelos mortos supõem a constituição de longas solidariedades de um lado e de outro da morte e relações estreitas entre vivos e mortos”.<sup>331</sup>

### 3.4 A COMUNHÃO DOS SANTOS

Ao tratar do culto aos mortos como lugar teológico, a verdade sobre a comunhão dos santos é fundamental para compreender essa relação. Bruno Forte afirma que: “a Igreja é a comunhão dos santos”.<sup>332</sup> O termo “Comunhão dos Santos” aparece pela primeira vez na Igreja Católica no século IV, na explicação do Símbolo escrito por Dom Nicetas, bispo de Aquileia (DH 19). A Igreja primitiva usava várias profissões de fé que traziam a doutrina recebida dos Apóstolos.<sup>333</sup> Quase todas as profissões de fé continham o termo “Comunhão dos Santos”, a redação romana, mais antiga registrada é a carta de Marcelo de Ancira<sup>334</sup> ao Papa Júlio I, em 340,<sup>335</sup> que diz: “Creio... e no Espírito Santo, a santa Igreja Católica, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne, e a vida eterna. Amém” (CCE, n. 184).

---

<sup>330</sup> GOFF, Jacques Le. *O nascimento do purgatório*, p. 25.

<sup>331</sup> Idem.

<sup>332</sup> FORTE, Bruno. *Introdução à fé: Aproximação ao mistério de Deus*, p. 78.

<sup>333</sup> COLLANTES, Justo. *A fé católica*, p. 1216.

<sup>334</sup> Marcelo de Ancira foi um dos bispos presentes nos Concílios de Ancira e no Primeiro Concílio de Niceia. Ele foi o forte opositor do arianismo. Nasceu em 285 e morreu em 374.

<sup>335</sup> COLLANTES, Justo. *A fé católica*, p. 1216.

O Papa Leão XIII, ao falar da Comunhão dos Santos na encíclica *Mirae Caritatis*, em maio de 1902, descreve que a comunhão dos santos não é outra coisa senão a comunhão de auxílio, de expiação, de preces, de benefícios entre os fiéis já na pátria celeste, ou ainda entregues ao fogo purificador, ou peregrinando ainda na terra, construindo todos uma só cidade, cuja cabeça é Cristo, cuja forma é a caridade:

A comunhão dos santos nada mais é que uma participação mútua de ajuda, de expiação, de orações, de benefícios, entre os fiéis, ou triunfante na pátria celestial, ou sofrendo no fogo do purgatório. Ou mesmo peregrinos na terra, dos quais há apenas uma cidade, que tem Cristo na cabeça, e caridade por forma, sabemos pela fé que, embora o augusto sacrifício só a Deus possa se oferecer, podemos também celebrar em honra dos santos que reinam no céu com Deus, que os coroou.<sup>336</sup>

A comunhão dos santos evoca três referidos significados, segundo Bruno Forte: *Communio Sancti*, *Communio Sancta* e *Communio Sanctorum*. A primeira, *Communio Sancti*, significava a participação nas ‘coisas’ santas por ação do Espírito santificador de Deus. A segunda, *Communio Sancta*, era empregada na escuta da Palavra e na participação dos sacramentos. A terceira, *Communio Sanctorum*, aos batizados que, ricos nos dons do Espírito, formavam a comunhão dos santos.<sup>337</sup> O Concílio de Trento preferiu manter as três interpretações quando diz: “Os santos comungam das coisas santas, isto é, em comunhão com a Igreja, ouvem a Palavra, recebem os sacramentos, rezam e mutuamente se ajudam”.<sup>338</sup> Contudo, ambas estão relacionadas ao homem em comunhão com Deus que o santifica, demonstrando uma Igreja aberta ao Espírito Santo e suas obras, principalmente a partir do batismo.

Por força do batismo, o cristão é assemelhado a Cristo no Espírito, para glória do Pai, e chamado a reconhecer e acolher os dons que o Senhor lhe concedeu. Estes dons são chamados de ‘carismas’, porque são gratuitos, fruto da ‘graça’, isto é, da liberdade e da inventividade do Espírito, por este

---

<sup>336</sup> LEÃO XIII. *Mirae Caritatis*, n. 18. Vaticano: 1902. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf\\_1-xiii\\_enc\\_28051902\\_mirae-caritatis.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_1-xiii_enc_28051902_mirae-caritatis.html)> Acesso em: 10 set. 2017.

<sup>337</sup> FORTE, Bruno. *Introdução à fé: Aproximação ao mistério de Deus*, p. 78.

<sup>338</sup> VILAPLANA, Antonio. *La comunión de los santos*, p. 14.

dispensados com superabundante riqueza e destinados ao crescimento de todo o Corpo de Cristo.<sup>339</sup>

A participação de todos os batizados nesta comunhão torna-se mister, Bruno Forte menciona que não deveria existir entre os batizados desinteresse, divisão ou saudades da velha vida, somente desejo da vida futura.<sup>340</sup> Pois, a comunhão dos santos fundamenta-se na unidade entre os peregrinos que caminham na terra, vivendo retamente seu batismo com os irmãos que vivem na Glória, sendo estes modelo e auxílio.

A Igreja não se cansa de oferecer-nos, nos santos que proclama, aquele de que temos necessidade. Os santos são os companheiros de caminhada que tornam bela a senda, porque, conhecedores da humanidade como nós, já são peritos na paz futura e sabem guiar-nos melhor para Deus.<sup>341</sup>

Nessas dimensões de modelo e auxílio, Bruno Forte escreve a existência de três motivações para os peregrinos nos santos. A motivação *teológica*: aonde realização plena do homem ocorre vivendo eternamente no amor de Deus, pois toda santidade pertence e provem de Deus. A motivação *antropológica*: por meio da graça o homem vai descobrindo suas potencialidades e permite que realize seu desejo de viver em Deus. A motivação da *esperança*: na igreja celeste já se cumpriu o que a peregrina ainda espera, “para quem é peregrino, o santo testemunha a beleza da pátria, não para levar à fuga do tempo presente, mas para vivê-lo com espírito e coração de testemunhas da esperança”.<sup>342</sup>

No livro *Celebração dos santos e culto aos mortos*, os autores Antônio Bogaz e Ivanir Signorini<sup>343</sup> descrevem as mesmas motivações de Bruno Forte, contudo acrescentam uma quarta, a motivação *crisológica*: os santos servem e seguem a Cristo, alegram a Deus, pois, seus santos refletem a imagem luminosa de seu Filho, pois “Cristo é a coroa de todos os seus santos” (LG, nº 50).

---

<sup>339</sup> FORTE, Bruno. *Introdução à fé: Aproximação ao mistério de Deus*, p. 78.

<sup>340</sup> Ibidem. p. 79.

<sup>341</sup> Ibidem. p. 80.

<sup>342</sup> Ibidem. p. 81.

<sup>343</sup> BOGAZ, Antônio. SIGNORINI, Ivanir. *Celebração dos santos e culto aos mortos*, p. 38.

Descreve ainda o teólogo Bruno Forte,<sup>344</sup> em diversos momentos histórico da Igreja seus santos falam em contextos difíceis lançando luz sobre realidades de morte promovendo testemunho e gerando vida. Acrescentem ainda que o meio de união na comunhão dos santos entre o presente e a eternidade é a oração. Essa tradição ininterrupta da oração cristã, onde Cristo é o modelo e mediador, pois Ele “vive para sempre para interceder por nós” (Hb 7,25).

Recorrendo a Agostinho, render culto aos mortos não é idolatria, pois cultuar é uma maneira ritual de reverência e respeito. A adoração é um culto prestado somente a Deus, por meio de Jesus Cristo. “Não se pode negar que as almas dos defuntos sejam aliviadas pela piedade de seus parentes vivos, quando por elas é oferecido o sacrifício do Mediador ou quando são distribuídas esmolas na Igreja”.<sup>345</sup> Toda oração de sufrágio é expressão de comunhão dos vivos para os mortos. A oração tem ainda o poder de introduzir o homem na Trindade e aceita que a Trindade ingresse na sua existência. Dentro deste denso movimento trinitário ocorre a experiência da comunhão dos santos.<sup>346</sup>

A comunhão dos Santos para Antônio Bogaz e Ivanir Signorini é a unificação em Deus:

Pela fé, entramos na mística de Deus. Não se fala mais de passado, presente e futuro, vivos e mortos. Essa distinção não faz sentido aos olhos de Deus e do cristão. Portanto, olhemos para todos os fiéis vivos e mortos e que nascerão. Esses são os fiéis, os justos e seguidores de Deus, são uma unidade, uma comunhão, comunhão de espírito, comunhão de todos os santos de Deus. Portanto, quando falamos de seguidores de Deus, de seus justos santos, não podemos pensar somente nos vivos, mas incluímos os mortos e os que nascerão e os que estão no purgatório.<sup>347</sup>

A comunhão dos santos torna-se uma unidade em torno da Trindade. Uma comunhão com vínculos de amor, reverência, humildade e intimidade entre a criatura e o criador sem possibilidade de ocorrer confusão entre a natureza humana com a divina.

---

<sup>344</sup> FORTE, Bruno. *Introdução à fé: Aproximação ao mistério de Deus*, p. 82.

<sup>345</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 193.

<sup>346</sup> FORTE, Bruno. *Introdução à fé: Aproximação ao mistério de Deus*, p. 83.

<sup>347</sup> BOGAZ, Antônio. SIGNORINI, Ivanir. *Celebração dos santos e culto aos mortos*, p. 34.

## CONCLUSÃO

Pela morte termina o relacionamento físico entre as pessoas, mas não cessa o relacionamento espiritual. Isso é possível por meio da oração entre os vivos e os mortos, pela comunhão dos santos. Pela morte ocorre uma passagem da condição temporal deste mundo para a condição espiritual, não rompendo a relacionalidade entre ambas.

No tratado *O cuidado devido aos mortos*, Santo Agostinho mencionou que as orações de sufrágio podem ajudar as pessoas falecidas. Contudo, percebe-se grande riqueza de elementos para afirmar que o culto aos mortos também pode ser considerado um lugar teológico. O *locus theologicus* desenvolveu-se como um método para estudar a teologia como ciência, possuindo três colunas basilares: estar relacionado com a verdade, possuir grande valor antropológico para os homens e, principalmente, conter a presença salvífica de Deus. Procurou-se demonstrar continuamente no desenvolvimento desta dissertação essas três linhas: verdade, valor antropológico e salvação.

No primeiro capítulo, fundamentou-se que a humanidade tendeu a não olhar para a morte como um término, por acreditar que a existência humana continuava mesmo após a morte, construindo do mais simples memorial até a mais gigantesca pirâmide sepulcral em vista da outra vida. Os povos cultuavam seus mortos conforme suas culturas e tradições. Contudo, o povo israelita não reverenciava seus mortos, pois, o Deus de Israel é o Deus dos vivos e a morte estava em antagonismo a tudo aquilo que acreditavam. A morte era desprezada, para os israelitas significa somente uma coisa: o fim.

Com o passar do tempo uma primeira centelha de esperança na vida após a morte surge com a tribo israelita dos Macabeus, quando seu líder Judas Macabeu envia um dote para Jerusalém solicitando que rezem pelos seus soldados mortos em batalha. Na alvorada do cristianismo, o cuidado aos mortos tornou-se uma prática devota. Os primeiros mártires e santos irão receber sepultura, reverências e orações. Não se satisfazia somente depositar o cadáver na sepultura, mas era necessário cuidar da forma como celebrar o corpo que estava sendo sepultado. Surgiu a necessidade de se criarem ritos de despedida que pudessem expressar a fé na ressurreição e o cemitério tornou-se parte constitutiva da igreja. Nascia uma

relativa igualdade, não importava a condição social, livre ou escravo, cristão ou pagão. A Igreja e suas irmandades buscariam garantir sepultura para todos.

A oração une a criatura ao Criador, essa unidade é permeada pela intercessão, nesse contexto são os vivos que rogam a Deus pelos seus mortos, para que possam ter suas faltas perdoadas e encontrem morada na casa do Pai. Como afirmou o Bispo de Hipona, rezar diante da sepultura é crer na ressurreição.<sup>348</sup> A oração mais sublime para o Cristianismo tornou-se a Celebração da Eucaristia, com o passar dos séculos o rito da missa foi sofrendo acréscimos, como citar o nome das pessoas falecidas. Tempos depois surgirá uma missa própria para os mortos (*pro defunctis*) e uma data exclusiva no calendário litúrgico para rezar pelos mortos, 2 de novembro.

O surgimento e a evolução dos ritos de encomendação foram significativos. Pertencer a Cristo indica ser santo, comunhão que inicia no batismo e alcança seu ápice na vida eterna. Nessa comunhão dos santos, que é a troca de “favores” espirituais que ocorrem entre a Igreja Peregrina e a Igreja Celeste é realizada única e exclusivamente por meio de Jesus Cristo. No qual se pode reconhecer que a morte nunca foi encarada como um fim, a verdade é que o cristão sempre acreditou que a vida persiste.

No segundo capítulo, abordou-se o pensamento de Santo Agostinho sobre o cuidado devido aos mortos. Ele foi indagado, numa carta do Bispo Paulino, com a seguinte pergunta: O morto sendo sepultado ao lado do túmulo de um mártir, recebe algum favor espiritual?<sup>349</sup> Em torno deste questionamento Agostinho escreve um tratado: *O cuidado devido aos mortos*. Em síntese Agostinho diz que aos mortos podemos ajudar de três maneiras, com orações pessoais, com a celebração eucarística e os atos de caridade. Menciona ainda, que sepultar é uma obra religiosa e rezar junto à sepultura tem grande valor espiritual. Pois toda a graça e bênção provem de Deus. Todo o sofrimento e a morte devem ser configurados em Cristo. Destes três elementos: proximidade, sepultura e oração; somente o primeiro é desclassificado por Agostinho: a sepultura torna-se memorial e a oração intercessão.

Viu-se que o bispo de Hipona classifica morte em três segmentos. A morte espiritual, pelo pecado ficando separado de Deus, morte corporal quando a pessoa morre fisicamente e morte total quando o espírito e o corpo morrem. Para Agostinho, a pior das mortes é a espiritual, pois em toda a criação somente o homem é dotado de alma e esta tem

---

<sup>348</sup> TERRA, João. *Os mistérios da vida de Jesus*. p. 198.

<sup>349</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 143.



potencialidade de conduzir para Deus. Ele não despreza ou rebaixa o corpo, sendo criado por Deus, logo, é bom. Quanto aos mortos os divide em três grupos: muito bons, estão na glória, não tão maus, se encontram no purgatório e os muito maus, se condenaram. Cada um deles traz consigo o tempo da memória, os registros de seus atos, equivalente a autoconsciência. Na ressurreição do corpo Agostinho formaliza seu pensar a partir dos textos bíblicos de São Paulo, realizando um paralelo comparativo da morte e ressurreição de Cristo com a morte e ressurreição do homem.

No cuidado devido ao cadáver, o bispo de Hipona, salienta a dignidade do corpo, pois ele é parte constitutiva da natureza humana e possui grande valor. Logo após a morte ocorre um juízo particular, onde se pode ganhar o céu, o purgatório ou a segunda morte, o inferno. A pessoa diante de Deus com seu tempo da memória, suas “ações no tempo” para receber seu prêmio pela vida que viveu. Segundo Agostinho, o destino final, a vida eterna é impossível sem a graça de Deus, nesta “Cidade do Alto”, não existe o mal, impera a felicidade e santidade. Contudo o pecado impede alguns homens de conseguirem alcançar essa graça, muitos podem alcançar pelo remédio do purgatório, mas outros terminam no fogo eterno, a segunda morte, a pior descrita por ele. Buscou-se demonstrar aqui os elementos antropológicos.

No terceiro capítulo, trabalhou-se para demonstrar que o culto aos mortos pode ser considerado um lugar teológico, afirmando que o verdadeiro sentido teológico da morte é: morrer na graça como único meio para retornar ao paraíso perdido pelos nossos primeiros pais. Muitos encaram a morte ainda como um castigo, a morte é fruto do pecado original, mas a morte é meio para a eternidade. Agostinho assegura que não é a fé do homem que sente medo da morte, mas a sua natureza humana.<sup>350</sup> Salientou-se, ainda, que cinco palavras relacionadas com a morte do homem são importantes: criação, graça, pecado, redenção e escatologia. Também que Cristo assumindo a condição humana, tornou-se mortal para nos salvar pela sua morte. Somente ele por sua condição divina poderia realizar nossa redenção, pois, como a morte é a manifestação visível do pecado no mundo, Cristo é a manifestação da misericórdia.

Evidenciou-se ainda que o homem sempre sentiu necessidade de sepultar os seus mortos e reverenciá-los. Pois, o corpo quando animado pela alma em vida é pleno, com a morte torna-se um cadáver, mas não perde sua dignidade, sendo criado por Deus o corpo é

---

<sup>350</sup> SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*, p. 194.

bom e meio para alcançarmos a salvação. Os sacramentos são bens espirituais, mas realizados no corpo. Mesmo o corpo tornando-se um cadáver conserva sacralidade, superando o dualismo corpo e alma. O culto da memória aos mortos pode ser horizontal ou vertical. Na horizontal é meramente humana, social, ateia. Na vertical é comunitário, espiritual, com o transcendente. Destacando, também, que uma das dimensões do amor é a presença. A morte geralmente ocorria no lar, bem como o velório. Com a evolução médica a morte tornou-se um morrer solitário. O velório é um rito de despedida, não encontro para maldizer a morte. Agostinho afirmou no velório de Mônica:

Não nos parecia justo celebrar o funeral com lamentos e choros, pois essas demonstrações servem usualmente para deplorar a morte como infelicidade ou como aniquilamento total, ao passo que essa morte não era uma desgraça, nem era para sempre.<sup>351</sup>

Salientou-se ainda que os ritos de exéquias devam expressar e celebrar claramente o sentido pascal da morte levando em conta a realidade pastoral sempre exaltando a ressurreição dos mortos. Suas sepulturas são memórias, diante das quais os vivos prestam sua homenagem, principalmente com orações, pois sepultar é um ato de amor, religioso e escatológico. O ato de cremar e depositar no columbário não foge deste mesmo conceito.

Ainda, se fala que oração pessoal é preciosa, contudo a comunitária é mais elevada ainda. A missa de sétimo dia e a missa de finados tornam-se dois momentos privilegiados para recomendar os mortos. Que o culto é um ato religioso que expressa um desejo espiritual para Deus. Esta dimensão de oração intercessão é denominada comunhão dos santos, pois, a Igreja é a comunhão dos santos.<sup>352</sup>

Quanto ao purgatório, estado de purificação realizado por meio do “fogo” amoroso de Deus para que possam habitar junto Dele, aqueles que se encontram no tempo intermediário, denominado por Agostinho, Moltmann o descreveu como “tempo do amor”.<sup>353</sup> Sendo o pecado a incapacidade de amar, Jesus é enviado pelo Pai para redimir o homem e ensiná-lo a amar.

---

<sup>351</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 259.

<sup>352</sup> FORTE, Bruno. *Introdução à fé: Aproximação ao mistério de Deus*, p. 78.

<sup>353</sup> BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem...: A parusia na escatologia cristã*, p. 120.

Enfim, pode-se constatar, que o resultado principal da pesquisa, possui profundos elementos e fundamentações no tratado de Agostinho: *De Cura pro Mortuis Gerenda*. Pois, como fora demonstrado, o culto aos mortos é permeado por elementos como: oração, pranto, velório, exéquias, sepultamento, memorial, missa, luto, comunhão dos santos, purgatório; todos esses elementos são mencionados e trabalhados por ele. Sem exceção, todos são ricos em verdade, sentido antropológico e possuem elementos salvíficos. A originalidade deste trabalho foi trazer à luz a importância da obra, *O cuidado devido aos mortos*, pois esse tratado foi a primeira pedra fundamental no desenvolvimento posterior da escatologia. O maior aspecto consiste em saber que o culto aos mortos é um lugar de encontro com Deus, logo, é um lugar teológico. O grande desafio para a teologia é humanizar a morte, sinônimo que a sociedade e a vida devem serem humanizadas.

Torna-se mister encontrar uma forma de reconciliar o homem com a morte, mostrar que esta é condição intrínseca do viver. Como e quando ela acontece pode ser incerto, mas, a morte em si não deveria ser. Constantemente deve estar no horizonte de nosso viver como um encontro que se concretizará. Deve-se estabelecer um relacionamento lúcido com a morte, não angustiante, consciente e não doentio, uma dimensão da vida a ser abraçada. O ato de morrer é natural, assim deveria ser tratada a morte: com humanidade; não com desprezo, no isolamento, na solidão, em segredo, tornando a morte algo desumano e cruel. Pois, “humanizar a morte significa, saber enfrentar a dor da separação que ela traz consigo”.<sup>354</sup> Para a humanização da morte o grande esplendor a ser redescoberto é a ressurreição. Somente nela será encontrado o sentido no viver, será encontrada a paz, recriando o mundo e o tornando humano. Um mundo de seres humanos e não de feras. Um lugar para viver e não simplesmente esperar a morte.<sup>355</sup>

Agostinho certa ocasião disse: “Beleza tão antiga e tão nova, tarde te encontrei, tarde te amei”.<sup>356</sup> Realmente a Igreja possui muitos tesouros que ela própria desconhece, o rito pelos mortos é um destes tesouros no qual se pode conhecer o grandioso amor de Deus por suas criaturas.

---

<sup>354</sup> RICCA, Paolo. *Il Cristiano davanti alla morte*, p. 50.

<sup>355</sup> Ibidem. p. 52.

<sup>356</sup> SANTO AGOSTINHO. Confissões, livro X, nº 27, p. 299.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDAZÁBAL, José. *Celebrar la muerte com otro lenguaje*. Phase, Barcelona: v. 19, n. 110, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ALTANER, Berthold. *Patrologia*. 6.ed. Torino: Editrice Marietti, 1961.
- ANCONA, Giovanni. *Escatologia Cristiana*. Brescia (Itália): Queriniana, 2003.
- ARAÚJO, Thiago Nicolau. *O que amamos não esquecemos: Cemitério, finitude, teologia*. Lisboa: Chiado, 2016.
- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Volume 6. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- AUER, Johann. *Curso de Teología Dogmática*. Tomo IX: RATZINGER, Joseph. *Escatología: la muerte y la vida eterna*. 3. ed. Barcelona: Editorial Herder, 1992.
- BALTHASAR, Hans Urs von. *Vida a partir da morte. Meditações sobre o mistério pascal*. São Paulo: Paulus, 2016.
- BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.
- BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*. São Paulo: Paulus, 1996.
- BELLOSO, José Maria Rovira. *Introducción a la teologia*. Madrid: BAC, 1996.
- BENTO XVI. *O homem em oração. Alocuções sobre a prática da oração cristã*. São Paulo: Quadrante, 2012.
- BIBLIA SAGRADA. *Tradução da CNBB*. 8.ed. Brasília: CNBB, 2008.
- BLANK, Renold J. *Reencarnação ou ressurreição: uma decisão de fé*. São Paulo: Paulus, 1995 (Teologia hoje).
- \_\_\_\_\_. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*. São Paulo, Paulus, 2000 (Coleção Teologia sistemática).
- \_\_\_\_\_. *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus (Escatologia II)*. São Paulo: Paulus, 2001 (Teologia sistemática).
- BOFF, Clodovis. *Escatologia: breve tratado teológico-pastoral*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O livro do Sentido: volume 1 – Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOGAERT, Pierre-Maurice. DELCOR, Matthias. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola, Paulinas, Paulus e Academia Cristã, 2013.

- BOGAZ, Antônio. HANSEN, João Henrique. *Creio na comunhão dos santos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOGAZ, Antônio. SIGNORINI, Ivanir. *Celebração dos santos e culto aos mortos*. Aparecida: Santuário, 2008.
- BONDAN, Fernando José. *Lecionário Patrístico dominical*. Petrópolis : Vozes, 2013.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Sanctorum communio*. Brescia (Itália): Queriniana, 1994
- BROUARD, Maurice. (Org.) *Eucharistia, enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BROWN, Raymond. FITZMYER, Joseph. MURPHY, Roland. *Novo comentário bíblico de São Jerônimo – Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Novo comentário bíblico de São Jerônimo – Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011.
- BROWN, Peter. *Santo Agostinho, uma bibliografia*. 7.ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2012.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem...: A parusia na escatologia cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ritual de exéquias*. Caxias do Sul: Edição própria, 2014.
- BRUSTOLIN, Leomar. PASA, Fabiane. *A morte na fé cristã: uma leitura interdisciplinar*. Porto Alegre: Revista Teocomunicação, v.43. nº 1. p, 54-72. Jan/jun 2013
- CARDEDAL, Olegario González de. *Sobre la muerte*. 2.ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003
- CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.
- CATROGA, Fernando. *O céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva Editora, 1999.
- COENEN, Lothar. BROWN, Colin. (Org) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 Volumes. 2. Ed. São Paulo, Vida Nova, 2000.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA GAUDIUM ET SPES. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- CECHINATO, Luiz. *A missa parte por parte*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CERFAUX, Lucien. *O cristão na teologia de Paulo*. Santo André - SP: Academia Cristã e Paulus, 2015
- COCCOPALMERIO, Francesco Cardenal. *A Paróquia: entre o Concílio Vaticano II e o Código de Direito Canônico*. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 2001.
- COLLANTES, Justo. *A fé católica: documentos do magistério da Igreja*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.

- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Algunas cuestiones actuales de escatología*. Vaticano: [1990]. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1990\\_problemi-attuali-escatologia\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1990_problemi-attuali-escatologia_sp.html)>. Acesso em: 19 mar. 2018.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *As Constituições do Vaticano II: ontem e hoje*. Brasília, Edições CNBB, 2015.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. São Paulo: Edameris, 1961.
- DANIEL-ROPS. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo, Quadrante, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A Igreja nos tempos bárbaros*. São Paulo, Quadrante, 1991.
- DANIÉLOU, Jean. MARROU, Henri. *Nova História da Igreja, dos primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- DEN HEYER, C.J. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- DENZINGER, Heinrich – HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2015.
- DI BERNARDINO, Angelo. (Org.) *Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- DÍAZ, José Luis Sicre. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 9.ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- DODARO, Robert. *Cristo e a sociedade no pensamento de Agostinho*. Curitiba: Scripta Publicações, 2014.
- DONNER, Herbet. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FALBO, Giovanni. *Santa Mônica: Modelo de vida familiar*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FAUS, Francisco. *A ressurreição e a esperança cristã*. São Paulo: Quadrante, 2015.
- FIGUEIREDO, Fernando Antônio. *Introdução à patrística: Vida, obras e doutrina cristã nos primeiros anos da Igreja*. Petrópolis, Vozes 2009.
- FITZGERALD, Allan. (Diretor) *Diccionario de San Agustín. San Agustín a través del tempo*. Burgos (Espanha): Monte Carmelo, 2001.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Reportagem sobre o dia de finados. p. C11. 2 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2011/11/02/15//5732543>>. Acesso em: 19 mar. 2018.
- FONSECA, Joaquim. *Música ritual de exéquias, uma proposta de inculturação*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010.
- FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus, Deus da história, ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à fé: Aproximação ao mistério de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O mendicante do céu*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FRIES, Heinrich, *Dicionário de teologia. Conceitos fundamentais de teologia atual*. 2.ed. Vol.3. São Paulo: Loyola, 1987.

- GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus e Discurso Editorial, 2007.
- GOEDERT, Valter Maurício. *Teologia do batismo. Considerações teológico-pastorais sobre o batismo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- GOFF, Jacques Le. *O nascimento do purgatório*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GOMES, Cirilo Folch. *Antologia dos santos padres*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GONZÁLES, Ángel. LAMADRID, Antonio. GALLEGO, Epifanio. *Comentários à Bíblia Litúrgica*. Palheira (Portugal): Gráfica de Coimbra 2, 2007.
- GOURGUES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GRÜN, Anselm. *A cruz, a imagem do ser humano redimido*. São Paulo: Paulus, 2009.
- GOZZELINO, Giorgio. *Angeli e demoni*. Torino: San Paolo, 2000.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo, manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Jesus Cristo, nosso redentor. Iniciação à Cristologia como Soteriologia*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- HAHN, Scott. FLABERTY, Regis. *A Sagrada Escritura no mistério da santa missa, razões para ser católico*. São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2008.
- HAHN, Scott. *O banquete do cordeiro. A missa segundo um convertido*. São Paulo: Editora Cléofas e Loyola, 2014.
- HAMMAN, Adalbert. *Os padres da Igreja*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- HAWFHORNE, Gerald. MARTIN, Ralph. REID, Daniel. (Org.) *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008.
- JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Hagnos, 2008.
- PARKES, Colin Murray. *Luto, estudo sobre a perda na vida adulta*. 3.ed. São Paulo: Summus Editorail, 1998.
- JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II ao Bispo de Autum, Châlon e Mâcon, Abade de Cluny*. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19980602\\_cluny.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1998/documents/hf_jp-ii_let_19980602_cluny.html)>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Fides et ratio*. Carta encíclica. São Paulo, Paulinas, 1998.
- JOÃO PAULO II. *Jornal L'Osservatore Romano*, n. 45, de 10/11/91.
- JORDÃO, Eduardo Antônio. *Agostinho: educação e fé na Cidade de Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (Coleção Educação e Conhecimento).
- JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- KAMPER, Dietmar. *Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...* São Paulo: Paulus, 2016 (Coleção Filosofia e comunicação).
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012 (Coleção Theologia Pública, 8).

- KULIK, Bogdan Konstanty. *L'uomo alla luce dell'escatologia in Hans Urs von Balthasar*. Warszawa (Polônia): Kazimierz Biskupi, 2014.
- La PALMA, Luis de la. *A paixão do Senhor*. 2.ed. São Paulo: Factash Editora, 2011.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2004.
- LADARIA, Luis F. *A Trindade: mistério de comunhão*. São Paulo: Loyola, 2009 (Theologica).
- LEÃO XIII. *Mirae Caritatis*. Vaticano: [1902]). Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_28051902\\_mirae-caritatis.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_28051902_mirae-caritatis.html)>. Acesso em: 10 set. 2017.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Esperança e escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Lugar atual da morte: Antropologia, medicina e religião*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- LEHMANN, João Batista. *Na luz perpétua*. 5.ed. V1. Juiz de Fora, Editora Lar Católico 1959.
- LITURGIA das Horas. Ofício Divino renovado conforme o Decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI. Trad. para o Brasil da segunda ed. típica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1995.
- LOHFINK, Gerhard. *Jesus de Nazaré. O que Ele queria? Quem Ele era?* Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis - RJ: Vozes, 2015.
- McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 10.ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- MANZATTO, Antonio. *De esperança em esperança: escatologia*. São Paulo: Paulus, 2009 (Coleção Teologia sistemática).
- MARGUERAT, Daniel. (Org.) *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. 2.ed. São Paulo: Vozes, 2012.
- MATHEUS, Letícia. *Memória e identidade segundo Candau*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez. 2011.
- MATOS, Manuel Alberto Pereira de. *Ressuscitarão os mortos?* Horizontes da escatologia cristã. Lisboa: Paulus, 2013.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo. *A foice da lua no campo das estrelas. Ministras exéquias*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MISSAL Romano. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa da 2. ed. Típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acrésc. aprov. pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1972.
- MOLTMANN, Jürgen. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*. São Paulo, Loyola, 2007.
- MORIONES, Francisco. *Teología de San Agustín*. Madrid: BAC, 2004.
- MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica: teoria e prática da teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- NOSSA PÁSCOA. *Subsídios para a celebração da esperança*. São Paulo: Paulus, 2003.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus, Aproximação Histórica*. 6. ed., Petrópolis: Vozes, 2013. *Historia salutis*. Madrid, BAC, 1992.



PARKES, Colin Murray. *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. 3.ed. São Paulo: Summus, 1998.

PAULO VI, Papa. *Indulgentiarum Doctrina: Manual das indulgências, Normas e concessões*. São Paulo: Paulinas, 1990.

PAULO VI. *Indulgentiarum Doctrina: sobre a doutrina das indulgências*. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_p-vi\\_apc\\_01011967\\_indulgentiarum-doctrina.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_01011967_indulgentiarum-doctrina.html)> Acesso em: 10 set. 2017.

RAHNER, Karl, *Sentido teológico de la muerte*. Barcelona: Editorial Herder, 2010.

RATZINGER, Joseph. *O novo Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. São Paulo: Editorial Herder, 1970.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011.

\_\_\_\_\_. *Escatología. La muerte y la vida eterna*. Barcelona: Editorial Herder, 1992.

\_\_\_\_\_. *Obras completas X, resurrección y vida eterna*. Madrid: BAC, 2017.

REFLEXÕES sobre a visita aos cemitérios. Disponível em:

<<http://www.veritatis.com.br/reflexoes-sobre-a-visita-aos-cemiterios>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

RIGO, Kate. *Vamos começar pelo fim?* Lisboa: Chiado, 2016.

RÖMER, Thomas. MACCHI, Jean-Daniel. NIHAN, Christophe. (Org.) *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. 2.ed. São Paulo: Vozes, 2015.

RODRIGUES, Marcelo. Origem da palavra: pedir. Disponível em:

<<http://origemdapalavra.com.br/palavras/pedir>> Acesso em 10 abr. 2017.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Ad resurgendum cum Christo: a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação*. Vaticano: 2016. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20160815\\_ad-resurgendum-cum-christo\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html)>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta sobre algumas questões respeitantes à escatologia*. Vaticano: 1979. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19790517\\_escatologia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790517_escatologia_po.html)>. Acesso em: 13 jun. 2017.

SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. 3 volumes. São Paulo: Edameris, 1964.

\_\_\_\_\_. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. *A trindade*. São Paulo: Paulus, 1994 (Patrística, 7).

\_\_\_\_\_. *O livre-arbítrio*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1995 (Patrística, 8).

\_\_\_\_\_. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997 (Patrística, 10).

\_\_\_\_\_. *A Graça*. Livro 1. São Paulo: Paulus, 2014 (Patrística, 12).

\_\_\_\_\_. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002 (Patrística, 17).

\_\_\_\_\_. *O cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002 (Patrística, 19).

- SARTORE, Domenico. ACHILLE, Triacca (Org.). *Dicionário de Liturgia*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1992.
- SAPATTINI, Heitor. *A morte não existe mais!* São Paulo: Loyola, 2002.
- SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. 4.ed. V1. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. 5.ed. V2. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- SECRETARIADO Nacional de Liturgia. *A beleza da Liturgia, proposta para celebrações dignas*. Fátima – Portugal: Gráfica de Coimbra, 2012.
- SESBOÛÉ, Bernard. WOLINSKI, J. *O Deus da Salvação (séculos I – VIII)*. Tomo 1. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- SESBOÛÉ, Bernard. LADARIA, L. GROSSI, V. LÉCRIVAIN, Ph. *O homem e sua Salvação (séculos V - XVII)*. Tomo 2. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- SCHMAUS, Michael. GRILLMEIER, Alois. SCHEFFCZYK, Leo. *Historia de los dogmas. Los ángeles*. Tomo II. Madri. BAC, 1973.
- SCHMAUS, Michael. GRILLMEIER, Alois. SCHEFFCZYK, Leo. *Historia de los dogmas. El método teológico*. Tomo I. Madri. BAC, 1977.
- STADELMANN, Luís Inacio João. *Morte como descanso eterno*. São Leopoldo: Unisinos, 2014.
- TERESA D'ÁVILA. *Castelos interiores ou moradas*. São Paulo: Paulus, 1981.
- TERRA, João Evangelista Martins. *Os mistérios da vida de Jesus*. 2.ed. São Paulo: Ave-Maria 2011.
- TERRIN, Aldo Natale. *O rito, antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004.
- TÓTH, Veremundo. *A comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 1989.
- VAIL, Anne. *História do rosário*. São Paulo: Loyola, 1998.
- VAZ, Eurides Divino. *Uma reflexão sobre céu, inferno e purgatório*. 2.ed. Petrópolis, Vozes 2005.
- VILAPLANA, Antonio. *La comunión de los santos*. Madrid: BAC, 1985.
- VIORST, Judith. *Perdas necessárias*. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- ZÁGARI, Maurício. *O fim do sofrimento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.
- ZILLES, Urbano. *Esperança para além da morte*. Porto Alegre: EST, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Os sacramentos da Igreja Católica*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Significação dos símbolos cristãos*. 7.ed. Porto Alegre: EST, 2018.
- WETZEL, James. *Compreender Agostinho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 (Série Compreender).





Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)